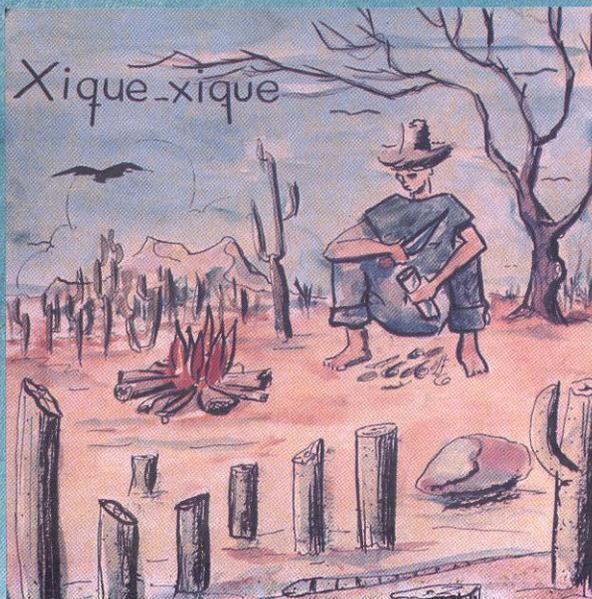


CARLOS LYRA

AS QUARENTA HORAS DE ANGICOS:

uma experiência
pioneira de educação



 CORTEZ
EDITORA

(...) "Quebramos uma série de tabus metodológicos. Superamos a Escola pelo que nós chamamos Círculo de Cultura; o Aluno, pelo Participante de Debates; a Aula pelo Diálogo; o Programa Acadêmico por Situações Sociológicas desafiadoras, que pomos diante dos grupos com quem debatemos e de quem arrancamos uma sabedoria que existe e que é, esta sabedoria, opinativa e existencial do povo."

Paulo Freire, em Angicos, 40ª hora, 2 de abril de 1963.

(...) "Angicos teve um papel pedagógico enorme sobre nós. Angicos nos formou e reformou. Não foi a gente que chegou e educou o povo, não! A gente chegou, assustou-se, espantou-se e aprendeu. Agora, como ninguém aprende só, ao aprender ensina, a gente ensinou ao povo."

Paulo Freire, em Angicos, 28 de agosto de 1993.

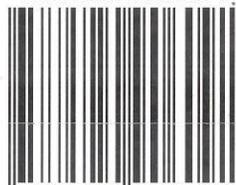
"Quem, de qualquer ponto do país ou do exterior, chegasse a Natal, em 1963, certamente seria contaminado pelo clima de participação e entusiasmo que dominava o Estado, contagiava o Nordeste e outras unidades do Brasil. O acontecimento gerador de tamanhas expectativas estava localizado em Angicos, centro geodésico do Rio Grande do Norte, a 200 quilômetros da capital.

(...) "Por Angicos passaram observadores e especialistas em educação nacionais e internacionais, enviados especiais de jornais e revistas brasileiras, correspondentes da América Latina, dos Estados Unidos, da Europa, da União Soviética, do Japão, do Egito, de Israel e, dentre estes, notáveis jornalistas do *New York Times*, do *Time Magazine*, do *Herald Tribune*, do *Sunday Times*, do *Le Monde*, do *United* e da *Associated Press*, sem que a pacata cidade, à beira do rio Pataxó, perdesse sua calma.

Naquela tórrida comunidade do sertão norte-rio-grandense foram ensaiados e amadurecidos os primeiros passos de um projeto avançado de educação de base."

Calazans Fernandes, Secretário de Educação (RN), em 1963.

ISBN 85-249-0609-X



9 788524 906091

 CORTEZ
EDITORA

CARLOS LYRA

AS QUARENTA
HORAS
DE ANGICOS:
uma experiência
pioneira de educação

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Lyra, Carlos
As Quarenta horas de Angicos : uma experiência pioneira de educação /
Carlos Lyra. -- São Paulo : Cortez : 1996.

ISBN 85-249-0609-X

1. Planejamento educacional - Angicos I. Título.

96-0921

CDD-370.98132

Índices para catálogo sistemático:

I. Angicos, RN : Projeto educacional : Educação 370.98132

As quarenta horas de Angicos: uma
experiência pioneira de educação
Carlos Lyra

Capa: DAC
Preparação de originais: Marise S. Leal
Revisão: Ana Maria Barbosa
Composição: Dany Editora Ltda.

Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou duplicada sem autorização
expressa do autor e do editor.

© 1996 by Autor

Direitos para esta edição
CORTEZ EDITORA
Rua Bartira, 387 — Tel.: (011) 864-0111
05009-000 — São Paulo — SP

Impresso no Brasil — abril de 1996

SUMÁRIO

Apresentação	
Calazans Fernandes	7
Introdução	
“Meninos, eu vi!”	11
Angicos	
Luiz Lobo	19
1 — A experiência de Angicos	21
2 — Alfabetização	33
3 — O dilema: “matar a fome da cabeça” ou encher a barriga	61
4 — “E agora, José?”	85
5 — A decisão de encerrar	107
Anexo 1: Angicos: um breve histórico	147
Anexo 2: O projeto: esclarecimentos da direção executiva do Serviço Cooperativo de Educação do Rio Grande do Norte (SECERN)	151
Anexo 3: A pesquisa e o universo vocabular	157

Anexo 4: Médias dos testes de alfabetização e politização	165
Anexo 5: Entrevista de Paulo Freire a Carlos Lyra	173

SUMÁRIO

Apresentação	
Carlos Lyra	
Introdução	
"Mestres do Voz"	
Angela	
1 - A experiência de Angela	
2 - A experiência de Angela	
3 - O dilema: "mestres do voz" ou "mestres do silêncio"	
4 - O dilema: "mestres do voz" ou "mestres do silêncio"	
5 - O dilema: "mestres do voz" ou "mestres do silêncio"	
6 - O dilema: "mestres do voz" ou "mestres do silêncio"	
7 - O dilema: "mestres do voz" ou "mestres do silêncio"	
8 - O dilema: "mestres do voz" ou "mestres do silêncio"	
9 - O dilema: "mestres do voz" ou "mestres do silêncio"	
10 - O dilema: "mestres do voz" ou "mestres do silêncio"	

APRESENTAÇÃO

[...] seria importante uma análise mais densa da própria proposta educacional, uma avaliação de seus resultados e uma interlocução com o universo pedagógico contemporâneo.

*Marta Kohl de Oliveira**

A rememoração de uma história, na qual o narrador figura como ator principal, pode resvalar na parcialidade na seleção dos fatos, impor um caráter íntimo às ações, atribuir colorido especial aos personagens de maior simpatia ou negar o direito de voz a quem desmerece por conveniência ou preconceito.

O tempo costuma, porém, correr em socorro do resgate da história. Se uma memória histórica é tão-somente mitológica, outros sujeitos e vozes, com participação nos eventos, podem se decidir a desvendar aspectos ainda pouco conhecidos, a iluminar pontos obscuros e a nomear outros agentes ativos da cadeia, desde a tomada de decisão até os menores detalhes da construção do processo.

A consciência coletiva desperta a implacável intervenção do tempo. Quando isso acontece, o sopro aviventador fustiga

* Professora da Faculdade de Educação da USP, em artigo publicado na *Folha de S. Paulo*, 29-01-95.

as histórias dadas como verdades prontas, impõe modos mais abrangentes e mais participativos de reconstrução da memória.

Quanto mais alargados os horizontes, mais reacendidas as lembranças nas cores dos contextos sociológicos e políticos de então, mais vozes de atores em cena.

Este parece ser o caso do denominado método Paulo Freire de alfabetização. Passados trinta e três anos de sua implantação, em Angicos, na caatinga escaldante no Rio Grande do Norte, ultimamente ele vem sendo recheado de novas, consistentes e surpreendentes revelações.

Entre aparições de rostos iluminados e festejos eufóricos do sucesso de Angicos, alardeado pela grande imprensa brasileira e internacional, em 1963, a história do Brasil entrava, irremediavelmente, na contramão, em 1964.

Quando os aplausos ainda ecoavam lá fora e os tribunais da repressão se instalavam aqui dentro, Paulo Freire seguia na rota do exílio a falar da descoberta pedagógica. E, pelas três décadas seguintes, guiado pelo emblema de Angicos, continuou a falar da proposta salvadora para os 55 países do mundo por onde andou.

Afinal, liberto de afazeres profissionais ininterruptos, após quarenta anos de militância jornalística, e estimulado por companheiros de imprensa e pela cobrança sistemática de duas gerações de interlocutores, em janeiro de 1995, decidi-me por contar, em livro, escrito em três meses, em parceria providencial com minha filha, a historiadora Antonia Terra, o que somente eu poderia explicar por inteiro:

1. o que e como foram aqueles dois anos como secretário de Educação do Rio Grande do Norte (1961-1963), onde, quando e como, em plena travessia para os anos de chumbo subsequentes, sendo um simples jornalista, sem nenhuma vocação política, idealizei e implantei a experiência pioneira de alfabetização de Angicos (*40 Horas de Esperança*, Editora Ática) que, tendo sido bem-sucedida diante dos recursos pe-

dagógicos disponíveis na época, perpetuou-se na história da Educação brasileira com o nome de Paulo Freire; e

2. quais, como e por que fatores de toda ordem interferiram, nos anos 60, na realização de projetos educacionais no Nordeste, onde o fermento social à beira da explosão determinou que a região fosse escolhida para receber, prioritariamente, no advento do golpe militar de 1964, os recursos da ajuda americana, idealizada pelo presidente Kennedy, a Aliança para o Progresso, sob os auspícios da USAID.

Agora levanta-se outra voz, a do prof. Carlos Augusto Lyra Martins, que, para a Secretaria da Educação, coordenou os trabalhos pedagógicos de Angicos e deles produziu, com suas próprias mãos, os materiais instrucionais formadores de letras, de fonemas, de paredes inteiras de palavras e sentenças-chave. Este seu livro, lançado pela Cortez, é a reprodução aqui possível mais fiel das atividades desenvolvidas e aperfeiçoadas, nos idos de 1963, dentro das condições políticas mais adversas daquela comunidade sertaneja.

Como professor da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como fotógrafo renomado, diretor de TV e documentarista presente nos principais acervos do Nordeste, o autor reuniu sua formação acadêmica às suas reconhecidas qualidades artísticas e, nesta obra caracterizada por absoluto ineditismo, está ressuscitando, com toda humildade do seu temperamento pesquisador, para o mundo dos vivos e principalmente para os professores de Educação amantes da prática da verdade, os seus antigos alunos, as camponesas, os camponeses, os prisioneiros da cadeia pública, meninos e velhos de Angicos, nunca lembrados, para neles reconhecer os autênticos tributários de todos os méritos e mitos, por terem sido eles os verdadeiros fundadores do método das 40 horas de esperança.

Este é o segundo lançamento, em dois anos, sobre o tema específico, que não se esgota aí e continua à espera de novos autores. Os baús de Angicos permanecem cheios de documentos salvados da caça à bruxas, em 1964, entre Natal, Recife,

Brasília, São Paulo, Nova York e os fundos de igrejas dos sertões de dentro. Na seqüência, deverão seguir pelo menos mais dois testemunhos detentores de conhecimentos e de segredos de vital importância para a leitura completa da esfinge de Angicos. Se vale a pena, que floresçam todas as flores.

Calazans Fernandes

INTRODUÇÃO

“Meninos, eu vi!”*

Carlos Lyra

1964. Idos de abril. A imprensa alardeava com insistência: visitem...

Havia uma informação de que meu nome estava em evidência. Não resisti. Temeroso, fui observar, no pavilhão que a Prefeitura construía na praça André de Albuquerque, junto ao Palácio do Governo do Estado, o “material subversivo” apreendido. Em destaque, em uma bancada no centro da exposição, este trabalho, “A Experiência de Angicos”, ladeado pelo *O Capital*, de Karl Marx, e *Recordação da Casa dos Mortos*, de Dostoievsky...

Conseqüências?! Em Angicos, os alunos rasgaram ou queimaram todos os seus cadernos. Em Mossoró, onde a experiência foi aprimorada, um dos líderes políticos da época, senador Duarte Filho, foi pessoalmente à casa de várias coordenadoras, filhas de amigos seus, recomendar a “queima” dos

* I-Juca-Pirama.

arquivos pessoais. De Angicos, Caicó, Macau, Mossoró, Natal, nada, ou quase nada, restou.

Devo ao irmão da minha madrastra, Antônio Guedes Filho, que me permitiu usar o sótão de sua casa, a existência, hoje, de toda esta documentação: relatórios, pesquisas, entrevistas, cartas, bilhetes e páginas de cadernos de alunos, anotações dos coordenadores, *slides* e fichas (desenhos) das palavras geradoras, fotografias, gravações de aulas, das reuniões, dos cursos, depoimentos, enfim, os originais de tudo que foi realizado no Rio Grande do Norte e outros Estados em que a equipe de Angicos teve participação.

Muito se escreveu, depois, sobre as acontecimentos de Angicos. Teses e mais teses, fundamentadas em escassas informações, foram laureadas em todo o mundo. Angicos invadiu a imaginação acadêmica. Mas que fazer? A realidade de 1964 perdurou por longo tempo, e para cada pesquisador que procurava o grupo de Angicos o tratamento não podia ser outro: falar pouco e cuidadosamente, ou simplesmente não falar. Pessoalmente, sempre imaginava alguém do SNI, ou — quem sabe! — até da CIA. Abri uma exceção, em março de 1980, para o professor Celso Beisiegel, que me chegou com uma apresentação de Paulo Freire, e que produziu um dos melhores ensaios que li sobre este tema.

Trinta anos depois (28.08.93), revendo o mesmo cenário, em Angicos, comigo, Dilma, Gizelda, Pedro, Marcos, Rosali, Valdinece e Valquíria, da equipe de 1963, no mesmo grupo escolar onde acontecera a última aula, os antigos alunos, reunidos, saudaram amorosamente Paulo Freire. A ex-aluna Maria Luiza da Silva foi a primeira a indagar:

— Por que o senhor foi preso?

— Porque vocês aprenderam demais.

O agricultor Severino Araújo, 66 anos, ex-analfabeto, pergunta em seguida:

— Esse negócio de que todo mundo era comunista... os nossos papéis, nossos cadernos que nós “tinha”, “queimemos” tudo. Alguém pode me explicar o que foi que aconteceu? O que foi que não deixou a gente continuar a aprender?

O sr. Antônio Ferreira da Paz, ex-analfabeto, agora com 71 anos, indagou sobre o porquê da interrupção daquelas “bocas de noite que matavam a fome da cabeça”...

Os “subversivos em potencial” ainda não tinham compreendido as circunstâncias em que tudo acontecera.

Com a chegada das chuvas (inverno) daquele ano de 1963, muitos alunos saíram para as “frentes de trabalho”. No Círculo de Cultura de Valquíria, o sr. Severino Araújo deixou em seu lugar uma filha de seis anos, Eneide, que anotava tudo para que o pai, nos finais de semana, ficasse atualizado nos estudos. A menina era a memória do pai. Juntos, concluíram as quarenta horas de esperança. Hoje ela é professora estadual e, enlevada, disse a Paulo Freire:

— Quando eu entrei na escola, eu admirava tanto a professora (Valquíria), que eu pensava ser professora. Cresci e alimentei o sonho. Hoje, ensino porque eu gosto de ser professora.

Paulo Freire atende ao repórter da TV Cabugi:

— Eu considero Angicos um dos pontos, um dos momentos, um dos locais em que muita coisa de meu trabalho, de meu pensamento, se encontra enraizada.

Antes, “andarilhando” pela cidade, Paulo Freire reviu alguns dos antigos locais onde funcionaram os Círculos de Cultura. No Alto do Genésio, em um casebre de taipa e chão batido, conversou com a ex-aluna Francisca Andrade Araújo, 62 anos, que contou ter continuado os estudos depois de ter saído da “escuridão da ignorância”. Na humildade de seu tuguário, revelou com brandura:

— Eu ainda escrevo muito. Escrevo cartas para meus parentes. Meus segredos, ninguém sabe. Eu mesmo escrevo o que sinto.

Haja coração para tanta emoção!

— Não sei por que aconteceu aquele desastre, o fim daquela escolinha em que a gente tanto aprendeu. — comentou dona Francisca ao se despedir de Paulo.

Difícil ver esses comoventes instantes de Angicos e não acreditar que ali nascera algo importante.

Quando Paulo Freire retornou ao Brasil, tenho a impressão de que fui um dos primeiros a lhe telefonar:

— Paulo, continuei as pesquisas e posso lhe assegurar que não há regressão da aprendizagem.

Imagino sua emoção quando lhe falei sobre os avanços e resultados do trabalho no Estado. Com apenas trinta ou 32 horas, cerca de doze palavras (geradoras), é possível ao alfabeto ultrapassar o aprendizado meramente lingüístico, saindo da cultura do silêncio e ser um “fazedor do mundo”.

Em verdade, Angicos foi um pioneirismo de experiência. Somente em Mossoró, a equipe pôde rever, aprofundar, testar, criar e concluir procedimentos. Já tinha acontecido, com resultados animadores, em Natal (bairro das Quintas), a alfabetização dos recrutas do II/7º Regimento de Obuses, 7ª Região Militar, IV Exército, dos operários das oficinas mecânicas do Departamento Estadual de Estradas e Rodagens. Ao mesmo tempo que, em Mossoró, o trabalho era aprimorado, as cidades de Caicó, Macau e, em Natal, o 3º Batalhão de Engenharia e Construção entram no roteiro de trabalho da equipe. Em pouco tempo, todo o Rio Grande do Norte deixaria de ter analfabetos.

Ledo engano!

No início da década de 60, vivia-se no Brasil um clima de entusiasmo e a esperança de um tempo de liberdade e desenvolvimento. O país se industrializava e modernizava. Brasília, a nova capital. A seleção ganhara a Copa do Mundo (1958). O cinema, o teatro e a literatura florescem. A bossa nova revolucionava a concepção da música brasileira e, em

novembro de 1962, aplaudida no Carnegie Hall, conquista o mundo.

No Rio Grande do Norte, o otimismo era contagiante. O sonho embevecia. Dificuldades — e foram muitas! — iam sendo contornadas. Desde o início, quando Calazans Fernandes, secretário de Educação, à procura de uma estratégia coerente, capaz de realizar com agilidade e simplicidade sua política de educação, não conseguindo unir os esforços das diversas áreas educacionais do Estado, aceitou a indicação do deputado Odilon Ribeiro Coutinho, um professor que, em Recife, tentava por meios não convencionais, a alfabetização de adultos. Várias luas e vários sóis se passaram para o amanhecer de Angicos.

Sem espaço político-educativo em sua terra, Paulo Freire aceitou as ponderações de Odilon e Calazans: testar suas idéias, em larga escala, no Rio Grande do Norte. Aqui ele teria os recursos e o apoio que lhe eram negados em Pernambuco.

As lideranças políticas do Estado foram acalmadas com a escolha da cidade de Angicos, terra do governador Aluizio Alves. Era uma cidade típica do interior do Nordeste, região que equivalia a quatro países latino-americanos em tamanho e problemas e, como tal, uma amostra do subdesenvolvimento na América Latina. Angicos quarenta graus, quarenta horas, estava criado o *marketing*. Se desse certo, a “experiência” ampliar-se-ia por todo o Brasil. Do contrário, seria mais um experimento fracassado, entre tantos.

Em Natal, o prefeito Djalma Maranhão realizava o seu programa “De pé no chão também se aprende a ler”. Para evitar um trabalho paralelo na sua área de influência, ele tentou a interferência de Miguel Arraes junto a Paulo Freire, para a equipe das quarenta horas não atuar nas Quintas, bairro periférico de Natal. Laços de amizade e idealismo uniam os componentes dos dois grupos e, no início de setembro de 1963, cerca de novecentos adultos estavam alfabetizados em Natal.

Para entrar em Mossoró, terra que, em 1927, rechaçou Lampião e seu bando, segunda maior cidade do Estado, era

preciso o *imprimatur* do chefe político do grupo partidário do governador. Quando Marcos Guerra sentou-se para os entendimentos iniciais, antes de qualquer discussão, ele colocou acintosamente seu revólver sobre a mesa. Marcos, não possuindo a espada de Alexandre, repetiu o gesto: colocou também o seu "38". Altino, o motorista que assistia a distância, apavorado, correu em busca de Luís, irmão de Marcos, que em poucos instantes entraria no gabinete acompanhado de três "amigos"... e o nó górdio dissipou-se.

Imagine-se em Caicó, terra do principal adversário político, Dinarte Mariz, de quem Aluízio Alves recebera o governo, depois de uma estonteante vitória nas urnas... Não foi fácil. Acordos de *modus vivendi* acomodaram as quizílias regionais.

Em Angicos, acrescente-se a descrença da cidade e dos alunos. Seria uma recepção desvanecedora não fosse a convicção da gente. No começo, nem a equipe de pedagogos da Secretaria de Educação entusiasmou-se. E mais, no calor de 40° C, a paisagem esturricada por uma prolongada seca lembrava os versos de José de Oliveira Falcón que, com insinuante eloquência, retratou:

Caatinga é amar avesso
mato branco de enrijar
— afoga com a secura
estonteia com a tortura
agríde para ameigar.

A televisão ainda não chegara em Angicos e a imagem do projetor de *slides* era um deslumbramento. Mas, no final da primeira hora (aula de cultura), o aluno Manoel Dias dos Santos adverte: "O senhor não ensinou nada de novo, apenas refrescou a memória". Lembrando Camões: tinha "um saber de experiência feito".

A famosa frase de Sócrates, quando o oráculo o declarou o mais sábio dos homens, "Eu só sei que nada sei", orientou as atividades em Angicos: rejeição de fórmulas doadas, confiança

no povo, crença de ter algo a permutar com ele e não apenas a oferecer-lhe, considerando a relação dialética da educação com a cultura, levando em consideração, ainda, as condições do tempo e espaço brasileiros. Foi um longo e valoroso aprendizado.

Ah, se me lembro!

Angicos era uma vedete na vitrine das ambiciosas metas do *Secern* (convênio Sudene, MEC, Usaid e Governo do Estado), que tinha uma equipe "porreta", como diria Jorge Amado. No final de 1962, um grupo do setor de construções escolares desce de teco-teco em uma cidadezinha do interior e se dirige diretamente aos locais de seu trabalho. Concluem suas pesquisas e retornam a Natal. No dia seguinte, no gabinete do governador, o chefe político reclama indignado:

— Como é possível! Esse povo chega aqui e não me procura? Quero ver na próxima eleição: quem tem votos sou eu!

Era esse o tempo. Os "meninos do *Secern*" não tinham cumprido o ritual do coronelismo de quatro séculos de tradição.

Dia 15 de março, Marcos registra, abrindo o seu quinto caderno de anotações: "Denúncia — Chico Torres recebe 1.200 por cada e paga somente 400,00". Depois da quadragésima hora, greve na construção de uma escola, em Angicos. A primeira. Nem as horas extras eram pagas, entre outras irregularidades. A greve era justa. Os alunos operários, conscientes e atingidos nos seus direitos, pararam.

O *Secern* tinha um programa muito ousado de construções escolares, com o dinheiro da Usaid. Os prazos de prestação de contas eram muito rígidos e a obra não podia parar. Estabeleceu-se a contradição: um programa da Secretaria criando problemas para outro programa.

A construtora decidiu trazer operários dos municípios vizinhos. Os operários fizeram barreiras nas entradas da cidade. Argumentaram e convenceram: os caminhões voltaram.

O governador convoca Calazans ao seu gabinete:

— Veja o que você está fazendo, uma greve dentro da sua Secretaria que vai parar o seu projeto todo!

— Pára se você quiser, porque Angicos é sua cidade. Se você não tiver prestígio suficiente para “aparar” isso em Angicos, toda a sua liderança no Estado será questionada, porque Angicos é sua cidade!

A construtora cumpriu a lei e a obra foi concluída.

É importante ressaltar o destemor do secretário e do governador do Estado, entregando o comando da “experiência” à ousadia criativa de um grupo de jovens universitários, que a realizaram apoiados numa pedagogia do fazer e no exercício constante do bom senso.

Convém ainda acrescentar que não houve remuneração pelos trabalhos realizados e todos os coordenadores seguiram seus destinos fora dos amálios de cargos ou empregos governamentais. E mais, durante o curso, não apareceu ninguém da Secretaria de Educação, da Sudene, ou da *Aliança para o Progresso*, que financiou a experiência, para interferir. As decisões eram da equipe.

Enfim, o sucesso impulsiona os jovens idealistas de Angicos para outros Estados. No dia 2 de abril de 1964, nas estradas, retornando de Aracáju (Carlos Lyra, Gizelda Salles, Marcos Guerra, Pedro Neves, Ribamar Aguiar), o Exército toma a nuvem por Juno e, em Caruaru (PE), a prisão. Foi o começo do fim.

Este trabalho, “A Experiência de Angicos”, foi escrito em março de 1963, antes da quadragésima hora. Pouco tempo depois, ainda em 1963, revisto e acrescido, fiz uma nova versão “As Quarenta Horas, uma experiência vivida”, que somente agora é publicada. São os fatos. Assim aconteceu.

O estudo, a análise e as conclusões dos trabalhos realizados no Rio Grande do Norte, e em outros Estados, pela equipe de Angicos, é tema de próxima publicação, em fase final de andamento.

Julho, 1994

Angicos

Angico é uma árvore grande, frondosa, boa lenha. A casca dá a chamada goma-de-angico, melhor que a goma-arábica. E a semente, seca e triturada, é o paricá, medicamento e estimulante que os índios brasileiros cheiravam muito. Em Angicos não havia nem um angico.

Angicos é uma cidadezinha no sertão, bem no meio do Rio Grande do Norte, à margem esquerda do rio Pataxó (os bandeirantes chegaram lá), na beirada dos trilhos da Sampaio Correia. Uma igreja, uma estaçãozinha, dois açudes, a cadeia velha, o cemitério, o grupo escolar muito velho, o colégio dos padres, o Mercado Municipal, coletoria, agência dos Correios, a pracinha calçada defronte da igreja e mais a rua principal, seis ou sete ruazinhas, e só. O cinema é o da igreja, campo de futebol não havia, a luz elétrica era de motor a gasolina, só ligava quando estava escuro, desligava às dez, quando não desligava por defeito do motor, aí eram dias e dias de vela e lampião.

1963. Quem vem de Natal tem de atravessar a zona litoral e o agreste, entrando firme pelo sertão Centro-Norte, duzentos quilômetros, 155 na poeira até Angicos. Atravessando seis rios. Se era inverno, isto é, se estivesse chovendo, atolava tudo, só indo de arroteio. O arroteio por Santa Cruz quase dobrava a viagem.

No mapa é um pontinho bem pequeno, a 5°39'46" de latitude Sul e 36°36'18" de longitude Oeste de Greenwich. Uma cidadezinha com um coeficiente de mortalidade infantil de assustar estatística: em 1960 morreram seiscentas de cada mil crianças que nasceram. O coeficiente de natalidade era 75. Lá eles tinham um médico, um farmacêutico, um posto de saúde e até linha telefônica para Açu (que quase nunca funcionava). A temperatura média ainda é a mesma, 29° à sombra. E mais de 80% da população continuam trabalhando no campo. O índice de analfabetismo ainda é de mais de 70%. Mas Angicos pode orgulhar-se de ter provado que a alfabetização em massa é possível e que o adulto pode aprender rápido.

Ninguém me contou, eu vi acontecer, vi a revolução.

Um dia chegou a Angicos um bando de moças e rapazes, quase todos universitários e todos voluntários. Bateram de porta em porta:

— O senhor sabe ler?

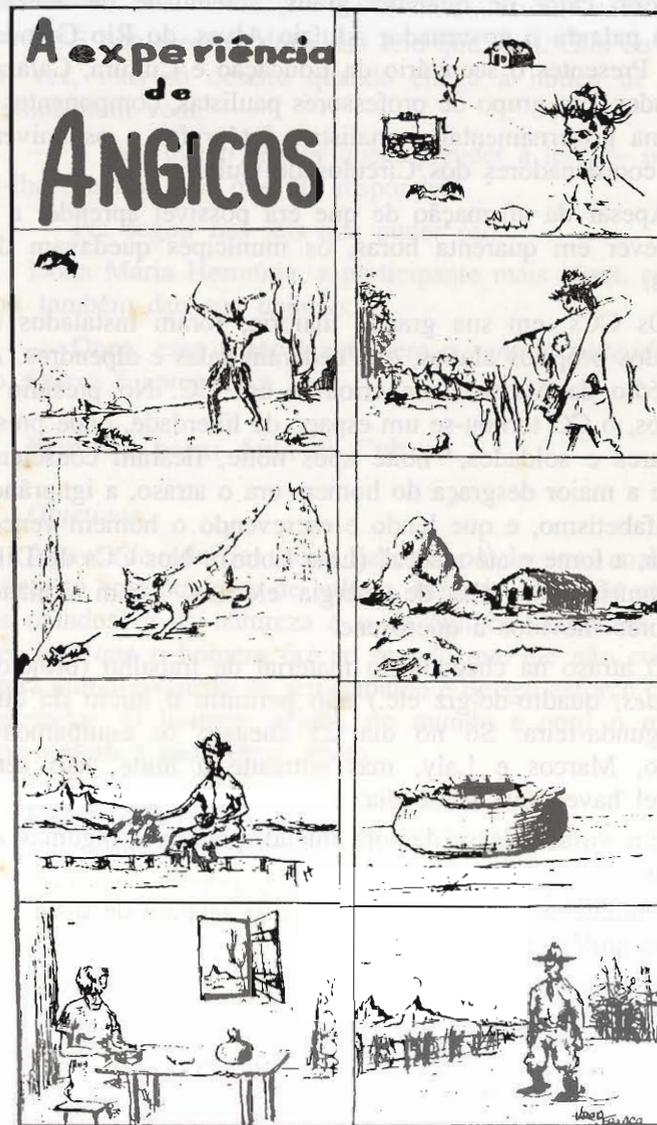
Saíram avisando, um alto-falante montado num jipe:

— Nós vamos ensinar quem quiser, qualquer pessoa pode ler e escrever.

No princípio eles não acreditavam muito, o povo da terra. Foi preciso ir mesmo de casa em casa, convencer um a um, com muita conversa

Luiz Lobo
Jornalista

CAPÍTULO 1



Angicos, 18 de janeiro de 1963, sexta-feira.

Num calor de quarenta graus, solenidade de abertura. Com a palavra o governador Aluízio Alves, do Rio Grande do Norte. Presentes o secretário da Educação e Cultura, Calazans Fernandes, um grupo de professores paulistas, componentes da caravana governamental, jornalistas, fotógrafos e os universitários coordenadores dos Círculos de Cultura¹.

Apesar da afirmação de que era possível aprender a ler e escrever em quarenta horas, os munícipes quedavam descrentes.

Os CCs, em sua grande maioria, foram instalados nas casas dos próprios alunos, que cederam salas e alpendres. Até no prédio da Maternidade criou-se um CC. No presídio de Angicos, o CC tornou-se um espaço de liberdade, onde presos, familiares e soldados, “noite após noite, ficaram conscientes de que a maior desgraça do homem era o atraso, a ignorância, o analfabetismo, e que lendo e escrevendo o homem vence a miséria, a fome e até a seca” (Luiz Lobo)². Nos CCs de Dilma e Valquíria, por falta de energia elétrica, foram utilizados projetores movidos a querosene.

O atraso na chegada do material de trabalho (projetores de *slides*, quadro-de-giz etc.) não permitiu o início do curso na segunda-feira. Só no dia 23 chegam os equipamentos, comigo, Marcos e Laly, mas somente à noite, não sendo possível haver aula nesse dia.

Em virtude dessa demora inicial, perdemos algumas matrículas.

Durante o curso havia alunos que vinham de doze e até dezoito quilômetros de distância.

Um aluno de Marlene, sr. Manoel Dez Mil Réis, magro, a pele desgastada pelo tempo, roupas velhas mas limpas,

1. Nome dado às escolas. A partir de agora, passaremos a chamá-los de CC.

2. Responsável pela cobertura jornalística do projeto.

apoiado em bastão de jurema para amenizar a caminhada, sereno e descalço, quando soube que não ia haver aula naquela noite, disse:

— É isso mesmo, dona. Eu sei que vem. Ólhi eu venho cem vez, mas só desistiu quando chegá a nutiça di que a máquina num vem.

— E para que o senhor quer aprender a ler? — perguntou-lhe Marlene. Ao que ele respondeu:

— Pra seguir nas leis que puder ser.

Dona Maria Hermínia, a participante mais idosa, com 72 anos, também deu sua opinião:

— Dona, esse pessoal aqui tem o *sentido salteado*³. Eu não. Quero é aprender a ler!

Primeira hora: Aula de Cultura

Objetivos

Através de reduções (nove diapositivos), levar ao analfabeto o conceito antropológico de cultura, fazendo distinção entre os dois mundos: o da natureza e o da cultura. A cultura como acréscimo que o homem faz ao mundo que ele não criou. A cultura como resultado de seu trabalho e de seu esforço criador e recriador. O homem, afinal, no mundo e com o mundo, como sujeito e não como objeto.

Ficha (slide) A

Projeção: Cabeça de um homem nordestino, com setas que partem dela para seis coisas distintas: uma casa, uma árvore, um cacimbão, um monte com a forma do monte Cabugi (que faz parte da paisagem da cidade), uma andorinha e um porco.

3. Estar longe, pensando em outra coisa. Expressão incorporada ao vocabulário dos coordenadores durante o curso.

O objetivo deste primeiro *slide* é o despertar da auto-consciência, da consciência do homem diante da natureza e da cultura; e do conceito antropológico de cultura.

No momento em que é iniciada a projeção, cessam os ruídos. Todos se concentram totalmente na imagem projetada. Riem, de modo geral, do homem; acreditaram que ele estivesse de óculos, tão magro o acharam.

Pergunta: O que vemos aí? ou: O que está diante de nós?

Respostas: “Um pé de pau” (árvore); “Um poico”; “Um porquinho”; “Um bacurinha”; “Uma estauta” (o homem); “Um passo” etc. Simples substantivos, nenhuma oração formada.

Evidentemente, não os corrigimos, mas quando falávamos indiretamente o fazíamos lentamente: pássaro, estátua, pois eles não estão errados, mas tão certos quando nós, sociologicamente...

Pergunta: O que significam estas linhas (setas)?

Respostas: As mais comuns foram “lápis”, “palito”. No entanto, alguns disseram: “O juízo do homem”; “A ciência do homem”; “O homem tem necessidade disto”; “É o caminho do homem para o mundo”.

Respostas altamente inteligentes: é a capacidade que o homem tem de perceber esse mundo exterior, e os elementos que estão no seu contexto (Paulo Freire)⁴.

Após o grupo perceber e revelar o que significam aquelas linhas, explicamos que elas são as relações do homem com aqueles objetos e, a partir de cada uma das respostas, damos uma noção de como o homem as conseguiu: pela evolução humana. O menino que nasce, aprende a falar, à medida que ele vai crescendo, seu mundo também cresce — a sala, sua casa. Depois, na escola, amplia o seu mundo e descobre que há uma série de coisas que ele não fez, mas já as encontrou

4. Em uma visita a Angicos, quando participou de uma reunião dos coordenadores.

feitas, e que foram feitas pelos homens que vieram antes dele, e ele é capaz de usar essas coisas e, inclusive, modificá-las. O homem criador, fazedor do mundo.

Elucidado isto, pergunta-se: Alguém quer dar um exemplo?

Pergunta (fundamental): O que neste quadro, que está aí projetado, terá sido feito pelo homem e o que não terá sido feito pelo homem?

Respostas: “O passo” etc. Outros, um tanto brincalhões: “Este homem que está aí”.

Depois das respostas, explicamos que deste mundo o que não foi feito pelo homem é exatamente o que chamamos “mundo da natureza”, e o restante, “mundo da cultura”, que tem as criações que o homem fez. Este é o conceito antropológico de cultura.

Os participantes sentiram a ausência de uma mulher junto ao homem (homem e mulher diante do mundo).

Pergunta: O que, então, neste quadro que está projetado, é objeto de cultura e o que é objeto de natureza?

Resposta: “O monte pode ser objeto de cultura, pois o homem pode fazer um monte”.

Outros pormenorizaram tanto, que extrapolaram o que era visto na projeção: a água do cacimbão, os tijolos etc., e alguns metafalando: “Esta ficha aí”.

Ficha B — O caçador índio

Projeção: Um índio caçando um pássaro com arco e flecha.

Identificação dos objetos de cultura e de natureza. O arco, prolongamento do braço através dos instrumentos de caça.

Pergunta: O que é ente de natureza e o que é objeto de cultura, nesta ficha que está aí projetada?

Respostas: Chamaram de índia, o índio (ficha mal desenhada). Quanto à tanga do índio, disseram:

— Quando o homem junta as penas é cultura.

— E antes era objeto de quê?

— Antes, o homem não havia tocado, era objeto da natureza.

Alguns chamaram o arco de bodoque; de coroa, o cocar.

Nesse momento, os participantes dos diversos CCs diferenciam, sem nenhuma dificuldade, o que é objeto de cultura ou de natureza:

— O índio matou o “passo”, tirou as penas e se enfeitou para seus amores caseiros.

— Há diferença entre o índio e nós?

— Este tem uma cultura atrasada.

— Este homem aí, como ensinou aos filhos?

— Fazendo. Com conversa.

— E nós? Com a escrita que preserva a cultura e, portanto, toda a criação humana.

Ficha C — O caçador homem

Projeção: Um homem, visto de costas, caçando, numa cena típica de Angicos, com espingarda.

Pergunta: O que vemos aí?

Respostas: “O caçador matando o preá”; “O bormal”; “A peixeira” etc.

Levamos o grupo a comparar a diferença entre o primeiro caçador e este, analisando a tecnologia; diferentes fases de cultura; evolução humana; a educação, entre outros pontos.

Um dos participantes, ao olhar o quadro, disse:

— O homem está precisando de cultura, pois nunca vi ninguém matar “poico” de espingarda.

De fato, havia uma certa semelhança. No mesmo instante, um outro participante disse, salvando o artista que fez o desenho:

— Mas, isto aí é um *poico do mato*.

No CC de Marcos, o sr. Manezinho disse:

— O homem está precisando de cultura para acertar no “poico”.

Na projeção, realmente, o caçador não tem a caça em perfeita mira. Continuando, o sr. Manezinho pediu para que virasse o *slide* para ver a cara do homem. Invertido o *slide* no projetor, ele replicou:

— O cinema está muito sem cultura, pois ninguém pode ver do outro lado do retrato.

No CC de Pedro Neves, um participante também pediu para virar o *slide*, e disse em seguida:

— Esse tem mais cultura do que eu, pois atira dos dois lados (esquerdo e direito).

A diferença entre os dois caçadores é uma distinção altamente filosófica, mas pode ser dada e nós temos dado, nos levando a provar, por exemplo, que o homem é capaz de reconhecer que tem órbitas existenciais diferentes dos animais (Paulo Freire)⁵.

É o estágio “letrado” da civilização, diferentemente do caçador índio, em que a educação se faz unicamente por tradição oral.

Ficha D — O caçador gato

Projeção: Um gato caçando um rato.

Diferença ontológica. O homem tem órbitas existenciais; o animal faz apenas contato com o mundo. O homem é um ser de relações; o animal, de contatos.

Resposta: “O homem antes de caçar fez cultura. Logo, este gato não é caçador e sim perseguidor”.

5. No curso de preparação dos coordenadores de Angicos, em Natal, janeiro de 1963.

Ficha E — O gaúcho

Projeção: Um gaúcho em uma cena típica de sua região.

Padrões de comportamento e de cultura. Costumes, hábitos... como vivem nossos irmãos do Sul.

Pedro Neves, no seu Círculo, perguntou se conheciam aquelas roupas, ao que responderam que não.

Então, ele explicou que aquelas “calças” eram chamadas bombachas, o chapéu, sombrero etc., dizendo: “Antes, vocês não tinham muita cultura, não conheciam isto”. Ao mesmo tempo, perguntou se o homem comia cardeiro:

— Não, come a flor.

— Ah, essa eu não sabia, estão vendo, houve agora entre nós uma troca de cultura. Eu fiquei sabendo de umas coisas e vocês de outras.

Os participantes vibraram com isto.

Ficha F — A refeição

Projeção: Mulher sentada à mesa comendo. Ao fundo, através da janela, visão do monte Cabugi.

Discussão sobre os objetos de cultura e de natureza. Maneiras de comer em nossa região. Diversidade dos pratos dentro da unidade nacional. Usos e costumes diferentes.

Resposta: “A mulher fez cultura quando preparou a comida e levou para a mesa nas panelas”.

Ficha G — Uma paisagem típica da região: um pequeno monte, uma casa...

Ficha H — Na mesma paisagem, o homem.

Projeção: Homem trabalhando o barro.

Pergunta: Como em todas as projeções anteriores: o que é objeto de cultura e de natureza?

Dialogamos sobre as seguintes questões: a capacidade criadora humana, o homem modificando a natureza, fazendo cultura, o fato de que cultura não é só o que o homem faz, mas o que ele pensa fazer, que tanto é cultura o arco e a flecha como um quadro que o artista pinta, a música, o raciocínio etc. São as criações do espírito humano.

Alguns coordenadores aproveitam para mostrar que o livro que o doutor escreve tem o mesmo valor de cultura da cadeira que o carpinteiro faz. Vibraram (CC de Marcos)⁶.

Ficha I — Uma panela

Cultura como acrescentamento daquilo que o homem faz ao mundo que ele não criou. Cultura como resultado de seu trabalho e de seu esforço criador e recriador. O homem, afinal, no mundo e com o mundo, como sujeito e não como objeto.

— O que é objeto de cultura e de natureza (...) por que não é mais da natureza etc.?

Terminados os debates, eles acharam que aprenderam muito. No CC de Marcos, o sr. Manezinho (Manoel Dias dos Santos), 52 anos, disse:

— O senhor não ensinou nada de novo, apenas refrescou a memória.

E, finalizando, dissemos:

Cultura também é a aquisição da experiência humana. Como é que nós podemos adquirir assim em caráter permanente e em caráter crescente a experiência humana? Aprendendo a

6. Em Recife, em seus primeiros ensaios (experiência não concluída), o professor Paulo Freire, nessa ocasião, projetou uma ficha em que aparecia um homem trabalhando uma pedra (um escultor). Perguntando se poderia sair daquele trabalho algum objeto de cultura, as respostas foram todas vinculadas à experiência existencial: nenhum respondeu que dali poderia sair uma estátua, mas “Dali ele pode tirar um objeto de cultura. Ele pode quebrar a pedra todinha, faz pó, depois faz cimento, mistura com não sei o que lá e faz piso, e ainda pinta como este aqui [se aponta para o chão] e aí então ele faz objeto de cultura”. Era uma turma de operários.

ler e escrever. E o Brasil, meus amigos, não pode continuar com o número enorme de brasileiros irmãos nossos que não lêem e nem escrevem. Ora, então nós precisamos resolver este problema no Brasil, como em Angicos e no país todo. Nós precisamos, então, acabar com esta história de homem brasileiro não ler nem escrever e, através da escrita e da leitura, dar ao homem brasileiro a possibilidade dele adquirir cultura. É isto que nós vamos, com este cineminha, começar rapidamente a aprender a ler e a escrever e vocês estarão, inclusive, ajudando a nós todos provarmos ao Brasil que é possível aprender a ler e a escrever mais depressa, assim (Paulo Freire)⁷.

Todos os alunos, sem nenhuma exceção, aprenderam o conceito de cultura⁸.

Teste I.N.V.

Aplicação do teste I.N.V. (Teste de Inteligência Não Verbal, Pierre Gilles Weil, forma "a"), para medir o grau de inteligência dos participantes e selecioná-los em turmas (o que foi feito sem a utilização do resultado do teste): organização dos CCs.

A princípio acharam interessante. Gostaram das figurinhas. Ficaram alegres com a perspectiva de que iam escrever. Queriam letras. Mas "quando descobriram que não iam escrever, ficaram decepcionados, preocupados, nervosos, aflitos etc." (CC de Giselda).

7. No curso de preparação dos coordenadores de Angicos, em Natal, janeiro de 1963.

8. O professor Paulo Freire, na Universidade do Recife, registrou um caso interessante. Uma aluna dele assistiu, depois, à mesma aula dada aos analfabetos com ajuda visual e disse:

— Quando eu me lembro que passei cinco dias estudando numa bibliografia que o senhor me deu para que entendesse isso, e vejo agora o senhor dar em quarenta minutos, e eu entendi melhor ainda...

Em Angicos, o fato se repetiu com umas universitárias cearenses, visitando os CCs.

Não entenderam as explicações, embora respondessem que sabiam o que iam fazer.

Iniciado o teste, demonstraram concretamente que não tinham entendido nada, apesar de longas e pacientes explicações. Além de marcarem com o sinal "+" o lugar pedido no teste, marcavam outros, às vezes três, quatro ou mais vezes em um mesmo lugar. Alguns, depois de cansados de pensar, disseram:

— Estou de cabeça inchada. Não agüento mais!

— É uma coisa invisível. A gente não sabe onde é que bota.

— Vá cansar a cabeça de outro burro!

— Se tem de passar por isso para aprender a ler? (Manoel Dez Mil Réis)

Alguns ficaram tão nervosos que, no CC de Valquíria, perguntaram se poderiam continuar indo às aulas, mesmo que tirassem zero na prova. Um participante do CC de Lenira jogou o teste no chão e exclamou: "Vá endoídar outro!", não voltando mais.

No CC de Gizelda, um participante disse que "não ia mais, porque se continuasse daquele jeito..." — e cumpriu sua palavra.

Quase a totalidade dos participantes deixou de responder às duas últimas páginas do teste.

Decidimos, então, não esperar o resultado do teste e fizemos a seleção das turmas.

Marcos observa: "Ficamos mais independentes do SEC (Serviço de Extensão Cultural da Universidade do Recife)".

CAPÍTULO 2

Alfabetização

A sabedoria volumosa prejudica a sensibilidade, porque é feita do acúmulo de sensibilidades alheias e superpostas sobre o entendimento instintivo.

**Dia 28 de janeiro, segunda-feira. Primeira hora:
Alfabetização**

Palavra geradora (ficha motivadora): *belota*¹

Projeção: A palavra *belota* foi escolhida dentro de uma situação sociológica local: um homem de Angicos, vestido tipicamente, montado em um burro, em uma cena característica de seca do Nordeste, com uma chibata na mão, na qual se vêem, em primeiro plano, belotas em cores bem vivas. Na parte superior esquerda, em destaque, a palavra *belota*.

Belota, corruptela local de borleta, borla, bolota. Enfeite de varanda de rede de dormir, chibata, chicote e rebenque de couro, muito comuns na região.

Pergunta: O que vemos aí?

Desse momento em diante, levamos o grupo a debater (dialogar), analisando, estimulando ao máximo a expressividade oral e a capacidade crítica dos participantes. Associação da cena à realidade brasileira: efeitos da seca, pau-de-arara, êxodo rural, exploração do homem pelo homem, importância da fixação do homem ao solo etc.

Esgotada a análise da projeção, mostramos que o que eles chamam de *belota* escreve-se assim: *belota*, apontando para a palavra geradora. “Esse letrume?”, disse o sr. Pedro Trajano, do CC de Gizelda. Pronunciamos a palavra *belota* e todos a repetiram, tendo o cuidado de apontar sempre da esquerda para a direita. Leitura coletiva e individual.

Visualizada a palavra que ortograficamente representa a *belota* do *slide*, projetamos somente a palavra *belota*. Leitura coletiva e individual.

— Quantas vezes abrimos a boca para dizer a palavra *belota*?

1. Ver pesquisa do universo vocabular e seleção das palavras geradoras, na página 157.

Projetamos agora um *slide* em que as sílabas aparecem separadas: *be lo ta*.

— Qual o primeiro pedaço da palavra *belota*? *be*

— Qual o segundo pedaço da palavra *belota*? *lo*

— Qual o terceiro pedaço da palavra *belota*? *ta*

Insistimos um pouco nesta parte, dizendo que cada pedaço daquele fazia parte de uma família de letras, que se chama sílaba.

— Vamos conhecer a família do *be*?

Projetamos o *slide* com a família do *b*: *ba be bi bo bu*.

— Qual destes pedaços usamos para formar a palavra *belota*?

Insistimos na apresentação da família. Leitura coletiva e individual.

Depois projetamos o *slide* da família do *l*: *la le li lo lu*.

— Qual destes pedaços usamos para formar a palavra *belota*?

Insistimos na apresentação da família. Leitura coletiva e individual.

A seguir apresentamos a família do *t*: *ta te ti to tu*.

— Qual destes pedaços usamos para formar a palavra *belota*?

Retidas estas explicações, projetamos um *slide* contendo todas as famílias de letras:

ba be bi bo bu

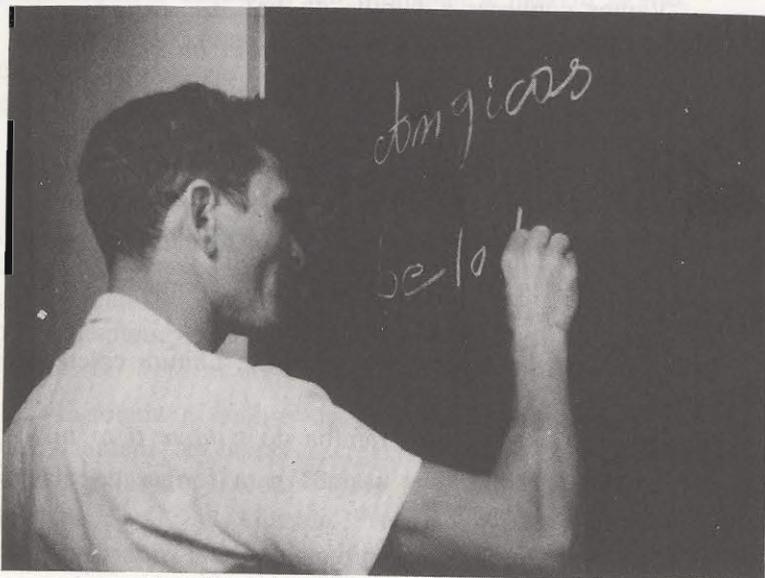
la le li lo lu

ta te ti to tu

Ao ser mostrada esta ficha, pedimos a eles que encontrassem a palavra *belota*. Leitura individual e coletiva das diversas famílias de letras, para que a partir daí eles comessem a compreender o mecanismo de formação de palavras. E, mostrando que cada sílaba faz parte de uma família de letras,

fomos acrescentando lenta e gradativamente outras famílias, formando assim novas palavras geradoras, com o que fizemos o aprendizado da leitura e da escrita.

Alguns coordenadores, nesse momento, convidaram os participantes a escrever no quadro-de-giz a palavra *belota*, o que foi feito por alguns.



Na primeira hora de alfabetização, o aluno escreve a palavra *belota*.

Esta ficha foi denominada “ficha da descoberta”.

Realizamos os exercícios de leitura das sílabas, leitura coletiva no sentido vertical: *ba, la, ta, be, le, te...* e esperamos que eles notassem e compreendessem que a primeira letra sempre muda, mas a parte final permanece sempre a mesma. Perguntamos também se aquela letra de cima era igual à de baixo etc.

Memorizadas essas explicações projetamos um *slide* contendo somente o “*a e i o u*”, que eles identificaram com muita facilidade, e informamos que aquelas são as vogais (que eles chamaram de “intrometidas”); o resto é consoante.

No momento em que é projetada a ficha que contém todas as famílias de letras da palavra *belota*, eles, além de encontrarem a palavra *belota*, formam outras, como *lata, bala, tatu* etc. Em sua maioria, dissílabos.

Encerrada a projeção, pedimos para que abrissem os seus cadernos, pois íamos começar a escrever. A maior parte não sabia como usar o lápis e, principalmente, o caderno. Escreviam fora do trilho (como chamavam as linhas), mas todos escreveram a palavra mágica *belota*, apesar de quase não caber numa página, tão grandes eram as letras.

Segunda hora: Recapitulação.

Foram feitas leitura coletiva e individual das diversas famílias de letras apresentadas até então. Alguns participantes tiveram dificuldade para formar palavras.

No CC de Gizelda, um participante escreveu no quadro-de-giz a palavra *bobo*. Solicitada a explicação, disse: “É o que nós somos”.

Formaram inúmeras palavras: *bala, lata, tatu, bebe, bebi, bule, bola, Tito, potó* etc.

— Muito bem, sr. Severino, mas esta palavra *potó* não existe!

— Existe, professor. É um inseto que tem aqui em Angicos.

Todos no CC concordaram, e o coordenador admitiu que estava aprendendo também².

2. O jornalista Barnard L. Collier, no *Herald Tribune* (4 set. 1963), de Nova York, registrou esse momento: “A reação da classe foi surpreendente. Tinham realizado alguma coisa para eles e o orgulho substituiu e cresceu durante todo o curso”.

Já nesse início de experiência, começaram a contribuir para o aprimoramento do nosso trabalho: quando eles escreviam palavras que não existiam, diziam que eram “palavras mortas”, e quando formavam palavras que existiam, diziam ser “palavras de pensamento” (CC de Gizelda).

Em Angicos, estabelecemos que quando eles escrevessem palavras que não existiam, devíamos antes de tudo não esquecer o trabalho mental realizado e o mecanismo de formação vocabular aprendido, aproveitando isto.

Um participante do CC de Valquíria formou a palavra *belé*. Solicitada a explicação, disse. “É o carro Chevrolet (Belair)”.

Encerrada a aula, ou melhor, os debates, conversando com participantes do meu CC e o de Edilson, Francisco Dantas disse: “Padre é bicho danado de sabido. tem uma falação cumprida e num se enrola”. O tema da conversa era cultura.

Uma emoção a mais no final da noite. Edilson me informa que um participante de seu CC, que era surdo e não falava até então, começou a se alfabetizar e ia feliz, a caminho de casa, repetindo: “be ro ta... be ro ta”.

*A galope, a galope, ó Fantasia,
Plantemos uma tenda em cada Estrela!*

A facilidade e a rapidez com que eles absorviam o processo de alfabetização parecia-nos uma coisa mágica, provocando estupefação em todos nós. Será que essa gente está nos enganando e escondendo o seu saber? Dúvida que nos impelia a sair rastreando nas aulas, nas conversas de rua, nas bodegas, com vizinhos: “Já viu alguém fazer carta? Algum bilhete escrito por...”³

3. Somente nas campanhas posteriores descobrimos uma maneira eficiente e prática de saber se tinham conhecimento anterior de escrita: o formato da letra do analfabeto era exatamente igual ao da letra projetada no *slide*.

Neste dia a frequência foi de 254 participantes.

Dia 30 de janeiro, quarta-feira. Terceira e quarta horas: Alfabetização e politização

Palavra geradora: *sapato*

Projeção: Um sapateiro, em sua oficina de trabalho, colocando o solado em um sapato.

Sugestões para debate:

- Couro, produção, matéria-prima.
- Trabalho — força que une os homens e não a sua diferenciação pela força do trabalho. Sindicalismo.
- Angicos é um dos maiores produtores de couro da região, mas poucos em Angicos usam sapatos.
- Importância da arte (do sapateiro). A salteira insignificante que ele coloca no sapato, mas que dá uma elegância tremenda à mulher.
- Suas mãos, sua arte e sua cultura. Comparação com outras artes.
- Eles, os sapateiros, pobres e humildes, unidos, podem influir nos destinos da nação e em soluções para sua classe.
- Reconhecimento do sapato como objeto de cultura e debate sobre a sua importância.

Efetuada a associação à realidade brasileira, projetamos um *slide* só com a palavra *sa pa to*, assim escrita.

Em seguida apresentamos as famílias das letras *s* e *p*. Procedimento semelhante ao utilizado na palavra *belota*, com exceção das vogais, agora é desnecessário.

A partir desta palavra, não tínhamos mais *slides* com as famílias de letras reunidas. Escrevíamos no quadro-de-giz.

Os participantes sentiram a falta da família do *d*, com apresentação prevista para o final do curso. Contornada a dificuldade com a introdução da palavra *solado*.

Hoje, Dilma teve uma idéia genial: o tijolo. Assim como uma parede é feita de tijolos, um ao lado do outro, assim também se escrevem as palavras. Ninguém soletra *b* e *e*, *be*. É só juntar os tijolos. Cada tijolo é uma parte de palavra, uma sílaba: [Pe] [lé]. Meio tijolo: [ba] [ú]. “Se cada tijolinho deste é uma parte da palavra, juntando-os vamos formando palavras, do mesmo modo como se faz uma casa ou um muro”. (CC de Dilma. Frequência: treze participantes.)

Tornaram a formar palavras no quadro-de-giz e nos cadernos: peba, palito, pelo, tubo, tito, bitola, Lobato, lua etc.

No CC de Valquíria um participante escreveu no quadro a palavra *pateta*.

— É o que nós somos aqui porque não sabemos ler.

Projeter em pane (CC de Margot). Mesmo sem utilizá-lo a turma “pegou” bem.

Edilson precisou dividir o CC: excesso de participantes.

No CC de Gizelda estavam gostando tanto que pediram mais uma hora de aula. Uma por dia era muito pouco, estimavam.

Aparecem as expressões *soturno* (triste, taciturno) e *cintilante* (vivo, deslumbrante), com as quais eles se autodefinem em relação à rapidez ou demora no avanço do aprendizado. Essas expressões foram incorporadas ao vocabulário dos coordenadores durante o curso.

A equipe registra o “despertar” (amadurecimento) de Ribamar.

Frases dos participantes durante os debates:

CC de Marcos: “Eu sou capaz de dar mais valor ao trabalho do sapateiro do que ao trabalho do doutor (que faz livros). Se o doutor passar descalço com o livro debaixo do braço, por cima de uma moita de espinhos, saberá porque...”

CC de Valquíria: “O governador é uma figura muito importante, mas se deixar de usar sapato perde a importância” (sr. Raimundo Guilherme da Silva).

Na cidade, a repercussão: Chico Felipe, habitante de Angicos: “São uns cão que veio do inferno. Ensina o povo a lê em três dias. Sabe, minha comadre, aonde estão aboletados? Na casa de Chico Guilherme” (CCs de Rosali, alpendre, e Pedro Neves, na sala).

Calazans Fernandes, secretário de Educação, e o repórter Juan de Onis, do jornal *The New York Times*, desembarcam no aeroporto rústico, perto de Angicos. No calor dos quarenta graus, debaixo da asa do avião, eles aguardam o jipe que os conduzirá à cidade. Nesse momento, atravessando o campo de pouso, vem andando um caboclo de alpercatas de cangaceiro, com chapéu de couro, bernal a tiracolo, segurando uma velha espingarda lazarina.

Indagado sobre as novidades, o sertanejo respondeu:

— Tem, doutor. E é coisa boa.

Falando firme, começou a contar que estava aprendendo a ler.

— Educação, doutor. Entra na gente e não sai mais. A gente vai caçar, levanta a espingarda e apruma a pontaria. De repente, cá no meu pensar, começa a formar, com letras, o nome do bicho na cabeça e... erro o tiro.

Reunião dos coordenadores.

Para refletir e decidir. Todo dia era um novo começo.

Pela manhã, reunião diária, quando, em conjunto, analisávamos o trabalho realizado até então. Discutíamos, refazíamos planejamentos, quase um reinventar.

Como tudo na educação, nada estava pronto, as coisas foram se fundamentando no fazer, e era muito difícil ver aqueles comoventes instantes de Angicos e não acreditar que ali estava nascendo algo importante.



Reunião dos coordenadores dos Círculos de Cultura.

Nessa sala, Paulo Freire nos deu lições de humildade. Ele tinha uma assessoria que queria impor uma forma de saber. Mas ele vinha com a teoria e discutia com a gente que tinha a prática:

— Isso, ontem, aconteceu assim. Não “bate” com o que a gente tinha aprendido na teoria.

— Exato, exato.

E a gente indagava:

— Então, o que é que está certo? A teoria ou a prática?

A gente dialogava e reelaborava a teoria. Nisso modificava a prática, às vezes, com algumas decisões operacionais.

[Trinta anos depois (28 de agosto de 1993), revendo o mesmo cenário, em Angicos, comigo, Dilma, Gizelda, Pedro, Marcos, Rosali, Valdinece e Valquíria, ao deparar o local onde fazíamos as reuniões de planejamento, Paulo Freire, emocionado, relembrou:

“Nós tivemos, aqui, uma experiência formidável. Acreditar que a prática primeiro gera saber; segundo, que o saber que a prática gera não basta, porque precisa saber-se e, para saber-se, o saber da prática exige um outro que seja capaz de aplinar o saber da prática e dar nome a ele.

Isso a gente viveu, aqui, e de maneira fantástica.”

Angicos teve um papel pedagógico enorme para nós. Angicos nos formou e reformou. Não foi a gente que chegou e educou o povo, não! A gente chegou, assustou-se, espantou-se e aprendeu. Agora, como ninguém aprende só, ao aprender ensina, a gente ensinou ao povo.

Difícilmente, depois, em outras circunstâncias pedagógicas em que trabalhei como analista da prática dos outros, tive tanta alegria e tanta coisa certa quanto aqui.]

Anotações dos coordenadores nos Círculos de Cultura:

- assuntos debatidos;

- palavras novas surgidas, escritas ou simplesmente enunciadas pelos participantes dos CCs, demonstrando ampliação do seu universo vocabular;

- sentenças formadas nos CCs;

- dificuldades encontradas (para escrever ou pronunciar certas palavras, dificuldades encontradas no debate, dificuldades pedagógicas) etc.

- se conseguiu solucioná-las, e como;

- observações diversas.

No primeiro dia de fevereiro, na verificação da aprendizagem, as observações foram as seguintes, diante da dificuldade geral dos participantes de não juntarem sílabas:

- Não deixar que eles soletrem. Que pronunciem diretamente as sílabas: *BA* e não *BE-A-BA*. Exercícios com as famílias de letras reunidas.

No CC de Valquíria, dona Maria escreve tudo mas não lê.

Um participante do CC de Lenira escreve da direita para a esquerda.

No CC de Marcos não fizeram exercícios em casa. Vai esgotar todas as famílias de letras para passar para outra ficha.

Rosali e Talvani não usaram o projetor. Fizeram exercícios.

Pedro e Rosali, como seus CCs ficam na mesma casa, reorganizam as turmas pelo nível intelectual dos participantes. Pedro, hoje, continua na ficha *sapato*.

Marcos e Lenira: uma desistência.

Dilma: duas desistências; frequência: onze participantes.

Gizelda: quatro desistências; frequência: dezesseis participantes.

Laly: 50% de frequência; dedicou-se mais à politização.

Marlene: ainda nas fichas *sapato* e *belota*.

Carlos, Edilson e Ribamar: sem problemas.

Insistir na frequência, realçando sua importância.

Dialogar, dialogar, dialogar...

Forma do "A" — canga de cabra

Forma do "S" — armador de rede

Forma do "O" — boca de panela

Estas foram as soluções "boladas" por eles, "batizando", assim, estas letras.

Alguns participantes já se apresentam com seus cadernos rasgados. Para conservá-los, mostramos a eles a utilidade do caderno, pois ele é o livro, a relíquia, a lembrança para toda a vida (onde aprendeu a ler); é a sua cartilha. Pois, à medida que o grupo vai se alfabetizando, vai criando proporcionalmente sua cartilha: são suas anotações diárias.

Para as pessoas, especialmente os meninos que ficam nas janelas, do lado de fora, procurando ver os filmes (como chamam os *slides*), fazemos a sua exibição, dizendo: "Hoje, o cineminha é só isto". Eles saem sem nenhum problema. Quanto aos adultos, tentamos motivá-los a frequentar o CC, evidenciando a importância do saber: ler o mundo e o seu contexto.

O indulto foi a maior motivação para os presos quererem aprender a ler e escrever, vislumbrando a possibilidade de, eles mesmos, fazerem suas petições (o CC de Marcos foi instalado no cárcere municipal).

Frase do sr. Cosme (CC de Ribamar):

— Seu moço, si eu aprendê mermu, li dô uma gorjeta proque aí eu posso sabê das coisa.

Nessa noite, o governador (filho da terra) e sua comitiva visitam os Círculos de Cultura. Não houve inibição, apesar da inusitada movimentação dentro da sala. Permanentemente, jornalistas, estudiosos, autoridades, visitam Angicos e, mesmo diante dos *flashes* das máquinas fotográficas, eles permanecem atentos ao debate.



No cárcere municipal, um Círculo de Cultura.

Quinta hora: Alfabetização.

O relacionamento amistoso com alguns proprietários de casas onde estão instalados os CCs foi abalado, especialmente aqueles politicamente “ligados” ao governador. Ouvindo nos debates de politização críticas à realidade brasileira, julgaram que estávamos trabalhando contra o seu líder. Valquíria conseguiu contornar o problema no seu CC.

Ao mesmo tempo, os habitantes de Angicos que estavam descrentes do curso, de seu sucesso, passaram a procurar os coordenadores para se matricular.

Palavras geradoras: *voto e povo*

Projeção: em uma seção eleitoral, um nordestino votando.

Sugestões para debate:

- Não dar aula sobre povo, democracia etc., mas sim arrancar deles o que pensam de povo, de democracia, de participação no processo político.

- Dialogar sem nenhuma preocupação de fixar a palavra *povo*.

- Diferença entre povo e massa.

- Importância do voto para a emancipação política. Um maior número de (votos) eleitores no Nordeste pesará na balança política nacional.

- Deus criou o homem — tudo era harmonia, igualdade. No entanto, o homem, na sua ganância, fez a desarmonia, a desigualdade: pobres e ricos. Em Angicos, todos são iguais? Bairros? etc. Assim também são as cidades, os estados, os países (pobres e ricos). Cabe a nós (o povo) voltar àquela harmonia.

- Todos têm direitos mínimos? Como fazer?

- Aprendendo a ler para votar com consciência.

- O voto é a arma do povo. A venda do voto tira o seu valor. Nossos avós lutaram por esse direito. Será que nós o estamos honrando?

Trouxeram exercícios de casa: escrevemos no quadro-de-giz as palavras formadas por eles nos cadernos. Foi sentida a necessidade de um supervisor.

No CC de Valquíria, eles disseram:

— Venha a senhora e oriente a gente para votar certo.

No CC de Ribamar, disseram que votariam em quem ele mandasse.

Diante dessa perspectiva de mudança de polaridade, de dependência, agora, aos coordenadores, ressaltamos, com muita ênfase, que não estávamos fazendo favor, e que o curso era resultado da aplicação do imposto pago por eles. Nossos estudos também, e que cumpríamos apenas com nossa obrigação... Eles é que deveriam encontrar seus caminhos, senhores de seus destinos, de seu acontecer.

Frases dos participantes:

- Os políticos não prestam, porque só fazem promessas.
- Povo é o que nós é na época de eleição.
- Povo não vai em conversa de ninguém. Massa é um desmantelado.

Fim de semana em casa (Natal). Estudamos a possibilidade de fazer novas matrículas, retornando mais cedo na segunda-feira para recuperar as matrículas perdidas com o atraso no início do curso.

Dia 4 de fevereiro, segunda-feira. Reunião dos coordenadores.

Depois da primeira interrupção (sábado e domingo), os participantes tiveram dificuldade de retenção.

Esqueceram quase tudo (CC de Gizelda). Frequência: dezesseis participantes.

No CC de Valquíria formaram 23 palavras com *voto-povo*. Apenas o sr. Adonias Henrique regrediu.

Para contornar essa dificuldade, além dos exercícios de visualização com leitura coletiva e individual das diversas famílias de letras conhecidas, criamos um jogo: a disputa entre os participantes para formar a maior palavra. No CC de Marcos, “penisilina”: com “s”, porque não conheciam ainda o “c”.

Heterogeneidade de idade: não há problema, menos para Lenira e Marlene.

— Na minha classe tem velho e moço, e botei tudo pra ler (Ribamar).

À noite, iniciamos sempre com bate-papo, quando eles contam o que fizeram durante o dia. A partir daí, escrevem palavras e frases no quadro-de-giz. No final, outra conversa informal, quando eles falam sobre suas aspirações, do que mais gostaram no debate etc.

Depois de um prolongado período de seca, primeiras chuvas e o começo do inverno⁴. Os participantes se preocupam, agora, com suas lavouras, e muitos são convocados para as “frentes de trabalho”, além da perspectiva de trabalho em municípios vizinhos.

Os munícipes “ligam” as chuvas à presença dos coordenadores em Angicos.

Cai a frequência. Percebemos a necessidade de uma adequação do calendário escolar à realidade.

Dia 5 de fevereiro, terça-feira. Sétima hora.

Palavra geradora: *salina*

Projeção: Uma salina de Macau (RN).

Sugestões para debate:

- Importância do sal na economia do Rio Grande do Norte.

4. *Inverno* é o termo utilizado no Norte e Nordeste do Brasil para designar o período de chuvas.

- Relação da economia salineira com a economia local. Couro e algodão.
- União — sindicato dos salineiros.
- Noções elementares de exportação e importação.

De uma idéia central (o algodão), o coordenador parte para outras matérias, associando-as às plantações, à terra, às culturas, aos transportes, à riqueza; enfim, a importância da participação neste processo — conscientemente.

Os participantes chamaram a atenção para a cor da água nos cercos (tanques) da salina: “é avermelhada e não azul, como está no *slide*”. Falaram também sobre as chagas que destroem as mãos e os pés, violentados na extração do sal. E mais, a excessiva luminosidade (cerca de 20 mil lumens), refletida no sal branquíssimo, o calor intenso e os vapores das reações químicas queimam as retinas, provocando, muitas vezes, a perda da visão. É desolador o conhecimento da jornada desumana do salineiro.

Convém lembrar que essas salinas do Rio Grande do Norte produzem mais de 80% do sal do país.

A seguir, alguns trechos do debate realizado no CC de Marcos:

— Em Macau, cidade vizinha, a natureza nos dá o sal. Por que custa tão caro? Nós brasileiros sabemos explorar o sal. Por que deixamos que outros o façam. Se fosse autoridade o que faria?

— Tomava as providências e dava um jeitinho (sr. Francisco).

— E por que as autoridades não tomam nenhuma providência?

— Certamente tão recebendo alguma graninha (sr. Geraldo Alexandre).

— Mas, se as autoridades foram eleitas com o voto do patrão, e os operários votaram em quem o patrão mandou (ou venderam o voto)?

— Isto é uma esculhambação (sr. Geraldo Alexandre).

— Somente 30% da população vota. Daí os atuais dirigentes serem legítimos representantes apenas desses 30% que os elegeram. Precisamos, nós, os 70%, também nos fazermos representar.

Continua a disputa para formar a maior palavra.

No CC de Valquíria, formaram a palavra *patativa* e, no de Valdinece, *tabuleta*.

Até esse momento, eles pensavam que não existiam palavras maiores que essas. Para incentivar a disputa, altamente produtiva, dissemos que existiam sim, e que, se eles procurassem, achariam outras. Como ilustração, mostramos a palavra “inconstitucionalíssimamente”. Ao escrevê-la, ocupamos propositalmente todo o quadro-de-giz; ficaram admiradíssimos e exclamaram:

— Que bicha danada de grande!

— Existe, mesmo, uma palavra tão grande assim? Grande como esta?

No CC de Ribamar, quando ele mostrou essa palavra, um participante (José Luís) olhou, olhou, e foi até o quadro-de-giz escrevê-la. Depois de fazê-lo uma vez, escreveu novamente. E no outro dia, quando o coordenador chegou, já o encontrou no quadro-de-giz, dizendo: “Olhe, seu Ribamar, o que estou fazendo aqui” — escrevendo a palavra toda, corretamente.

Início da formação de frases.

Pedro Neves, no seu Círculo, inicia os trabalhos escrevendo no quadro-de-giz a data: Angicos, 5 de fevereiro de 1963.

Primeiras sentenças:

- Salete vai à salina.

- Vicente vai a cavalo.
- Luís viu o sal.
- Noel viu o sal na salina.
- O bolo é bonito.
- Pelé bate a bola.
- Paulo leva o leite.

No CC de Marlene, uma participante observa:

— Eu acho que esse nome não dá certo, porque *sentença* é pra preso. Arranje outro nome.

Atendendo ao apelo dos participantes, começamos a estudar a noção de maiúscula.

Eles tiveram dificuldade para diferenciar o *m* do *n*.

Colocando a mão no quadro-de-giz, desenhamos a silhueta dos dedos, dois ou três, de conformidade com a letra desejada, *m* ou *n*.

Dona Júlia Santos continua freqüentando o CC de Ribamar, mesmo contra a vontade do marido, chegando, inclusive, “a pegar na mão de pilão” para se defender, quando ele afirmou que ela não iria mais aos debates, e se fosse “lhe daria uns tapas”.

Oitava hora: Anotações dos coordenadores:

• Recapitulação de todas as famílias de letras já apresentadas. Atendendo, ainda, ao apelo dos participantes, começamos a dar a noção de acento: “As pessoas usam enfeites para se embelezar: broches, chapéus, anéis etc. Da mesma forma são as palavras: são os sinais” (Aurenice Cardoso).

• Perderam a inibição completamente: deram aula (CC de Ribamar). No CC de Talvani também e, no de Margot, a aula foi dada pelo sr. André.

• No CC de Gizelda, desinibiram-se com as portas fechadas:

— Depois que a senhora fechou as portas, parece que os bonecos se soltaram.

• No CC de Edilson, três não acompanham o nível da turma.

• No CC de Ribamar, quatro com o mesmo problema.

• Feito ditado para as turmas: belota, baú, bala, bola, belo etc.

Frases dos participantes:

• Ivo lava a bola. (CC de Ribamar)

• Lua é bonita. (CC de Margot)

• O povo passa fome. (CC de Madalena)

• O aluno bom é tudo. (CC de Lenira)

• Não adianta *acordar*, porque eles continuam a sugar a gente. (Sr. Manoel Dez Mil Réis — CC de Marlene)

Dia 7 de fevereiro, quinta-feira.

Palavras geradoras: *feira e milho*

Projeção: Uma feira típica do interior do Estado.

Sugestões para debate:

• Custo de vida, preços, inflação, armazenamento.

• Apresentação de sílabas com três letras.

• Noção de masculino e feminino.

Os participantes, mais uma vez, continuam resolvendo suas dificuldades: para formar o plural das palavras, no CC de Valquíria, ele “descobriram” que era só puxar pelo “s”, chiando como carioca. A partir desse momento, em todos os CCs de Angicos, para formar o plural era só virar carioca.

Frases dos participantes do CC de Marcos:

• Na feira dá pouco galego, porque o trabalho é muito e o ganho é pouco, mas aparece, vez por outra, para vender miudezas. (Sr. Manezinho)

- Quando o sol esquenta, pega a baixar o preço.
- Na feira se vende em conta e não é para vender fiado.
- Salário mínimo? É o salário pouco. (sr. Manezinho)

Nessa noite, tive a idéia de trabalhar com *slides* feitos com papel vegetal (utilizado pelos arquitetos na confecção de plantas). Recortado no tamanho do filme (35 mm) dos diapositivos e colocado na moldura, possibilitou-me mostrar palavras escritas pelos participantes, obtendo um resultado muito bom. A primeira palavra projetada foi *panela*, pois a maior parte da turma era de mulheres. Projetei, depois, o nome de uma participante que, emocionada, reconheceu: “Meu nome!” (Eliete França).

Daí por diante, os demais coordenadores passaram a utilizar essa técnica e, com o aprimoramento da escrita dos participantes, eles mesmos escreviam no papel vegetal, cuja transparência permitia uma ótima leitura, as palavras que projetávamos.

Início do jogo de palavras:

ba be bi bo bu

ta te ti to tu

pa pe pi po pu

la le li lo lu

No quadro-de-giz, as diversas famílias de letras a exercitar. O CC foi dividido, pelo coordenador, em dois grupos, para que houvesse mais equilíbrio. Flamengo, Angicos etc. foram os nomes escolhidos por eles. Apontamos para uma sílaba, depois outra, e pedimos para que alguém diga a palavra formada. Respondendo acertadamente, o grupo desse participante ganha um ponto. E assim sucessivamente, até o último participante.

O inverno diminui a freqüência às aulas. Tivemos que juntar CCs.

Dia 8 de fevereiro, sexta-feira.

Recapitulação das aulas anteriores e intensificação do jogo de palavras.

Essa noite, depois das aulas, alguns coordenadores decidiram retornar a Natal. Altino, que tinha medo de alma do outro mundo, excedeu-se na velocidade. De nada valeram as ponderações de que esta não era a solução para mal-assombro. Em uma das curvas da poeirenta e sinuosa estrada, a Rural Willys desceu uma ribanceira e ficou “de rodas pro ar”. Gizelda, Pedro, Rosali, Vadinece, Valquíria, Marlene e o motorista, felizmente, nada sofreram.

Dias 11 e 12 de fevereiro.

As palavras geradoras ainda são *milho e feira*

Dia 13 de fevereiro, quarta-feira.

Palavra geradora: *goleiro*

Projeção: Um jogo de futebol.

Sugestões para debate:

- Sentido de equipe, união, organização de classes.
- Analogia do futebol com as classes dominantes.
- Visão geral: econômico-social-política.
- O gol é de todo o time, e não individual.
- Na luta pela vida, o gol é o que eles produzem: é do grupo.
- O dono da bola é o dono da terra.

As dificuldades continuam sendo resolvidas por eles mesmos. Ao chegarmos ao CC (eu e Talvani), à noite, dois participantes estavam no quadro-de-giz e um dizia:

— Olhe para a minha boca: caro. A língua tremeu?

— Tremeu.

— Então “caro” só tem um “r”, pois, quando a língua não treme, a palavra tem dois “r”.

No CC de Valquíria, disseram que quando a palavra só tinha um “r” era palavra “raspada”. E, quando tinha dois, era palavra “suave”.

Frases dos participantes do CC de Carlos Lyra:

- A luta do povo é bela.
- A luta é do povo.
- O povo luta para arranjar o pão.

Pedro Neves faz uma instigante observação: “alunos pobres com espírito burguês”.

Dia 14 de fevereiro, quinta-feira.

Recapitulação. Ditado. Leitura coletiva e individual.

Algumas turmas que ainda estavam nas palavras *milho* e *feira* passam agora para a palavra *goleiro*.

Formação de novas sentenças.

Dia 15 de fevereiro, sexta-feira.

Palavra geradora: *cozinha*

Projeção: Uma cena nordestina: em uma cozinha, junto ao fogão, uma mulher trabalhando na preparação da comida, aparecendo, também, as palavras *jarra* (*rr*), *fogão* (*ão*) e *tí[j]ela* (*je*), junto aos objetos respectivos.

Sugestões para debate:

- Gêneros alimentícios — o que comemos.
- Custo de vida — aumento de preços.
- Impossibilidade de aquisição de gêneros de primeira necessidade.
- Quem planta o feijão tem feijão em casa?
- Temos direito ao que plantamos.

• No verão se vê formiga? Por quê? Armazenamento.

• Deve o governo armazenar — para vender aos pobres, no período de seca, pelo preço de inverno. Silagem.

Intensificação do jogo de palavras com as novas famílias de letras apresentadas.

Os participantes ficam embaraçados na distinção entre o *ga* e o *ja* e suas famílias de letras.

Obs. Como insistir neste pormenor, se a ficha *Cozinha* tem a palavra *tigela* escrita erradamente com “j” (do latim *tegula*).

Pedimos aos participantes que formem palavras terminadas em “ão”, explicando que sempre são sílabas fortes (tônicas).

Minha turma fez a primeira carta de Angicos no quadro-de-giz.

Anotações do dia 18 de fevereiro:

Carminha:	Não foi um aluno sequer. Na última noite, apenas um.
Dilma:	freqüência: 4 participantes. Precisa mudar o CC de local.
Edilson:	freqüência: 8 participantes. Saída de muitos alunos. Jogo no quadro com as famílias de letras. Eles agora escrevem e desenham no papel vegetal.
Evanuel:	freqüência: 15 participantes. Turma de Carlos Lyra. Leitura de jornais.
Gizelda:	freqüência: 15 participantes. Faltaram 5.
Madalena:	freqüência: 3 participantes. Recapitularam todas as fichas.
Margot:	freqüência: 6 participantes. Jogo de palavras.
Pedro:	freqüência: 15 participantes. Faltaram 3.
Ribamar:	freqüência: 8 participantes. Uma participante fez um bilhete.
Rosali:	freqüência: 9 participantes. Faltaram 3. Deixaram porque foram para Macau, centro salineiro do Estado. Não deu aula na sexta. Foi substituída por Pedro. Ótima a idéia do dono da bola.
Valdinece:	freqüência: 19 participantes (com 5 de Lenira).
Valquíria:	Faltaram 3 participantes (trabalho fora da cidade).

Anotações do dia 19 de fevereiro:

39° C a temperatura hoje em Angicos. No Rio de Janeiro, 35° C.

- (18)⁵ Carlos Lyra, supervisão: o CC juntou com o de Edilson.
- (10) Carminha: freqüência: 1. "Só podia ir para a aula com o juízo tranqüilo." (Manoel Dez Mil Réis)
- (13) Dilma: freqüência: 6. O CC mudou-se. Agora, está no alpendre da casa do sr. Genésio Tibúrcio, junto ao de Valquíria, que fica na sala.
- (22) Edilson: De 16, restam 8. Os melhores saíram. Aumentou para 22, com a turma de Carlos Lyra. Hoje, noção de acentos, masculino e feminino. Continuam escrevendo nos *slides*.
- (18) Evanuel: freqüência: 14.
- (21) Gizelda: freqüência: 15.
- (19+26) Lenira e Valdinece: freqüência: 11.
- (16) Madalena: freqüência: 4. Três alunos foram para a estrada. Um por se julgar adiantado. Disseram que a cozinha era de rico, porque a do pobre é sempre no chão.
- (9) Margot: freqüência: 4. Dois desistiram: um molhou a única calça que tinha. Não pôde vir para a aula.
- (8) Marcos: freqüência: 6.
- (15) Pedro: freqüência: 6. Recordaram todas as palavras geradoras. Pedro não sabe mais o que fazer para criar diariamente uma motivação diferente. Os mais atrasados são exatamente aqueles que, no primeiro dia de aula, tiveram dificuldade para formar palavras a partir de *belota*. Dona Maria Hermínia é um caso perdido. Escreveram nos *slides* de papel vegetal.
- (23) Ribamar: freqüência:
- (17) Rosali: freqüência: 6. Formaram frases.
- (19) Talvani: freqüência: 15. Perguntas sobre o final do curso.
- (18) Valquíria: freqüência: 14. Um vai voltar. Dois vão embora. Um deixou a filha (Eneide, 6 anos) anotando.

5. Os números entre parênteses representam a freqüência no início do curso.

ANTECIPAÇÃO DAS CHUVAS DE MARÇO

Dia 20 de fevereiro, quarta-feira.

A palavra geradora ainda é *cozinha*, devido ao número de dificuldades fonéticas da ficha.

Intensificam-se as chuvas. O inverno faz brotar as oportunidades de sobrevivência familiar. Os teus aparecem sonolentos debaixo das moitas, e os sertanejos, maravilhados, ficam vendo os bichos, a chuva... É a fartura. A gente observando e sentindo, na alma e no coração dos participantes, o conflito: é da natureza ou cultura?

O povo exulta e a vida se transforma em Angicos.

Esta semana perdemos cerca de oitenta alunos. Por uma coincidência estranha, entre os que saíram estavam os melhores. No CC de Valquíria, o sr. Severino Araújo deixou em seu lugar uma filha de seis anos (Eneide), que anotava tudo para que o pai, nos finais de semana, ficasse atualizado nos estudos.

A menina era a memória do pai.

— Professora, deixe eu escrever uma palavra (ou frase) pelo meu pai!

E, assim, pai e filha concluíram as quarenta horas de esperança, quando o sr. Severino, jubiloso, afirmou:

— Agora é ela que está me ensinando muitas coisas.

Nesta noite dormimos acalentados por chuvas de "imendá as goteiras", trovões e relâmpagos, só interrompidos ao "quebrar da barra" (clarear do dia), e despertamos com a musicalidade harmoniosa dos pássaros para ver, no "sertão de espinho e de flor", o chão de Angicos, agora atapetado de ervas rasteiras — a babugem, o primeiro verde.

Durante a reunião, fomos interrompidos por um convite irrecusável: ver a enchente, um espetáculo belo, mas assustador. A "cabeça do rio" chegando, arrastando árvores, animais, derrubando as barreiras, espumando... Nos caminhos de areia,

fazendo um barulho ensurdecedor, de repente, correm as águas das chuvas. Inesquecível!

No dia seguinte, pouco resta. Um pequeno riacho, apenas. E, ao sairmos de Angicos, nos rios secos, meros caminhos de água, a natureza irrompia com força: ramas de batata e feijão esverdeavam tortuosamente a paisagem...

CAPÍTULO 3

O dilema: "matar a fome da cabeça"
ou encher a barriga

No CC de Gizelda, o dilema: encher a barriga ou “matar a fome da cabeça”. O sr. Antônio Trajano está querendo desistir: “Estava sendo de muito sacrifício”. Chegava do roçado já escuro e, em seguida, tinha que ir para a aula. Dormia muito tarde, cansado, tendo que despertar às quatro horas da manhã e, novamente, seguir para o roçado. Mesmo com todo o sacrifício, “estava triste em ter que deixar de aprender a ler e escrever”, sonho que sempre acalentou desde criança, mas não tinha jeito:

— Hoje é o derradeiro dia de aula!

Ante o fato consumado, Giselda resolveu, na tentativa de retê-lo, preparar uma “despedida”. Fez um teste: desenhou, no quadro-de-giz, dois potes iguais. Em um escreveu a palavra *veneno* e, no outro, *açúcar*.

— Sr. Antônio, o senhor vai nos deixar, gostaria de lhe oferecer um café de despedida. Por favor, escolha um dos potes e adoce o seu café.

A escolha da palavra *veneno* animou a coordenadora.

— Pena, o senhor acaba de se envenenar e, como resultado, vai morrer!

O sr. Antônio ficou atônito e, de imediato, decidiu permanecer.

Dia 21 de fevereiro, quinta-feira.

Palavra geradora: *chibanca*

Projeção: Um nordestino trabalhando a terra com uma chibanca.

Sugestões para debate:

- Trabalho, seu valor, capital.
- Análise das diversas profissões.

Foi lida a Constituição, no trecho relacionado a trabalho. Ninguém sabia o que era a Constituição brasileira. Desvelamos um segredo.

Lemos e comentamos manchetes de jornais.

Frases dos participantes:

• Constituição é a lei que manda nas outras.

• Por que esse negócio tão bom os políticos não botam pra fora?

• O buraco feito pela chibanca é da cultura; o da chuva, é da natureza.

Reunidos os CCs de Valdinece, Lenira, Carminha, Madalena e Marcos, na escola local, para assistirem a um filme (com debate) sob minha coordenação. Antes da projeção, fizeram um autotitulado. Nessa etapa do curso, quando pedíamos que escrevessem palavras ou frases, eles diziam que não sabiam.

— Vocês pensam que não sabem — afirmei.

Utilizando o quadro-de-giz, escrevi diversas famílias de letras e eles formaram inúmeras palavras. Daí em diante, os demais coordenadores também passaram a utilizar a expressão “você pensa que não sabe”, obtendo resultados bastante satisfatórios.

Para formar o diminutivo “... é só agradecer as palavras”. Sugestão de dona Francisca de Andrade, do CC de Valquíria: pato, patinho...

As mulheres e os jovens participaram menos dos debates.

Nessa fase do curso, os participantes, com letras de menor tamanho, já capazes de utilizar o pequeno espaço de um diapositivo de 35mm (em papel vegetal), escrevem palavras — e até frases! — tiradas de seus exercícios ou mesmo feitas na hora, motivando e possibilitando correções de palavras pelos demais e ampliando o grau de aproveitamento do grupo.

Muita integração da equipe, baseada na cooperação e não na competição. Muito respeito a Marcos Guerra e à sua liderança, exercida como um ofício de lealdade. Como coordenador geral, nunca impôs ao grupo tal condição, e todos

nós o vemos como companheiro de trabalho, caminhando junto conosco no mesmo objetivo.

Passaremos, a partir de agora, a dar aulas também aos sábados.

Frasés dos participantes e anotações dos coordenadores:
CC de Gizelda:

- Aprender a ler, para deixar de viver debaixo desse povo.

- Aprender a ler, para deixar de ser massa.

CC de Madalena:

Para motivá-los, ela lhes pediu que escrevessem carta para os CCs de Natal.

- Honestidade é quando a mulher fica em casa e o marido não engana ela.

CC de Marcos:

Poesia do sr. Manezinho (Manoel Dias dos Santos):

Pedro Alves Cabral
um navegante português
foi este grande herói
para que não fosse
brasileiro sofredor
nenhum direito

Carlos: Supervisão no CC de Valdinece. Escreveram uma carta no quadro-de-giz.

Carminha: frequência: 4 participantes. Hoje, a palavra geradora é *cozinha*.

Dilma: frequência: 3 participantes. A ficha ainda não pôde ser mudada.

Edilson: frequência: 17 participantes.

Evanuel: frequência: 16 participantes. A palavra geradora é *chibanca*.

Gizelda: frequência: 9 participantes. Recebeu uma carta de um aluno para os CCs de Natal. (De pé

no chão também se aprende a ler.)

Marcos: Debate gravado. Ver íntegra na página 119.

Margot: frequência: 3 participantes. Não houve aula. O dono da casa passou mal. Os alunos foram para o CC de Talvani.

Pedro: frequência: 10 participantes. A palavra geradora é *cozinha*.

Rosali: frequência: 10 participantes. A palavra geradora é *chibanca*.

Valdinece e

Lenira (9+12) frequência: 21 participantes. A palavra geradora é *chibanca*.

Valquíria: frequência: 14 participantes. A palavra geradora é *chibanca*.

Dia 22 de fevereiro, sexta-feira.

A palavra geradora ainda é *chibanca*.

Com as chuvas, chegaram os potós, para atormentar — e como! — a vida da gente. À noite, atraídos pela iluminação, esses insetos voam em todas as direções e, se porventura pousarem na pele de alguém, soltam um líquido ácido fulminante, que causa dolorosas queimaduras. Um inferno.

Consta, no anedotário local, que mijada de potó acabou até com lua-de-mel.

Carlos Lyra, supervisão no CC de Valquíria.

Evanuel: frequência: 11 participantes. Dois saíram para trabalhar fora.

Talvani: frequência: 12 participantes. Um escreve mas não lê.

Valquíria: frequência: 14 participantes. Recebe o primeiro bilhete. "Carlos deu segurança à turma", observa a coordenadora: Lida a Constituição. "O patrão queria que eles fossem moles para pisar o cangote deles."

Frequência nesse dia: 123 participantes.

Dia 27 de fevereiro. Primeiro dia de aula depois do Carnaval.

Recapitulação geral.

Verificação das dificuldades dos participantes.

Dia 28 de fevereiro, quinta-feira.

Palavra geradora: *xique-xique*

Projeção: Um sertanejo assando xique-xique em uma cena de seca.

Sugestões para debate:

- Problemas das secas, água, alimentação.
- Fixação do homem à terra. Silagem e irrigação.

A fragilidade da estrutura rural e a perspectiva angustiante de futuro do homem do semi-árido evidenciam-se ao longo da “experiência”. Há pessoas que não conseguem fazer uma refeição por dia; alguns comem palma, outros nem o xique-xique, proibido pelos donos das terras com alegação de que é alimento reservado para o gado. É oportuno lembrar Tomaz de Aquino: “O homem com fome está perdoado por descumprir a virtude”. Guardo na memória as imagens da agonia silenciosa de mulheres com os olhos secos de lágrimas, que não podiam chorar. Como diria Carlos Queiroz Telles: “O futuro sem entrada, a esperança sem fiador”.

Nessa etapa do curso, em que eles já escrevem com relativa facilidade, suscitamos palavras ou frases relativas às aulas (debates), ou a um quadro que projetamos, preparando-os para as composições do final do curso.

Anotações do dia 1º de março:

CC de Carminha:

Agora também com a turma de Madalena.

Palavra geradora: *xique-xique*, só alfabetização. Formaram frases e leram o jornal.

Frequência: 4 participantes.

CC de Dilma:

Palavra geradora: *xique-xique*. Leitura coletiva e individual. Projetou palavras escritas por eles no papel vegetal. Singular e plural. Filme *strip* com Carlos Lyra.

Frequência: 7 participantes.

CC de Edilson:

Palavra geradora: *xique-xique*. Uma parte da turma está atrasada.

Frequência: 13 participantes.

CC de Gizelda:

— O xique-xique é salvação do pobre na seca.

Um participante disse que o fazendeiro não dava licença para que eles comessem o xique-xique, que era só para o gado. Faziam cuscuz, beiju, farinha, assavam com sal e, às vezes, cozinhavam com macaxeira. No inverno, com água, não podiam mais comer.

Muita dificuldade para descobrirem palavras com *x*. Recebeu um bilhete de uma velhinha que não podia mais ir às aulas. Os participantes pediram que, ao voltar para Natal, ela ficasse se correspondendo, mandando jornais etc.

Frequência: 9 participantes.

CC de Lenira e Valdinece:

Ditado, leitura coletiva etc. O sr. Antônio Ferreira falou sobre xique-xique:

— O patrão não deixava comer xique-xique, que era só para o gado.

Frequência: 9 participantes.

CC de Marcos:

Palavra geradora: *xique-xique*.

Frequência: 4 participantes.

CC de Marlene:

Palavra geradora: *tigela, jarra e fogão*.

Faltando: o sr. Manoel Dez Mil Réis, seu filho Leopoldo e a cunhada; Ana não tem com quem deixar os meninos; Graça tem medo de escuro.

Severino foi para a lavoura e a esposa está faltando também.

Os dois que compareceram tinham esquecido até o *ba*, *be*, *bi*, *bo*, *bu*.

Frequência: 2 participantes.

CC de Pedro:

Terminou a palavra *cozinha*: jarra, ti[j]ela e fogão. *Ão*, *rr*, *ja*, *je*, *ji*, *jo*, *ju*.

Formação de palavras e leitura coletiva.

Um participante foi ao quadro escrever uma carta ao presidente da República. Vai pedir uma chibanca:

“Sr. presidente. Peço ao senhor uma chibanca para eu trabalhar”.

Faltando: uma senhora com filhos não poderá vir mais às aulas; dois pescadores “pescando emendado”; um foi para Macau, e o sr. Antônio desapareceu.

Frequência: 5 participantes.

CC de Rosali:

Palavra geradora: *xique-xique*. Exercícios e recordação.

Faltando três: um em Natal, um trabalhando e um foi para o Rio.

Frequência: 8 participantes.

CC de Ribamar:

Palavra geradora: *xique-xique*. Recordaram tudo que já aprenderam.

O sr. Cosme tem faltado. Ribamar pretende solucionar este e outros casos com visitas.

— Quero aprender a ler. (Júlia Santos)

Frequência: 13 participantes.

CC de Talvani:

Palavra geradora: *xique-xique*. Formaram palavras e frases com o *q* e o *x*.

Disseram que a única coisa que queriam pedir era a continuação do curso.

Frequência: 11 participantes.

CC de Valquíria:

Palavra geradora: *xique-xique*. Fez recapitulação. Leram todos os nomes. Traço de união.

Formaram frases: ditando devagar, um escreve no quadro e todos repetem nos cadernos. Depois corrigem. Chamou cada um ao quadro e cada um escreveu seu nome.

João Pequeno, tímido, só fala uma vez, baixo e depressa.

Gostaram do filme que foi passado.

— O xique-xique é o amigo na seca.

— O xique-xique é bom quando se está com fome.

— Não sou feliz porque tenho fome.

— Voto (ficha) é a que gostei menos. É nisso que a gente é mais enganado.

Faltando: sr. Raimundo, que está com dor de dente; sr. Sebastião, por causa da neblina, dona Maria Firmina, por causa da gripe e da chuva.

Voltaram, hoje, dois alunos.

Frequência: 9 participantes — reduzida por causa da chuva.

Anotações do dia 2 de março:

CC de Dilma: Palavra geradora: *expresso*. Leitura coletiva e individual — palavras e sentenças.

CC de Edilson: Palavra geradora: *expresso* e recapitulação de tudo. Formação de frases. Lêem melhor do que escrevem. Projeção de filme com Carlos Lyra. A importância de ler e escrever.

CC de Gizelda: Palavra geradora: *expresso*: frases soltas, ditados, leitura. Cada participante vai ao quadro formar frases ditadas pelos outros.

CC de Marlene: A palavra geradora ainda foi *xique-xique*.

CC de Ribamar: A palavra geradora ainda foi *xique-xique*.

CC de Talvani: Palavra geradora: *expresso*: ditado, frases e jogo.

Foi convidado pela aluna Damiana Martins, que casou, para um baile no sábado. Outros coordenadores também foram.

CC de Valquíria: Palavra geradora: *expresso*.

Anotações do dia 3 de março:

Domingo de trabalho em Angicos: Carlos Lyra, Lenira, Marcos e Valquíria trabalharam na confecção do primeiro jornal para os participantes, com as diversas famílias de letras das palavras apresentadas.

O açude da cidade está sangrando. Fomos ao banho. Na lâmina d'água, o espetáculo: os peixes encantam e o povo queda extasiado. Uma festa! À tarde, utilizando a técnica dos debates (aulas), começo a ensinar Pedro Neves a dirigir. Rapidamente ele domina a nossa Kombi, e passamos a contar com mais um motorista. À noite, ouvimos "causos". Ah, se me lembro!

Dia 4 de março, segunda feira.

Palavra geradora: *expresso*

Projeção: Um ônibus numa estrada nordestina.

Sugestões para debate:

• Importância dos meios de transporte para as comunicações humanas: cultura, gente e gêneros.

• Evolução dos meios de transporte.

• Importância do trabalho de quem faz a estrada.

Jornal com as famílias estudadas até 3 de março:

BELOTA

BA - BE - BI - BO - BU

LÂ - LE - LI - LO - LU

TA - TE - TI - TO - TU

SAPATO

SA - SE - SI - SO - SU

PA - PE - PI - PO - PU

VOTO - POVO

VA - VE - VI - VO - VU

SALINA

NA - NE - NI - NO - NU

FEIRA - ei

FA - FE - FI - FO - FU

RA - RE - RI - RO - RU

GOLEIRO

GA - GE - GI - GO - GU

MILHO - lh

MA - ME - MI - MO - MU

LHA - LHE - LHI - LHÔ - LHU

COZINHA

CA - CE - CI - CO - CU

ZA - ZE - ZI - ZO - ZU

NHA - NHE - NHI - NHO - NHU

TI/JELA

JA - JE - JI - JO - JU

FOGÃO - ão

JARRA - rr

CHIBANCA

CHA - CHE - CHI - CHO - CHU

XIQUE-XIQUE

XA - XE - XI - XO - XU

QUA - QUE - QUI - QUO

EXPRESSO

pr ss

BILRÓ

ALMOFADA

- Importância de o governo construir estradas.

- Ênfase na letra x.

Anotações da reunião dos coordenadores em 4 de março:

Carlos Lyra

Reunidos os CCs de Pedro Neves e Rosali, que ficaram em Natal:

Xique-xique. Revisão e exercícios. Projeção de filme.

— Como se pode resolver o problema da alimentação na seca?

— Estocando, para vender mais tarde sem aumento de preço.

— Na seca, a comida é braba.

— O xique-xique escapa muita gente.

Frases de Maria Hermínia:

- *Cum Deus e cum governo ninguém pode.*

- Quando se come muito xique-xique não se pode ir à casa do vizinho.

- Tem que saber comer. Quando se come xique-xique dá uma dor de barriga! É desgostoso. Como para não morrer de fome.

Frequência: 16 participantes (9+7).

CC de Dilma:

Novas leituras, formação de palavras. Diminutivo, aumentativo, singular e plural. Só um com dificuldade.

Um pouquinho mais de ação. Ditado de sentenças.

- O povo de Angicos se libertou. (Amélia Lopes)

- O xique-xique é o amigo na seca.

Frequência: 7 participantes.

CC de Edilson:

Recordação das famílias de letras com o jornal. Escreveram uma carta ao presidente:

“Angicos, 4 de março de 1963

Senhor presidente

Estas poucas linha é para dizer que estamos com necessidade de estudar. Por isso nós pedimos livros. Nada mais”.

Frases:

- Pobre não tem um jumento, quanto mais um carro.

- Pobre toda vida não tem o que comer.

Frequência: 20 participantes.

CC de Gizelda:

Palavra geradora: *expresso*. Leitura individual e coletiva. Jogo de palavras, ditado e recapitulação de todos os *slides*.

Frequência: 15 participantes.

CC de Lenira e Valdinece:

“No trabalho passei fome.” O participante quis formar esta frase, mas a presença do patrão entre os assistentes o inibiu. Só depois dos debates a coordenadora tomou conhecimento disso.

Frequência: 15 participantes.

CC de Marlene:

Palavra geradora: *xique-xique*. Leitura, ditado e exercícios com *qua, que, qui, quo*.

- O xique-xique é a alimentação para o povo e também para os animais.

- Eu quero a melhora do Brasil.

Frequência: 10 participantes:

CC de Valquíria:

Palavra geradora: *expresso*. Revisão de plural, diminutivo, feminino. Recapitulação de todas as aulas. Cada um foi ao quadro para formar uma frase.

• O transporte é muito importante porque leva e traz sabedoria.

Receberam o jornal (belota, feito só com as famílias de letras) e disseram:

• Nosso livro. Estamos satisfeitos porque desasnamos. Já sabemos o que é bom e o que é ruim.

• A vida é difícil porque é cara.

• Vou pedir ao presidente que dê um jeito na carestia.

• O trabalho é bom mas, mesmo trabalhando, a gente passa fome.

Frequência: 14 participantes.

CC de Ribamar:

Palavra geradora: *expresso*.

• Eu preciso aprender a ler para ser professor.

• Eu quero ser motorista.

• Eu preciso ser costureira.

Frequência: 16 participantes.

CC de Talvani: (Esta e muitas outras aulas estão gravadas em fita magnética.)

Palavra geradora: *expresso*. *Estradas, açudagem*, ditado, frases e jogo com *pra, pre, pri, pro, pru, vra, tra...* "A vida é uma praga quando se mora em Angicos."

— Quem fez o mundo?

— Eva e Adão.

— Como foi que o primeiro homem conseguiu sair de um lugar para outro?

— A pé.

— Depois ele quis ir para uma distância mais longe. Como resolveu ir?

— Num burro.

— Depois do burro?

— Foi trabalhar para inventar o carro.

Expresso (transporte) petróleo, gasolina, Shell, Petrobrás entram no debate.

S. J. Glonfrido, subcoordenador dos Esforços dos EUA na *Aliança para o Progresso*, assiste da janela, acompanhado do secretário da Educação, Calazans Fernandes. A cena, em cores, um expresso em uma estrada poeirenta, que o governador Aluizio Alves, em inflamado discurso na Câmara de Deputados, num ano de seca (1953), chamou de "caminhos de empobrecimento, porque por elas se processa o êxodo contínuo de gente, cujos braços cessaram de trabalhar".

— De onde vem o expresso?

— Vem do estrangeiro, vem de São Paulo.

O esclarecimento é de difícil compreensão para eles, pois muitos não sabem o que é Estado, e alguns nem o nome do Estado em que vivem¹. São Paulo, Inglaterra, Estados Unidos... "tudo é galego".

— Tudo vem de lá. Fica longe, quem vai pra lá volta falando diferente.

— De onde vem a gasolina? — perguntam.

— Do lugar para onde vão as nossas divisas — responde o coordenador, no ardor dos seus dezessete anos.

O entendimento do que é divisa esquentou o debate.

O enviado de Washington ouviu tudo em silêncio.

1. Durante o curso, a convite da equipe, dois participantes vieram a Natal (pela primeira vez). Depois dos passeios, a visão do mar... Indagados sobre o que mais tinham admirado, um respondeu:

— A água sair das paredes (torneiras).

Os dólares continuaram sendo liberados para o Projeto.

Frequência: 11 participantes.

CC de Marcos

Poesias do Sr. Manezinho (partindo de uma palavra dada pelo coordenador):

Deus botou o homem	O homem Adão nasceu
e disse assim	sem possuir companheira
faz para ser bom	pediu a Deus que lhe desse
e não ruim	uma grande jardineira
ele por não atender	para lhe ajudar em sua vida
o pedido do Salvador	mas contrariou-se e fez asneira.
termina o homem sem valor.	

Frequência: 6 participantes.

Acharam formidável o emprego das aspas.

Pedro Neves e Rosali são convidados por um participante para ir à sua casa comer sodoro (xique-xique assado). Marlene também foi convidada para almoçar.

Edilson dá aulas extras durante o dia para os mais atrasados.

O SEC (Serviço de Extensão Cultural da Universidade do Recife) traz o teste para aplicarmos no final do curso. Discordamos e preferimos elaborá-lo em Angicos.

Dia 5 de março, terça-feira.

São estudadas sílabas com três letras: *pra, tra, vra, cha, nha, lha* etc.

Com a proximidade do final, os participantes começam a pedir a continuação do curso. O sr. José Henrique, do CC de Valquíria, disse que se tivesse dinheiro compraria um avião a jato para trazê-la, diariamente, a Angicos (para os debates).

Ao ler a Constituição (trecho referente ao trabalho), comentaram no CC de Valquíria:

— Se a senhora sabe ler um livro deste tamanho, não precisa mais estudar.

Sabiam que, tão logo terminássemos o curso, teríamos que voltar às nossas aulas em Natal².

No CC de Marcos, eles gostaram tanto da leitura da Constituição, que não queriam outra coisa nos debates. Todos os dias, pediam-na. A pressão ética: os presos, agora, estão profundamente decepcionados com a percepção de liberdade que eles não podem ter; a dimensão de liberdade que não conheciam antes de cometerem o crime.

No forró, Toreiro (João Rodrigues), um dos presos do CC de Marcos, pede um xote, e o “tocador” insiste no samba. Desfeiteado, ele rasga o fole da sanfona e o “cabra” de peixeira. Hoje, com ansiedade, aguarda a visita presidencial, para entregar sua carta pedindo o indulto.

Frases dos participantes:

CC de Valquíria:

- Este curso só trouxe o bem. Devia ser para todo o Estado (todo o povo, Brasil).

CC de Pedro Neves:

- A gente constrói a estrada, mas só come poeira.

Dia 6 de março, quarta-feira. Reunião dos coordenadores.

Dilma: Recapitulação: *cra, fra, tra* etc.

Hoje, as palavras geradoras são *bilro* e *almofada*.

Gizelda: Recapitulação das diversas famílias de letras, pois estava muito soturna, e o coordenador deve ser mais entusiasmado do que o mais entusiasmado dos participantes.

Hoje, continua nas palavras geradoras *bilro* e *almofada*.

2. Vários coordenadores tiveram dificuldade no retorno às faculdades, em virtude de o ano letivo já ter sido iniciado, mas todos contornaram o problema.

- Marlene: Expresso. *Cra, fra, tra, ss*. Vibraram com o jornal.
Não sabiam mais o que era "massa".
Hoje, *pra, pre, pri, pro, pru*.
- Pedro: A palavra geradora ainda foi *xique-xique: qua, que, qui, quo*.
Frase: "Eu quero um quilo de batata de boa qualidade".
Hoje, apresenta a palavra *expresso: x e ss*.
- Rosali: Terminou de estudar a palavra *expresso*. Leitura coletiva. Leu o jornal.
Hoje, as palavras geradoras são *bilro e almofada*.
- Talvani: *dra, cra, fra* etc. Formação de palavras.
Hoje, as palavras geradoras são *bilro e almofada*.
Al, el, il, ol, ul: alfabeto, elmo, ilmo, Olga, último.
Frase da aula: "Na mesa de pobre não tem prato cheio".
- Valdinece: Jogo de palavras. Vibração intensa.
Hoje, as palavras geradoras são *bilro e almofada*.
- Valquíria: Projetou papel vegetal com palavras escritas pelos participantes.
Vibraram. *Pra, pre, pri, pro, pru*.
Hoje, as palavras geradoras são *bilro e almofada*.

Noite:

Palavras geradoras: *bilro e almofada*.

Projeção: Uma velhinha fazendo renda, usando bilro e almofada.

Sugestões para debate:

- Cultura; renda; valor do trabalho manual.
- Regionalismo; a arte do povo.
- Comparação com outros trabalhos.
- Evolução X máquina.
- Educação, direito de todos.

Hoje foi mimeografado e distribuído o jornal *O pau-de-arara*, com frases tiradas de seus cadernos, que foi lido coletiva e individualmente. Concluimos que, se tivéssemos pedido a

eles frases para o jornal, teríamos conseguido resultados melhores do que os obtidos.

OPAUDEARARA

Nosso jornalzinho servirá para treinar a leitura de um jornal comum, impresso nas cidades. Será feito somente com frases (sentenças) formadas pelos próprios alunos da Experiência Piloto de Alfabetização de Angicos.

Quero aprender a ler para:

- melhorar de vida;
- ter outra vida;
- pra seguir nas leis que puder ser;
- para servir a mim e a quem precisar, e votar em quem merecer;
- para deixar de viver debaixo dos pés desse povo;
- servir a mim e a todos;
- para deixar de ser massa.

Quem não quer aprender, no dia do juízo vai se arrepender.
O TRABALHO É CULTURA.

O TRABALHO É QUE DÁ HONRADEZ AO HOMEM.

Na feira se vende em conta; não é para vender fiado.

Quando o sol esquenta, baixa o preço.

Na feira aparece pouco galego, porque o trabalho é muito e o ganho é pouco.

Vou pedir ao presidente para baixar a carestia.

O POBRE SÓ TEM DIREITO A FEIJÃO NA SECA, COM REFORMA AGRÁRIA.

O XIQUE-XIQUE É A SALVAÇÃO DO POBRE NA SECA.

O XIQUE-XIQUE É O AMIGO DO POBRE. O XIQUE-XIQUE É BOM QUANDO SE ESTÁ COM FOME.

Não sou feliz porque tenho fome.

O povo vota, luta, trabalha, sofre.

O povo SENTE frio, fome.

O povo PRECISA de igualdade, justiça, trabalho, alimento.

O povo QUER melhorar de vida, deixar de ser massa.

O povo TOPA a luta.

A luta do povo é bela.

A luta é do povo. A corda só quebra do lado mais fraco.

Não é futuro na seca se deixar a terra em procura do sul.

O que eu quero é a continuação do curso.

Dia 7 de março, quinta-feira. Reunião dos coordenadores.

Dilma: Frequência: 6 participantes. Só quatro alunos leram o jornal. Dificuldade com a iluminação (lâmpião de pressão, querosene).

Cra, tra, vra etc. No *tra* formaram vinte palavras e ficaram alegres. Alguns falando errado, escrevendo errado. Dilma usou todas as fichas de motivação para recordar com o sr. Chico. Palavras geradoras: *almofada e bilro*.

Edilson: Frequência: 11 participantes. Três faltaram, pois adoeceram. Um participante ficou acamado e Edilson deu aula em sua casa. Exercícios. *Gua, gue, gui, guo*. Insistiu nas palavras com duas vogais juntas. Diferença entre *ão* e *am*. *Am, em, im, om* e *um*, também. Dificuldade com o *s* e o *r* no meio das palavras: mostra, farto.

Estudou, também, palavras com duas vogais juntas. Reclamaram que não tinham tempo para estudar. Um aluno mais adiantado ajudou os outros.

Exercício: dois na mesma carteira, um ditando para o outro e vice-versa.

Recordou todos os *slides*.

O sr. Francisco Galdino fez uma carta e Mariquinha, um bilhete.

Frases: "O amor de Deus é o princípio da sabedoria"; "Sem união e sem justiça não há liberdade".

Hoje as palavras geradoras são *almofada e bilro*.

Gizelda: Frequência: 12 participantes. Valdinece deu aula por Gizelda. Palavras geradoras: *bilro e almofada*. A turma recebeu bem. O nível deles é muito bom. Recapitulação geral; leram tudo. O sr. Antônio teima em dizer que não sabe nada, que não aprende nada. Ele tem preguiça mental; lê a metade da palavra e pretende adivinhar o resto. Uma participante disse que "estava ficando doida" e não vai mais.

O sr. Manoel falta e, quando chega, quer saber como os outros.

Lenira: Frequência: 15 participantes. Fizeram leitura coletiva e individual.

Palavras geradoras: *bilro e almofada*.

Frases: "Trabalho muito, mas o ganho é pouco"; "A criança é a alegria da vida"; "O rico tem medo de ser pobre, mas o pobre não tem medo de ser rico".

Um participante quebrou o braço num desastre.

Marlene: Frequência: 7 participantes. Leitura do jornal.

O sr. Leopoldo voltou. Um participante viajou e disse que, sempre que tinha tempo, recordava nas duas semanas em que ficou ausente: lia o caderno. Marlene fez revisão e ele recuperou o que havia perdido. Maria dos Anjos, quatorze anos, levava uma toalha para dormir. Não leva mais.

Marcos: Frequência: 4 participantes. Carlos Lyra, ontem, desanimado, observa, em seu caderno de anotações, que não sabe até onde se pode exigir na avaliação da alfabetização e, para diminuir a dificuldade na leitura de letra escrita à máquina, sugere que, na próxima experiência, deve-se fazer com que os participantes comparem as letras à máquina às manuscritas. E mais, acredita que deveríamos ter feito o primeiro jornal com letra manuscrita. E lembra, ainda, a necessidade de produção de material de leitura, de apoio.

"Toureiro", em vez de seus, pronuncia "seuzi"; confunde *c* e *s*; não escreve *do*, mas *du e*, em vez de *e*, escreve *i*, indistintamente.

- Manoel Cleves e João Batista foram para Macau. Luiz Silva também tem faltado, devido ao trabalho.
- Margot: Freqüência: 3 participantes. As ausências se devem ao trabalho fora da cidade. Não lêem o jornal. Os participantes lêem e escrevem no CC mas, em casa, não fazem um bilhete sequer. Formaram palavras e frases.
Frase: "O motorista é o coração do expresso".
- Pedro: Freqüência: 8 participantes. Leitura de todo o jornal: Não souberam ler algumas palavras. Tiveram dificuldades para identificar as letras maiúsculas de máquina de escrever. Turma atrasada. Menos de 70% sabem ler alguma coisa. Pedro se emocionou com o sr. Manoel durante todo o curso.
Hoje continuarão a estudar a palavra *expresso*.
- Ribamar: Freqüência: 18 participantes. Leu o capítulo II da Constituição: Direitos e garantias individuais. Palavras geradoras: *bilro e almofada*.
Antes de iniciar a aula, leu as palavras escritas nos cadernos deles: jabuticaba, morena, militar, gaiola, cadeia, exercício, exemplo, examina, xaropada, qualidade e, os mais adiantados, extraordinária, excelência.
Escreveram até uma frase: "A padroeira é excelsa".
"O que vemos?", "Fazer renda é cultura?", "De que se faz renda?", "E a linha?", "Como o algodão nasce", "Qual o melhor algodão?".
Falaram sobre o algodão mocó, herbáceo etc., a semente, o tempo de floração, a colheita; enfim, aprendi bastante sobre o tema.
Com relação ao algodão mocó, disse-lhes que somente o Rio Grande do Norte produz esse tipo de algodão de fibra tão longa; que o nosso solo era muito rico e o subsolo também.
O sr. Justino entrevistou:
— O Brasil é o país mais rico do mundo. Por isso é que o americano tem tanta vontade de possuir.
- Rosali: Freqüência: 6 participantes. Só leu o jornal até a metade. Não entenderam o início, a estética. Leitura individual e coletiva com ditado, utilizando o papel vegetal; eles mesmos corrigiram o nome escrito errado.
Dona Idália não escreve direito: pronuncia errado, escreve errado. Não tem capacidade de corrigir as palavras, nem do quadro para o caderno.

- Talvani: Freqüência: 16 participantes. Palavras geradoras: *bilro e almofada*. Pronunciaram "birro".
Formaram palavras com as novas famílias de letras. No *al* "altomove". Relembaram que a língua treme no *r*, e só arranha no *rr*. Disseram que as mulheres faziam renda na época em que não havia o que fazer.
- Valquíria: Freqüência: 12 participantes. Nada de interessante no debate.
O *d* não podia ter sido apresentado só ontem.
Têm mostrado dificuldade para pronunciar corretamente as palavras.
Al, el, il, ol e ul. Cada participante formou uma frase com cada sílaba. Todos foram ao quadro. Há um que emenda todas as palavras, junta tudo.
Houve dificuldade para a leitura do jornal.
O sr. Severino foi trabalhar em Macau, mas voltou.
Há alunos que, para conseguir mais atenção, fazem-se de "burros". Os alunos se apegaram ao coordenador.

Noite de chuva.

Palavras geradoras: *bilro e almofada*.

Estive hoje no CC de Gizelda, participando do debate; antes, projetamos um filme. Faltaram inúmeros participantes, mas, com a perspectiva de uma sessão cinematográfica, até os que estavam em casa dormindo vieram.

Atendendo à necessidade imprescindível de um elemento de supervisão, fui escolhido para a função, quando estávamos na ficha *milho e feira*. A projeção de filmes nos CCs foi outra decisão nossa que motivou o surgimento das primeiras cartas. Os filmes eram escolhidos cuidadosamente e agradavam muito aos participantes.

Apesar do número de horas-aula, a maioria escreve, simplesmente, palavras e sentenças isoladas. Mas, como eles estivessem habilitados, propus aos diversos CCs que me escrevessem, solicitando o tipo de filme e dia em que desejavam assisti-lo. Essa motivação resultou uma volumosa quantidade

de cartas e bilhetes, e o acentuado aprimoramento do exercício da escrita e da linguagem.

A seguir, a transcrição de uma das inúmeras cartas que recebi³:

Angicos, 10 de março de 1963

— Para o senhor Carlos!

O maior desejo de minha vida é só para, li - fazer um pedido que a manhã o senhor venha passar um filme aqui na casa de Senhor Genecio Tibúrcio. Sim seu Carlos e eu - desejava que o senhor mandace firmar a gente. Sim seu Carlos eu queria que o senhor cidadão sempre frenquentace a minha aula por que eu costo muito da presenciana do senhor!

Eu gosto muito da minha professora Valkuira. nada mais do aluno que é Adonias Henrique Bezerra.

3. A existência do sinal de união entre certas palavras é ainda influência do início da formação de sentenças, pois, no momento em que eles escalam este degrau de palavras soltas para sentenças, escrevem as palavras ligadas ou quase ligadas. Para que isso não acontecesse, pedimos a eles, naquele momento, que quando terminassem de escrever uma palavra colocassem um traço, uma linha.

CAPÍTULO 4

“E agora, José”*

* Carlos Drummond de Andrade.

Preocupados com o final do curso, que está próximo, os participantes perguntam todos os dias quando terminam as aulas.

Quando perguntamos alguma coisa a eles, mesmo antes de qualquer raciocínio, afirmam logo que não sabem (mesmo sabendo).

Essas preocupações motivaram uma reunião comigo e as coordenadoras Gizelda, Valquíria, Marcos Guerra, Talvani, Marlene e Margot. Valquíria e Valdinece estavam muito preocupadas, pensando que somente os seus alunos estavam assim. Os outros coordenadores também estavam aflitos, dizendo que perderam um tempo enorme para um participante escrever uma frase e, no fim, ele disse que não sabia.

Perguntei-lhes o que achavam mais difícil: no primeiro dia de aula, quando, ainda analfabetos e conhecendo apenas as primeiras famílias de letras de *belota*, os alunos escreveram as primeiras palavras ou agora, depois de conhecerem várias palavras geradoras, terem de escrever uma frase?

Concluimos que era preciso ter abnegação, persistência, coragem e amor para alfabetizar adultos. O que é mais importante: o coordenador ou o método? Ambos se completam. Cada cidade é e será sempre uma nova experiência que se realiza. Muitos participantes fingem não ter entendido nada, às vezes esperando uma maior atenção do coordenador, devido talvez à carência de afeto, a uma vida atribulada, a um ambiente de desamparo sem vislumbrar uma exequível mudança... De repente, despertando a consciência de sua dignidade, aparece um grupo de jovens universitários, e provavelmente os únicos que lhes dedicaram um pouco de atenção.

Idealizamos um Brasil sem desigualdades. Sabemos as nossas limitações e, sem varinha mágica, temos consciência de que não estamos criando um novo mundo, mas, com a argamassa da palavra, damos um instrumento para que essas pessoas abram seus próprios caminhos e tenham uma vida

menos árdua e sofrida, mas nem por isso inatingível. Começamos a delinear toda a questão, inclusive o depois, uma segunda etapa. Vigorosos momentos de esperança!...

— Quando não gostamos de uma coisa, nos afastamos dela. Se vocês continuam frequentando, é porque estão aprendendo, estão gostando. Um aluno de Valquíria foi trabalhar em Macau e voltou logo, pois o serviço não compensava. Se voltou é porque não estava gostando, não estava lucrando.

Contamos esse e outros casos aos participantes dos debates.

Realçamos a importância de aprender a ler e escrever.

Francisco Dantas, do CC de Edilson, contou que seu amigo José Geraldo, de Serra de Santana, “estava trabalhando numa fazenda, tirou dezesseis contos e duzentos de saldo. Aí foi falar com o patrão que queria vir embora. O patrão foi e mandou uma carta pra ele entregar a um cara que ele tinha de matar gente, lá. Aí quando chegou no caminho, ele leu a carta. Aí fez outra, recebeu o dinheiro dele, e veio embora. Mas se fosse eu levava uma pisa danada”.

— E agora, você levaria essa pisa ainda?

— Levava mais não, porque já sei ler!

Retomamos a expressão: “Você pensa que não sabe”.

Lemos um poema de Zé da Luz, a história de um caboclo que, por não saber ler, mata sua mulher acusada injustamente de traição conjugal.

Escrevemos no quadro-de-giz todas as letras, vogais e consoantes, e pedimos que lessem, o que todos fizeram com muita facilidade. Explicamos-lhes, então, que todas as palavras do mundo só têm essas letras. O maior livro do mundo “só tem isso”. Vibraram no CC de Marcos.

Noite de chuva.

Dia 8 de março, sexta-feira. Reunião dos coordenadores.

Dilma: Frequência: 6 participantes. Chorou porque os alunos estão parados. Dona Francisca Lopes e dona Terezinha Gomes ainda não escrevem frases. Um aluno falou que os fazendeiros e os construtores estavam reclamando muito dessas escolas, que só vieram para atrapalhar. Que a culpa é do governador que mandou esse povo para cá.

Edilson: Frequência: 13 participantes. Estudamos o *qua, que, qui, quo*. Então por que não dar também *gua, gue, gui, guo*? Confusos no *al, el, il, ol, ul*.

O sr. Francisco falta há dois dias. Hoje Edilson vai à casa dele.

Frases dos participantes:

- A alegria do pobre á a chuva.
- O xique-xique é a alimentação do pobre.
- A tristeza do pobre é a seca.
- O pobre nasceu para sofrer.

Gizelda: Frequência: 12 participantes. Palavras geradoras: *bilro e almofada*.

Não estão convencidos de quem sabem ler!

— Se não fosse o curso nunca saberiam os direitos deles. Que se o povo todo estivesse nas aulas, seria diferente —, afirmou Gizelda.

Ontem, cinema como motivação, com Carlos Lyra.

O sr. Antônio é cabeça apimentada, inquieto.

História do bilhete e da mulher assassinada pelo marido.

Frases do sr. Antônio:

- Feira é um adjunto de gente num dia reservado da semana.
- Voto é uma palavra que requer um documento.

Marcos: Frequência: 5 participantes. Quando um participante vai ao quadro-de-giz formar palavras e esquece uma letra, Marcos lhe diz: “Vai engordar” (engolindo letras).

Margot: Frequência: 3 participantes. Não se convencem de que sabem ler. Vão “procurar no juízo para ver se descobrem uma palavra”.

Os melhores foram embora, para trabalhar fora.

Marlene: Frequência: 5 participantes. Marlene está triste porque a turma dizia que não sabia ler.

Leram as consoantes e as vogais. Dificuldades no *nh* e *lh*.

Dona Maximina não pode aprender, pois não enxerga.

Uma aluna escreve uma carta ao presidente da República.

Ilm Senhor Presidenti

Lhi peço ao senhor. Bouça de estudo para os meus filhos.

Poquer não poço é docar. Tarbalho dia e noite di dia lavo ropa e a noite emgomo. para compra o que eles percisa. I o pai deles um dia de serviço a Cr\$ 300,00 com 6 filhos. Como é que se pode passar. São 4 meninas que estudo. Só entra na escola se fofardado I já não poço mais trabalha proque me — falta a saúde. porioço espero na voça exelencia não mi faltar.

A sina Maria Pequena de S.¹

Pedro: Frequência: 8 participantes. Palavra geradora: *expresso*. Disseram que a única coisa que eles ganham fazendo estrada é poeira.

— O rico faz com o pobre o que a muriçoca faz com a gente: chupa o sangue.

A aula foi gravada.

Ribamar: Frequência: 13 participantes. Palavras geradoras: *bilro e almofada* — singular e plural. Utilizou o papel vegetal. Pôs dois participantes na mesma carteira para se ajudarem e se corrigirem. Os dois brigaram, dizendo que o outro dizia palavras difíceis.

Estudou as famílias da palavra *agricultor*: *gra, gre, gri, gro, gru; cal, cel, cil, col, cul e tar, ter, tir, tor, tur*.

Diz que vai acabar com as dúvidas deles, que pensam não saber ler.

Rosali: Frequência: 7 participantes.

1. Transcrita no jornal *The New York Times*, 2 de junho de 1963. Reportagem de Juan de Onis.

Talvani: Frequência: 10 participantes. Recapitulação. Fizeram bilhetes para Carlos pedindo cinema. O sr. Nelson anda preguiçoso, não pronuncia completamente as palavras e, conseqüentemente, não escreve corretamente.

Valdinece: Frequência: 8 participantes. Incentiva a turma, mostrando que podem ler. O sr. Sebastião faltou uma semana e não quis mais voltar, "para não atrasar o resto da turma". Visita os alunos e os chama para os debates.

Recapitulação.

Valquíria: Frequência: 10 participantes. Um aluno ficou animado porque conseguiu ler uma propaganda política em um muro. Um outro também, porque leu um verso de feira. Estimulando a coordenadora, disseram que não ligasse se respondessem "não sei", que dizem isso porque são ignorantes etc. Dizem que, agora, só dirão "não sei" quando realmente não souberem.

Ressaltou a importância de não faltarem às aulas e de não perderem a oportunidade de frequentarem o curso. Os alunos pediram que ela lhes mandasse jornais e revistas regularmente, para treinarem e não perderem o hábito da leitura.

Apenas um participante está com dificuldade para escrever.

Leram o jornal *Última Hora*.

Os participantes estão ligados aos coordenadores, e em certos CCs torna-se impraticável uma substituição.

Iniciamos, hoje, a realização de um filme-documentário sobre a nossa experiência, que terá como título: *As quarenta horas de Angicos*. Texto do jornalista Luiz Lobo e câmara de Carlos Braga. Faço a produção, selecionando os locais e as tomadas: os Círculos de Cultura; dona Maria Hermínia, a participante mais idosa, as famílias que, juntas, estão se alfabetizando; belota, um cavalo equipado; o refeitório; o dormitório; os momentos de lazer; três alunos, pelo menos, no trabalho, para os "títulos" de Dilma; uma aula de politização e alfabetização; um CC no bairro do Alto da Esperança; como eles chegam aos CCs, com os cadernos debaixo do braço; uma rendeira do CC de Valdinece fazendo renda e, no CC, escrevendo uma frase relativa a esse trabalho; uma reunião dos coorde-

nadores; imagens da cidade: um dia de feira, o barbeiro, a estação, a igreja, o cemitério etc.

Dia 9 de março, sábado. Observações para esta fase:

- Formar palavras no quadro-de-giz e pedir que eles as leiam, em vez de pedir que eles formem palavras: exercitar a leitura.

- Confecção de jornais mimeografados antes desta fase, com as famílias de letras conhecidas. Depois fazer jornais com frases de seus cadernos e, para maior incentivo, pedir a eles frases e notícias da cidade para o jornal.

- Agora, perto do final do curso, quando eles já escrevem com relativa facilidade, pedir composições para o jornal.

- Projeção com *slides* de papel vegetal. No início da aula entregamos a cada participante um pedaço de papel vegetal para que eles escrevessem dentro do espaço reservado para esse fim. Depois projetamos para que o grupo lesse e corrigisse, se fosse o caso, as palavras ou frases escritas. Extraordinário rendimento.

- Dispor de folhas (tamanho mapa) contendo as diversas famílias de letras.

- Gravar conversas com figuras ilustres e discuti-las nos debates.

Edilson lançou um novo tipo de jogo, aliás oportuno para essa fase: um participante dita uma palavra ou frase e outro a escreve no quadro-de-giz. Em todas as turmas, o rendimento foi muito bom.

Necessidade de um teste, para medirmos adequadamente o grau de aprendizagem. Deverá ser um teste bem simples e aplicado nas primeiras doze horas de aula. Com 25 horas, aplicação de outro, para que nos últimos dias possamos fazer um teste final sem haver embaraço nas turmas. Além de avaliar a alfabetização, deverá avaliar, também, a politização.

Estando capacitados, fazendo bilhetes e cartas, chegou o momento da composição final. Durante os debates, pedir composições sobre temas fáceis, dados na hora, desenhos no quadro-de-giz, projeção de uma das fichas à escolha deles. Isso, além de dar um bom rendimento, como aconteceu em Angicos, dá ao coordenador oportunidade de dedicar um tempo maior aos participantes mais atrasados.

As dificuldades naturais de sobrevivência em uma cidade interiorana deixam os participantes desanimados, refletindo, naturalmente, na frequência. Em Angicos, dissemos a eles que não desperdiçassem essa oportunidade de aprender a ler, única no Brasil (RN, Angicos). Que se esforçassem.

Reunião dos coordenadores.

Dilma: Frequência: 5 participantes. Ao chegar já encontrou diversos nomes escritos no quadro por dona Luzia. O sr. Francisco assistiu duas aulas no início, voltando só agora. Leram, formaram sentenças. Dona Tereza não aprende porque não quer.

Edilson: Frequência: 10 participantes. Exercícios com as palavras *agricultor, grana, praça, aperte, grelha; segredo*. Lido o art. 157 da Constituição.

Gizelda: Frequência: 7 participantes. Debate com minha presença. Mapa do Brasil. O sr. Francisco contou que trabalhava no algodão e no fim do ano não tinha dinheiro, pois o barracão tomava tudo. Disse que "Naquele tempo não sabia ler e era sozinho, mas agora...".

Jogo de palavras, invertendo sílabas: *encanto, embrulho* etc.

O sr. Antônio Lopes escreve "embudo", mas logo sua alegria acaba, quando Gizelda lhe pergunta o significado da palavra:

— Não conheço, nunca ouvi dizer. Palavra morta.

A turma comenta:

— Não tem jeito, que cabeça!

Quando Gizelda explicou que era uma palavra pertencente a uma língua estrangeira, chamada espanhol, e que significava *funil*, em português, foi uma vibração total. Todos ficaram eufóricos, felizes. "Sem saber, já estava escrevendo em outra língua!", disse o sr. Antônio.

Um aluno escreveu inconstitucionalissimamente.

Recebi também muitos bilhetes dirigidos a mim.

Marcos: Frequência: 4 participantes. Incentivo para os que estavam desanimados:

— Esta é a última fase da ponte: de um lado, a escuridão da ignorância e, do outro, o saber. Vamos fazer força para terminar a ponte, que já está muito perto do fim.

Frases dos participantes:

nh • A farinha está cara.

lh • A ervilha é um alimento dos ricos.

• Melhor é um dinheiro quando a gente tem no bolsô.

es • Estamos hoje acanhado que só sendo brocoió.

gua • Guaxinim é um animal "enteligente".

gue • A guerra é de brigar, para se vencer.

A guerra briga quem pode

E tem coragem sobrada

E se despede dos seus

Para vencer a jornada.

Deus deixou de tudo bom

A gente segue no que quer.

Margot: Frequência: 3 participantes. Problemas com o dono da casa. Dissolvida a turma. Os participantes foram para o CC de Talvani.

Palavras geradoras: *bilro e almofada. Al, el, il, ol, ul.*

Leram o jornal, mas confundiram as letras *I* e *L*, e *L* e *T*.

Marlene: Frequência: 3 participantes. Deu mais atenção a dona Maximina, porque os outros já estão mais adiantados. Uma participante disse:

— Esquenta a barriga quando fica sentada uma hora.

O irmão de um participante conhece e é a favor da reforma agrária, e quer conversar conosco a respeito do assunto.

Palavras geradoras: *almofada e bilro.*

Pedro: Frequência: 6 participantes. Os outros faltaram por causa da chuva.

- Estudaram as palavras *expresso, atravesso e trabalho*.
Hoje, *dra, gra, pra, tra* etc.
- Ribamar: Frequência: 12 participantes. Apelo para que eles respondam somente a verdade (que não sabem). Debateram sobre a Constituição: casamento, família, educação e cultura, reforma agrária.
Hoje continua alfabetização, mapa do Brasil.
- Rosali: Frequência: 7 participantes. Exercícios. Hoje, continua com as palavras geradoras *bilro e almofada*.
- Valdinece e Lenira: Frequência: 17 participantes. *Pra, nh, ss, rr*. Recapitulação: *expresso, bilro, almofada e chibanca*. Os participantes assimilam melhor com a projeção da ficha.
Choque no CC entre os mais adiantados e os mais atrasados.
Hoje, ditado, enquanto dá atenção aos mais atrasados.
- Talvani: Frequência: 10 participantes. Recordou tudo, um dizendo e o outro escrevendo.
- Valquíria: Frequência: 7 participantes. Os outros faltaram devido à chuva. Muita lama. Mesmo assim vieram para os debates. "Despertaram", leram e compreenderam o mapa do Brasil que está na contracapa do caderno: posição geográfica, estados, territórios etc. Cada um leu o nome de um Estado.
Visão geral: reforma agrária, voto, nacionalismo, democracia, massa e povo, direitos do homem, valorização do trabalho e do homem, higiene.
Cleonice Alves escreve tudo emendado. Solução: no CC de Carlos, um tracinho separou as palavras, sendo apagado em seguida. Recapitulou *r, pra, par, tra, tar, ão*.
Escreveram muito no quadro-de-giz.

Ontem, durante a supervisão no CC de Dilma, descobri que é possível projetar *slides* no quadro-de-giz e utilizar, ao mesmo tempo, o espaço restante para fazer comparações com as fichas projetadas.

Noite de chuva intensa.

Avaliação da politização.

- Dilma: Frequência: 7 participantes. Formaram frases. Três dos sete presentes leram o mapa do Brasil e escreveram.
Não sabem o que é democracia. Sabem o que é povo, massa e sindicato.
- Edilson: Frequência: 11 participantes. Mapa do Brasil.
Frases:
• Democracia, onde se pode falar de um e de outro sem dar nada.
• Massa é analfabeto.
• Trabalho é cultura.
• Reforma agrária é divisão de terras.
- Gizelda: Frequência: 12 participantes. Mapa do Brasil, estados. Produção de cada Estado.
Frases:
• Produção é tudo aquilo que a gente plantou e colheu.
• Povo é o que tem consciência do que vai fazer, sabe se dirigir, e sabe os candidatos em quem vai votar.
• Reforma agrária é divisão de terras que vem quando as leis *passar*.
• Só terra não resolve, só se vier com assistência médica, semente, dinheiro, arame para cercar a terra, arado etc.
• Latifúndio é o homem que tem grandes propriedades.
Não formaram nenhuma frase falando sobre o nacionalismo.
Alfabetização: usaram as mesmas frases que eles falaram sobre reforma agrária.
Os participantes foram filmados.
- Marcos: Frequência: 4 participantes.
- Margot: Frequência: 4 participantes. Turma com Talvani. Apenas um falou.
- Marlene: Frequência: 7 participantes: Palavras geradoras: *almofada, bilro*: politização. Dificuldade nas perguntas, porque não foi ela quem trabalhou a turma.
Escreveram e discutiram: nacionalismo, "o sentimento dos brasileiros".
Frases:
• Povo, o que sabe ler e vota consciente.

- Massa, os que não sabem de nada.
 - Voto é a arma para se defender e não para vender.
 - Não há igualdade, liberdade, nem fraternidade. A gente só é livre no papel.
 - Falam muito em união. Aqui o sindicato não vai para frente porque é tudo desorganizado.
- Esqueceram-se da palavra “democracia”.
- Pedro: Frequência: 9 participantes. Aulas bombardeadas por visitas (o CC de Rosali fica no alpendre da mesma casa): uma repórter de Brasília acompanhada de um cinegrafista visitaram o CC. Ficaram lá por trinta minutos.
- Frases:
- Massa não pensa, não vota, não sabe o que é bom ou ruim.
 - Povo é aquele que vota.
- Quando Pedro falou na vinda do presidente, da carta, disseram:
- A gente não vai nem ver esse homem!
- Mas ele vem vê-los — disse-lhes Pedro.
- O pescador e o irmão faltaram mais de uma semana. Recordou *expresso*, por causa dos alunos atrasados que vieram. Não houve tempo para terminar a avaliação.
- Rosali: Frequência: 9 participantes. Não foi possível fazer a avaliação, pois tiveram muitas visitas.
- Palavra geradora: *bilro, ai, el, il, ol, ul*. Leitura coletiva e individual.
- Ribamar: Frequência: 17 participantes.
- Mapa do Brasil, posição geográfica.
- Distinguem bem massa e povo. Poucos sabem o significado de reforma agrária.
- Todos foram ao quadro, com exceção do sr. Severino.
- Dona Joana escreveu: “A luta do povo é demais”.
- Talvani: Frequência: 15 participantes. Conceitos estudados: *voto e povo*. Não lembraram nada sobre armazenamento, cooperativa.
- Gente (visitas) atrapalhando. Mais de dez.
- Palavra geradora: *expresso, pra*. No final, *dedal*, até chegar a linha de costura, quando a turma voltou a debater.

- Valdineze: Frequência: 13 participantes. Explanação fraca: os alunos estavam apáticos.
- Recordação e formação de palavras: primeiro fáceis e, depois, difíceis. Dois participantes não vão conseguir se alfabetizar.
- Separou a turma: os melhores com Lenira, que fez ditado.
- Sobre nacionalismo, disseram: “O Brasil para os brasileiros”.
- Nada sobre cooperativa. Sindicato, conhecem bem.
- O sr. Antônio diz que reforma agrária “é a repartição de terras”, mas não sabe a quem compete dividir as terras, como e por quê.
- Valquíria: Frequência: 12 participantes. O que é o Brasil? Noções a respeito do país e da capital.
- Todos sabem ler. 90% alfabetizados.
- Frases:
- O Brasil é rico mas vive sujeito aos outros.
 - Massa, o que é enrolado.
 - Povo é o que vota e é consciente.
 - Muitas vezes o povo pode ser massa, porque pode ser enrolado.
 - Os políticos às vezes são mais inconscientes de que a própria massa.
- Não se lembraram do conceito de democracia. Já de Constituição, todos se lembraram.
- Constituição é a lei que manda nas outras.
 - Por que esse negócio é tão bom e os políticos não botam para fora.
 - Reforma agrária é divisão de terras em equilíbrio. Mas a gente precisa do dinheiro.
- Não esqueceram a questão da valorização do trabalho.
- Visitas inoportunas demais: “Dá licença professora!”²

2. O plano-piloto de alfabetização era a vedete na vitrine das ambiciosas metas da Secretaria de Educação do Rio Grande do Norte em convênio com Sudene, MEC, Usaid e governo do Estado, o que resultou no Secern (Serviço Cooperativo de Educação do Rio Grande do Norte).

Dia 11 de março, segunda-feira.

Início da novena do padroeiro da cidade, São José. Quermesse com barracas, folguedos, banda de música, pastoril, comidas típicas, entre elas o delicioso “doce de pêlo” (do fruto do mandacaru), iguaria típica da cidade. Diz a lenda que é afrodisíaco.

Já que não tínhamos mais *slides* com novas palavras geradoras, passamos a estudar as letras *l, s, r* intercaladas: *falta, susto, curto*. Fizemos recapitulação total e avaliação da alfabetização e da politização. Estudamos também o *h* mudo.

Dia 12 de março, terça-feira. Reunião dos coordenadores.

- Carlos Lyra: Filmagens com o jornalista Luiz Lobo e o cinegrafista Carlos Braga, que estão registrando a experiência em filme 16mm.
- Dilma: Escreveram nomes e um bilhete para Carlos Lyra, no quadro. Não vale à pena insistir na diferença entre *x* e *ch, s, c, ç* etc. Só Francisca leu o jornal. Não houve tempo para o restante. O CC foi filmado.
Frequência: 6 participantes.
- Edilson: Leu um livro que o sr. Geraldo trouxe.
Dificuldade no aprendizado de *an, en, in, on, un*.
Projetou palavras para recordar, com as quais formaram frases.
Frequência: 10 participantes.
- Gizelda: Tiveram dificuldade para ler o “L” no jornal *Pau de Arara*, trocando o *L* pelo *I* (letra de imprensa).
Foi buscar três participantes que estavam em casa por causa da novena.
O sr. Trajano não conseguiu fazer nada.
Frequência: 8 participantes.
- Marcos: Assuntos abordados: Constituição Federal (1946). Impostos, organização dos estados, municípios. Poderes: Legislativo, Executivo e Judiciário. Pediram para ver o Código Penal.
Frequência: 5 participantes.

- Margot: Depois que se mudou para o CC de Talvani, dois participantes deixaram de comparecer: o sr. Elias e o sr. André.
Frase:
• Sabendo ler e indo pela cabeça dos outros, é massa.
Frequência: 3 participantes.
- Marlene: Palavras geradoras: *bilro* e *almofada*. Alfabetização. Não exigiu que escrevessem palavras etimologicamente corretas: balde = [baude] etc.
O sr. Leopoldo voltou. Ontem, apareceu uma pessoa querendo participar no curso. Dos Anjos deixou de levar a toalha. Anita é inibida com a própria turma, falando baixo etc. Lêem com mais facilidade do que escrevem.
Frequência: 8 participantes.
- Pedro: Palavras geradoras: *bilro* e *almofada*. Alfabetização apenas. *Al, el, il, ol, ul*, com consoantes etc. Formaram palavras no quadro. Filmagem em seguida. Dona Maria Hermínia não escreve.
Pedro julga que 70% não estão alfabetizados.
Frequência: 10 participantes.
- Ribamar: Assuntos abordados: democracia, importância do voto, povo e massa.
Revisão com os *slides*.
Fizeram bilhetes para Carlos Lyra, pedindo um filme. Quer dedicar atenção maior a dona Joana, ao sr. Justino e aos mais atrasados.
Frequência: 16 participantes.
- Rosali: Avaliou os exercícios que tinham feito em casa. Recordação de todos os *slides*, plural, diminutivo e aumentativo. Todos leram o jornal *O Poti*.
Dona Idália lê com dificuldade e escreve muito errado. José lê pouco.
Frequência: 8 participantes.
- Talvani: Toda a turma escreveu: ditado.
Frequência: 10 participantes.
- Valdinece e Lenira: Não separaram mais as turmas.

Ditado com palavras progressivamente mais difíceis.

Maria Fernandes não evoluiu nada.

Frequência: 12 participantes.

Valquíria: Assuntos abordados: democracia, voto, povo. Recapitulação de *al, el, il, ol, ul*.

Todos formaram no quadro uma palavra, normalmente sem escrever o "l". Palma = [pama]. Escreveram frases com nomes em *al*. Passou para o alpendre para as filmagens.

Começou a ensinar a eles como descrever as coisas.

Frases:

- O pobre só tem direito ao trabalho pesado.
- O homem alfabetizado e consciente é um homem livre.
- Tempero de comida de pobre é a fome.

Frequência: 12 participantes.

Elaboramos um teste para avaliar o nível de alfabetização e politização dos participantes dos debates. O teste foi apresentado a eles da seguinte maneira:

— Vocês escrevem o que vocês acham que está certo para vocês, que depois verificarei o que está certo para mim.

Dia 13 de março, quarta-feira. Reunião dos coordenadores.

O teste de politização foi muito simples e fácil de responder. No de alfabetização, a dificuldade geral foi a família do *qua*: xique-xique.

Os que não fizeram teste ontem, poderão fazê-lo hoje, e, para os mais atrasados, será solicitada uma transcrição de letra de imprensa para manuscrita.

Noite: Aulas atendendo às dificuldades específicas da cada CC em matéria de alfabetização. Aplicação do teste para os que não o fizeram.

Chuva intensa.

Em todos os CCs, os que tem frequência 100% são os mais atrasados. Há exceções, como no CC de Valquíria.

Carlos Lyra: Filmagens.

Dilma: Aplicação do teste. O de politização foi fácil; todos leram e responderam. No de alfabetização, dois responderam. O sr. Chico e a Teresa estão incapacitados para responder.

Frequência: 5 participantes.

Edilson: Teste. Seis alunos que freqüentam diariamente o CC tiveram muita dificuldade. Uns fizeram o nome e outros nem isso.

Edilson não auxiliou em nada, nem a ler.

Frequência: 10 participantes.

Gizelda: Ditado do jornal; uma composição e leitura.

A dificuldade de ter sido o primeiro e único teste. Os alunos perderam a naturalidade e a calma.

Frequência: 1 participante.

Marcos: Teste.

Frequência: 4 participantes.

Marlene: O teste de politização foi bom; no de alfabetização, mais difícil, principalmente nas palavras *expresso* e *xique-xique*. Tiveram muita dificuldade para fazer a transcrição da "letra de imprensa" para a manuscrita. Lêem mais do que escrevem. Amélia chorou porque não sabia mais escrever o nome. Não escreveu frases.

Frequência: 2 participantes.

Pedro: Teste de politização e início do de alfabetização. Continua hoje, com os que faltaram. Não lêem, mas escrevem as palavras geradoras.

Frequência: 6 participantes.

Rosalí: As mesmas informações do CC de Pedro.

Frequência: 6 participantes.

Ribamar: Teste de politização fácil demais. No de alfabetização, tiveram dificuldades com *pra* e *xique*.

Preencher as lacunas do teste não foi fácil para eles.

Frequência: 6 participantes.

Talvani: No teste de politização, um conformista: "Deve se conformar". O último item foi mais fácil.

Frequência: 9 participantes.

Valdinece: No teste de politização, praticamente todos responderam.

Alfabetização: *expresso e xique-xique* foram as maiores dificuldades.

Frequência: 8 participantes.

Valquíria: Foram bem no teste de politização; no de alfabetização, *pra e qua* foram as maiores dificuldades.

Frequência: 3 participantes.

Dia 14 de março, quinta-feira.

Formação de frases, cartas etc.

Dilma: Correção do teste. Composição sobre o tema "O trabalho", mas só Amélia e Luzia fizeram. José escreveu sobre a sala de aula. Os outros três formaram e separaram as sílabas. Ditado só com Luzia e Amélia.

Frequência: 6 participantes.

Edilson: Composição, correção de frases a aplicação do teste com dois alunos.

Frequência: 10 participantes.

Gizelda: Aplicação do teste para um aluno.

Composição para oito; um outro formou palavras.

Formação de palavras pelos participantes no quadro.

Frequência: 10 participantes.

Pedro: Ditado de palavras e separação de sílabas.

Revisão com a projeção de fichas.

Frequência: 6 participantes.

Ribamar: Aplicação de teste com três alunos.

Projeção com papel vegetal, inclusive desenhos.

Frequência: 13 participantes.

Rosalí: Revisão do teste. Formaram palavras.

Ditado de frases, depois corrigidas por eles no quadro.

Frequência: 8 participantes.

Valdinece: Revisão com projeção de todas as fichas.

Leitura coletiva com frases. Composição.

Frequência: 10 participantes.

Valquíria: Aplicação do teste em um participante.

Composição sobre o tema "O trabalho".

Correção do teste no quadro-de-giz.

Frequência: 13 participantes.

Dia 15 de março, sexta-feira.

Aplicação do segundo teste de alfabetização e politização.

Dez minutos para cada tema.

Aplicação:

— Vocês escrevem o que vocês acham que está certo para vocês, depois eu verificarei o que está certo para mim.

1. Falar sobre a cidade (Angicos).

2. Se Deus é bom ou ruim para a cidade.

3. Se tem miséria em Angicos.

4. Depois de haver aprendido a ler, o que gostaria de ser?

Levando em consideração a pouca prática dos participantes, o teste foi feito em folhas de cadernos (novos), dos quais tiramos os grampos, destacando uma folha completa para cada.

O primeiro e o quarto itens foram respondidos satisfatoriamente. O segundo e o terceiro, principalmente este último, a maioria se limitou a responder "sim" ou "não". O quarto item foi apenas uma afirmação do que eles haviam dito na pesquisa feita antes do curso.

TESTE DE ALFABETIZAÇÃO

Angicos, de de 19.....

ANGICOS Círculo de Cultura

Nome:

Coordenador:

1. Escrever duas sentenças sobre a figura projetada.

1 -

2 -

2. Complete:

O Ex.....sso leva muita gen.....

O xi..... xi..... é o amigo do homem na se.....

3. Separe as sílabas:

Revolução

Trabalho

Agricultor

Carestia

Democracia

4. Forme cinco palavras com as famílias:

PA PE PI PO PU

VA VE VI VO VU

CHA CHE CHI CHO CHU

TESTE DE POLITIZAÇÃO

Angicos, de de 19.....

ANGICOS Círculo de Cultura

Nome:

Coordenador:

1. A educação é direito só dos ricos.

Os pobres e os ricos têm direito à educação.

A educação é direito só dos pobres.

2. A Reforma Agrária não é necessária.

Precisamos logo de Reforma Agrária.

A Reforma Agrária não interessa à gente.

3. O povo deve se vender ao galego (estrangeiro).

O povo deve se conformar com a exploração.

O povo deve voltar para se libertar.

Name: _____

SOCIOLOGIA
ANÁLISES
Clube de Cultura

Nome: _____

Coordenador: _____

1. A educação é direito de todos.

1

2. Os pobres e os ricos têm direito à educação.

3. A educação é direito de todos.

4. A educação é direito de todos.

5. A educação é direito de todos.

6. A educação é direito de todos.

7. A educação é direito de todos.

8. A educação é direito de todos.

9. A educação é direito de todos.

10. A educação é direito de todos.

11. A educação é direito de todos.

12. A educação é direito de todos.

CAPÍTULO 5

A decisão de encerrar

Os participantes, em primeiro lugar, foram informados sobre o objetivo da pesquisa e a importância de sua participação. Em seguida, foram apresentados os procedimentos da pesquisa e os cuidados necessários para a coleta de dados. Os participantes foram orientados a responder às perguntas de forma honesta e livre de qualquer influência externa. A pesquisa foi conduzida em um ambiente tranquilo e confortável, com o objetivo de obter informações valiosas sobre a decisão de encerrar a pesquisa.

Os participantes foram orientados a responder às perguntas de forma honesta e livre de qualquer influência externa. A pesquisa foi conduzida em um ambiente tranquilo e confortável, com o objetivo de obter informações valiosas sobre a decisão de encerrar a pesquisa.

Dia 16 de março, sábado. Último dia de aula.

A decisão de encerrar

Eles já sabem ler e escrever? Não temos parâmetros. Tudo aconteceu na interação, no fazer, *in praxis*. Há vários dias que este é um dos temas de nossas reuniões: a responsabilidade de apresentar os resultados da experiência, e dar o testemunho de sua eficiência. Ao contrário, Angicos será mais uma experiência fracassada, entre tantas. Mas as dezenas de cartas entregues por eles, na quadragésima hora, ao presidente da República, atestaram a desenvoltura *summa cum laude* dos participantes na leitura e na escrita. Na verdade, trabalhando a alfabetização, desenvolvemos um método de conhecimento.

É importante ressaltar que a Secretaria da Educação do RN, a Sudene, e a *Aliança para o Progresso* — que financiou a experiência — nunca interferiram em nossas atividades. As decisões eram tomadas e assumidas unicamente por nós.

Os participantes, apreensivos, indagam, diariamente, sobre o final do curso. Decidimos encerrar sem avisá-los antecipadamente, pois eles afirmavam que não iriam ao último debate. Foi a “aula da saudadezinha”. Fizemos um breve histórico do curso, lembrando os seguintes temas:

- O que foi o mês de dezembro em 1962? Eram analfabetos. E hoje?!
- A chegada de um grupo de jovens universitários.
- O levantamento do universo vocabular.
- Matrículas.
- 18 de janeiro — aula inaugural.
- Dificuldades: vinda do material; descrença da cidade e deles.
- 24 de janeiro — aula de cultura.
- 28 de janeiro — primeira aula de alfabetização: *belota*.
- Valorização do trabalho.

No dia seguinte, domingo, reunimos todos os participantes no instituto, onde as coordenadoras estavam hospedadas. Muitas emoções. Foi a *aula da saudade*.

O poeta vaqueiro Zepraxédi, em visita a Angicos, sua terra natal, gravou para os participantes, em fita magnética, o seu poema “O analfabeto”, que apresentamos nessa reunião. Em nome dos alunos falaram o sr. Antônio Ferreira e o sr. Geraldo, que, emocionado, disse:

— Foi muito pouco tempo, mas hoje já sei ler. Não uso mais o dedo, agora escrevo o meu nome. Como é que devo provar? É lendo. E leu o jornalzinho do curso: *O Pau de Arara*.

No final, marcamos o dia 22 de março para o encerramento oficial, quando o presidente da República, João Goulart, ministraria a quadragésima hora. Mas a visita presidencial foi adiada para 2 de abril.

Dia 2 de abril, terça-feira.

Dez horas da manhã, numa solenidade milionária de autoridades, o governador Aluísio Alves, do Rio Grande do Norte, discursa:

[...] através de um Programa de Educação que se realiza sob os melhores auspícios, [...] todos os que se matricularam, e que tiveram menos de quarenta horas de aula, aprenderam a ler e a escrever: lêem jornais, lêem revistas, lêem alguns livros, escrevem suas cartas.



40ª hora. Discurso do presidente João Goulart.



Primeira fila, da esquerda para a direita: governador Seixas Dória (Sergipe); governador Virgílio Távora (Ceará); governador Aluísio Alves (Rio Grande do Norte); presidente João Goulart; (não identificado); Celso Furtado (Sudene).

Segunda fila, da direita para a esquerda: general Castelo Branco; Sílvio Pedrosa (Casa Civil da Presidência).

Em pé: secretário da Educação Calanzzas Fernandes (com a mão do rosto) e jornalistas.

[...] Nesta oportunidade e presentes aqui o senhor ministro da Educação, o senhor superintendente da Sudene, representantes da *Aliança para o Progresso*, quero dar o testemunho do nosso agradecimento pela colaboração e pelo apoio dados a esta experiência e a alegria de dizer que ela está vitoriosa e, por isto mesmo, a partir do mês de maio, nós vamos estendê-la a mais de dez cidades do Estado e à capital do Rio Grande do Norte, com a esperança de que, se ela continuar dando pleno êxito, em vez de 100 mil alunos, possamos, no espaço de três anos, dado o êxito desta experiência, possamos alfabetizar cerca de 200 mil adultos.

Com esta breve explicação, peço a Vossa Excelência para dar a quadragésima aula do Curso de Alfabetização.

[...] Não poderia ter sido maior a homenagem que presta Angicos, que presta o Rio Grande do Norte ao presidente da República, do que este magnífico espetáculo que assisto, hoje, nesta cidade. Ao lado de altas autoridades da República, dentro deste prédio simples, numa cidade simples, de alunos que num prazo tão curto se preparam para romper as barreiras do analfabetismo.

Vejo, aqui, homens humildes do Rio Grande do Norte. Vejo mães, vejo filhos, uma população adulta que, pela primeira vez, depois de tantos anos, tem oportunidade, através deste curso que lhe é proporcionado, de aprenderem as primeiras letras [...] mas, acima de tudo, alunos, alunos jovens e adultos, todos estarão capacitados para ler, também, a grande cartilha da República: a Constituição da nossa pátria, que lhes fez cidadãos e que tem o dever de lhes proporcionar este mínimo de alfabetização.

[...] Desejo que centenas destes cursos se espalhem pelo território brasileiro, para que, num futuro próximo, todos os nossos patrícios, todas as nossas patrícias e, especialmente, os que estão mais à margem da civilização, aqueles que vivem mais longe e são mais pobres, possam também receber do seu país este benefício mínimo, que é direito também de participar e de se integrar na vida da nação.

[...] Hoje são as primeiras letras do ABC, mas amanhã serão as leis que serão lidas pelas mulheres e pelos homens,

jovens e adultos que terminaram este curso e, aprendendo a ler, aprenderam, acima de tudo, a defendê-las.

[...] Aos alunos, às alunas, aos jovens, aos velhos e às senhoras, nesta quadragésima hora, as minhas homenagens e que Deus nos ajude e nos inspire [...] para que esta alfabetização possa lhes proporcionar, no futuro, não somente o conhecimento mais amplo da nossa pátria, das nossas leis, mas, acima de tudo, possa uni-los nas reivindicações constantes dos pobres, dos humildes, dos alfabetizados e dos analfabetos na luta constante pelas suas reivindicações por um clima de paz, por um clima de justiça e por um Brasil emancipado.

Logo em seguida, “quebrando o protocolo”, falou o sr. Antônio Ferreira, em nome dos participantes alfabetizados.



40ª hora. O ex-analfabeto, Antônio Ferreira, fala em nome dos alunos.

— Eu peço licença para dizer algumas palavras.

— Pois não, pode falar.

Senhor presidente da República, senhor governador Aluísio Alves e todos, autoridades que estão presentes, meus professores e minhas professoras e todos colegas.

Em outra hora, há poucos dias, ninguém não sabia ler, não sabia de letras algumas, como eu era um que não sabia; só sabia o que era um “O”, que era que nem a boca da panela; o “A”, que nem um ganchinho de pau. E hoje em dia, graças a Deus e os meus professores, já assino o meu nome e leio algumas coisas, graças a Deus.

Tanto, que fiquei bastante *sastifeito*, com o alfabetismo que fez a nós aprendermos. Eu já com a idade avançada, com 51 anos, mas graças a Deus tenho a inteligência e vou já escrevendo *qualqué* coisa. Hoje mesmo, fiz uma cartinha pra o senhor presidente da República, dizendo algumas coisas.

E do mais que peço a Sua Majestade, que é a pessoa maior que nós enxerguemos no Brasil, é o presidente da República, *qualqué* coisa, viu. Peço que continue o curso de aula para nós todos, não tão-somente no Rio Grande do Norte, como em todos os lugares por aí que têm necessidade, milhares e milhares que não sabem as primeiras letras do alfabeto. São pessoas que têm necessidade, para melhorar a situação do Brasil, para mais tarde servir mesmo para o senhor presidente da República, para o senhor governador do Estado e para nós todos.

Tanto que eu fiquei muito *sastifeito* e mais *sastifeito* ficarei continuando a escola.

Naquele tempo anterior veio o presidente Getúlio Vargas matar a fome do pessoal, a fome da barriga, que é uma doença fácil de curar. Agora, na época atual, veio o nosso presidente João Goulart matar a precisão da cabeça, que o pessoal todo tem necessidade de aprender [muitas palmas].

Temos muita necessidade das coisas que nós não sabia e que hoje estamos sabendo.

Em outra hora, nós era massa. Hoje, já não somos massa, estamos sendo povo. Nós todos, alunos, uns trezentos e tantos

ou quatrocentos, já sabemos escrever *qualqué* coisa, e ler outras coisas. Com a continuação, amanhã ou *adepois*, sabemos escrever as cartilhas do presidente da República, sabemos fazer *qualqué* coisa em favor do Brasil, em favor do Estado.

Tanto que estamos bastante *sastifeitos* com estas aulas e devemos continuar.

Aqui eu faço pausa, está me faltando a música. Desculpe e de todos agradecido, viu.

Dando continuidade, a aluna mais idosa, Dona Maria Hermínia, fez a entrega de cartas escritas pelos participantes do curso, dirigidas ao presidente e recolhidas no local.

Transcrevo uma das que tive oportunidade de ler.

Senho Presidenti

E neste momento que pego no meu lapis para lhi comunicar as minhas nesesidade. Agora mesmo não sou maça sou povo e posso esigi meus direito. Senho présidenti a gente tem percisão de muita coisa como: reforma agária Escola e que o senho bote as leis da constituição pra fora. Tenho duas filas pra edocar e não tenho recuso porço peço ao senho bouça di estudo pra que elas não cresam como eu cresi.

Francisca de Andrade.

A seguir, o professor Paulo Freire fez uma exposição de seu método, dizendo em um certo momento:

Quebramos uma série de tabus metodológicos. Superamos a escola pelo que nós chamamos Círculo de Cultura; o aluno, pelo participante de debates; a aula pelo diálogo; o programa acadêmico por situações sociológicas desafiadoras, que nós pomos diante dos grupos com quem debatemos e de quem arrancamos uma sabedoria que existe e que é, esta sabedoria, opinativa e existencial do povo.

Finalizando, o presidente da República, disse:

Eu considero encerrada a quadragésima aula, com as minhas expressivas congratulações ao nosso eminente professor Paulo Freire, depois da sua brilhante aula, e a todos os agradecimentos do presidente da República, e os parabéns por ver que os conhecimentos do grande mestre e de todos os professores foram transmitidos em grande parte a trezentos homens e mulheres, que já podem ser considerados e se considerarem de fato alfabetizados. Muito obrigado.

Terminada a solenidade, num calor de quarenta graus, o general Castelo Branco, dirigindo-se sozinho para o carro, chama o secretário Calazans Fernandes (ao meu lado) e, em tom afável, cordial, como quem está dando um conselho, diz:

— Meu jovem, você não acha que está engordando cascavéis neste sertão?

Calanzas, não sentindo nenhuma atitude de interpelação, responde:

— General, depende do calcanhar que elas mordam!

É oportuno registrar que, antes e durante a quadragésima hora, Talvani, em seu pequeno caderno de anotações, colhera impressões de várias autoridades, e o general Castelo Branco, de próprio punho, tecera elogiosas referências ao nosso trabalho.

O almoço com o presidente, a festa era nossa. O banquete, não.

A caminho da fazenda dos Pedroza, no distrito de mesmo nome, a seis quilômetros de Angicos, imaginávamos uma refeição diferente do dia-a-dia angicano, em que, às vezes, Gizelda e Rosali iam para a cozinha para tornar mais degustável a boa vontade e o tratamento gentil de Sinhanana, a cozinheira. Pirão de cabeça de galo (peixe), risoto, berinjelas empanadas... Gizelda era a especialista das sobremesas: quindins e pudins que, muitas vezes, nem sequer provávamos, tantas eram as visitas a nos assediarem.

RELAÇÃO NOMINAL DOS COORDENADORES:
UNIVERSITÁRIOS E SECUNDARISTAS

	Faculdade
Carlos Augusto Lyra Martins	Filosofia
Dilma Ferreira Lima	Farmácia
Edilson Dias de Araújo	Científico
Gizelda Gomes Salles	Filosofia
José Ribamar de Aguiar	Direito
Lenira Leite	Filosofia
Marcos José de Castro Guerra	Direito
Margarida (Margot) Magalhães	Odontologia
Pedro Neves Cavalcânti	Direito
Rosali Liberato	Filosofia
Talvani Guedes	Ginásial - 4º ano
Valdinece Correia Lima	Filosofia
Valquíria Felix	Direito
Coordenadores que participaram com menor número de aulas, de acordo com as necessidades ou disponibilidades:	
Marlene Vasconcelos	Filosofia
Maria do Carmo (Carminha) Correia de Lima	Serviço Social
Maria Madalena Freire	Pedagogia
Evanuel Elpídio da Silva	Medicina
Maria Laly Carneiro	Medicina
Geniberto Campos	Medicina
Maria José Monteiro	Serviço Social
Ilma Melo	Filosofia

A imponente mansão dos Pedroza foi pequena para conter a galáxia de generais. Tantos, que ocuparam todo o primeiro andar. Ficamos nas varandas... e, para nós, termina Angicos.

Transcrição do debate do CC de Marcos Guerra

21 de fevereiro de 1963.

Palavra geradora: *chibanca*

Íntegra do debate (trinta minutos):

— Sobre o valor do trabalho, eu queria lembrar aquele artigo de jornal — *Jornal do Estudante* — cujo nome se chamava “Trabalho e libertação”. Nós temos a palavra *chibanca*. O que é trabalho, sr. Geraldo?

— É cultura.

— Sr. Manezinho (Manoel Dias), o trabalho enobrece o homem, dignifica o homem ou humilha o homem?

— O trabalho enobrece o homem. Dá valor ao homem. E o malandro é que não tem valor.

— Muito bem. Por que é que o homem trabalha?

— Porque precisa.

— Agora, eu pergunto: Toreiro (João Rodrigues), quando ele trabalha, ele pega a coisa da natureza e faz o que com essa coisa?

— Faz a cultura.

— Muito bem. Pega a coisa bruta e ajeita.

— Faz o produto.

— Então, a gente está vendo que o pessoal trabalha, trabalha porque precisa, que o trabalho é coisa de quem não é malandro, o trabalho enobrece o homem e o homem quando trabalha faz cultura, pega as coisas brutas da natureza e aperfeiçoa: faz o produto, como diz o sr. Geraldo. Dona Paulina, quer dizer com que é que o povo trabalha?

— Trabalha com *chibanca*, trabalha com máquina, trabalha com agulha, trabalha com as mãos, trabalha com o juízo.

— Quem é que trabalha com o juízo?
— Todos nós.
— Sr. Luiz, o senhor que é soldado, trabalha com quê?
— Como soldado, trabalho quando vou fazer uma diligência e quando estou parado e aparece um serviço, porque o ganho é muito pouco, trabalho no que encontrar.
— Francisca, e você, trabalha com quê?
— Eu trabalho de varrer casa, com a vassoura, com as mãos, com sabão.
— E Toreiro, trabalha com quê?
— Trabalho com as mãos, porque com as minhas mãos eu tiro leite de uma vaca, boto sela num cavalo e pego uma rês — pra ganhar uns trocados — e trabalho com a cabeça, porque às vezes a gente vai fazer um serviço e vai pensar com fé em Deus pra ver se dá certo, pra vê se sai bem.
— Sr. Geraldo, o senhor trabalha com quê? Eu queria saber com que é que cada um da classe trabalha.
— Trabalho de carpinteiro: modelo caixa, faço tamborete, mesa, porta, caixa... trabalho com enxó, serrote, formão, pua, plaina, martelo, prego.
— E o sr. Manezinho?
— Trabalho também com serrote, martelo, essas coisas, fazendo mala, maleta. Trabalho com o juízo também, porque vou fazer uma maleta, pego a pensar como é, como não é, para serrar a madeira por igual, macia, tudo direitinho.
— Então, eu queria perguntar ao sr. Geraldo se ele acha que o trabalho dele e o trabalho de todo mundo aqui da classe têm o mesmo valor daquele trabalho, por exemplo, que faz o médico?
— Tem o mesmo valor, porque cada um tem sua arte. Eu não sei fazer o serviço do médico. Ele, também, se for fazer o meu não sabe fazer. Pego o meu serviço, meto a cara e faço. Ele chega, fica se batendo e não sabe fazer. Comigo é a mesma coisa. Vejo ele fazendo uma coisa, fico admirado e não sei fazer, não sei para onde vai.

— Toreiro?
— É a mesma coisa, porque aqui eu ganho dois mil cruzeiros do médico daqui, para tirar o leite de uma vaca dele: dar ração e tirar o leite. Quer dizer, ele me paga porque não sabe fazer o serviço e eu sei.
— Quando você precisa do trabalho dele, paga ele.
— Pois é. Quer dizer, eu não pago, porque ele não quer. Mas se ele não me conhecesse era preciso eu pagar.
— Agora, dona Paulina. Já foi dito aqui, que quem trabalha é que é honesto. A maioria dos homens trabalha e produz. A senhora dá valor a isso que homem produz? A senhora ouviu quando o sr. Luiz disse que o ganho é pouco. Então, será que o trabalho dele, como o trabalho da turma aqui, da classe, e o trabalho de outros está sendo pago como devia ser, ou o trabalho não está sendo reconhecido por quem devia e está valendo pouco?
— O trabalho dele?
— De todo o mundo.
— Cada vez mais tudo aumentando. A gente ganha pouco... deve aumentar o ganho.
— Eu queria perguntar ao sr. Luiz. A gente está com a idéia que é operário, trabalhador. O senhor está sentado numa carteira. Quem foi que fez?
— O homem, trabalhador.
— O senhor come feijão e arroz, quem foi que plantou e colheu?
— O homem.
— O senhor está embaixo de uma casa. Quem foi que fez?
— Foi o homem.
— O senhor está com uma roupa. Quem foi que fez?
— O homem.

— O senhor fez a barba hoje com uma gilete. Feita por quem? A gilete feita pelo senhor?

— A gilete foi o homem que fez?

— Não é o senhor, porque o senhor não está lá para fazer a gilete. Mas se o senhor estivesse lá, tinha capacidade para fazer. Agora, eu pergunto: tudo então, o tecido, que o operário faz na fábrica, vistoso, ele faz para vestir ou o senhor conhece a história de gente que trabalha, que faz casa e não tem onde morar, de gente que faz roupa e que não tem o que vestir, de gente que planta alimento e não tem o que comer?

— Tem muitos dessa qualidade. Trabalha, faz o trabalho naquelas fábricas, pra dar o produto pra vender aos outros, que nem o meeiro, trabalha e no fim o dono daquela propriedade é quem fica com tudo e ele sem nada.

— O senhor acha isso certo?

— Eu acho muito errado.

— Então, não estão dando valor ao trabalho, não está havendo uma valorização do trabalho. Agora, sr. Manezinho constrói casa. Há três dias atrás ele estava com um problema de não ter uma casa para morar. Conseguiu agora uma casa alugada. Comprou. Comprou a casa por quanto?

— Cinquenta mil cruzeiros.

— Como é que o senhor vai arranjar esse dinheiro?

— Esse dinheiro é meu filho que vai arranjar. Eu mesmo não arrango, porque o meu ganho não dá. O que eu ganho mal dá pra comer.

— O seu filho trabalha em quê?

— Meus filhos são barcaceiros em Macau.

— E lá, será que o trabalho é valorizado?

— É.

— E por que que lá é?

— Porque lá tem sindicato. Ele faz parte do sindicato, e quando não pagam direito eles formam greve e vencem. Os navios “fica” tudo lá no lameirão, sem carregar, e ninguém carrega. Só carrega aquilo ali quando aumentam.

— Então o senhor está dizendo que o seu ganho é pouco, mas o seu trabalho é o mesmo dos seus filhos, quer dizer, tem o mesmo valor, não é isso?

— É, tem o mesmo valor.

— Mas o deles está sendo mais valorizado porque eles se juntaram com os outros da mesma classe, não é isso?, e começaram a exigir que o trabalho tivesse o valor que tem: receber de acordo com o valor de seu trabalho. O que é que chega, assim, na sua cabeça, sr. Geraldo, daí. O senhor, por exemplo, disse há pouco que o seu ganho é pouco. Os barcaceiros estão apontando a solução. Será que dava para se fazer as mesmas coisas dos barcaceiros?

— É o seguinte: lá é uma companhia, não tem pena de pagar a ninguém, paga pelo valor. E aqui não paga pelos direitos. Em Macau, um servente é oitocentos cruzeiros para trabalhar. Aqui paga trezentos cruzeiros, forçado. É um absurdo!

— Bom, até agora eu discuti isso só para lembrar uma coisa: que a gente a essa altura, a classe mesmo é que está dando o valor ao trabalho. Sr. Geraldo está reclamando, por exemplo, que em Macau o valor do trabalho é um e aqui o valor do trabalho é outro. Talvez porque lá o operário tenha sabido se valorizar, não é isso?, e aqui ainda faltou esse saber.

— Lá, meia hora, qualquer hora que passar no trabalho, eles pagam. E aqui, não. Passa da hora, descamba com tudo, e se for reclamar eles dizem: vai-te embora, não está dando certo o serviço não...

— Sabe por quê? Porque a turma não tem consciência de classe, e chega outro e faz aquele serviço. Agora, se a turma fosse como em Macau, onde se não pagar pela meia hora a um, não aparece outro para preencher o buraco, não

é assim? Porque a turma tem consciência de classe. É por isso que o trabalho lá tem valor. Toreiro, você é o único toreiro aqui de Angicos?

— Não.

— Quantos tem?

— Não contei não.

— Você corre atrás de gado, tira leite...

— Vaqueiro.

— E a turma dá valor ao seu trabalho?

— Dá.

— Por que, como é que se diz, se vende caro. É assim?

— Não é não senhor. O povo se agrada do meu trabalho, porque eu trabalho, não me “empalho” no serviço e todo mundo me quer. Se eu arranjasse a minha liberdade, tem diversos fazendeiros por aqui que...

— Topava o seu trabalho?

— Perfeitamente.

— Sr. Geraldo disse que o senhor faz o serviço e terminam sem lhe pagar. É verdade isso? [Risos.] Olhe, eu queria recordar aqui aquele negócio que a gente vem desde o começo. Quer dizer, há um valor do trabalho que a gente dá, uma coisa que é aquilo que o sr. Luiz disse: o operário que faz a roupa nem sempre anda vestido; aquele que constrói casa e para comprar uma casa vai recorrer aos filhos...

— Faço tudo isso e não tenho um tamborete para sentar em casa!

— Mas o senhor já fez quantos tamboretas na vida?

— Já fiz muitos tamboretas.

— Você tem uma maleta, sr. Manezinho?

— Tenho uma maleta, mas “murcha”. [Risos.]

— Mas você faz uma maleta boa!

— Ah, faço maleta de primeira! A precisão é que leva. O camarada chega e “me venda”, e estou com aquela necessidade: leva... deixa o dinheiro...

— Então eu queria recordar que a gente está numa coisa, que os jornais chamam de “civilização da liberdade”. Agora, o que é que a gente viu? Liberdade de fazer casa e morar ao relento. Sr. Luiz trabalha, mas mora aqui quase até emprestado, não é isso?

— Não posso pagar aluguel de uma casa. O que eu ganho é muito pouco.

— Mas seu trabalho tem valor, e não dão o valor do trabalho. O senhor falou em quem faz a roupa e anda quase sem roupa. A gente viu quem faz maleta, faz tamborete... não tem. É a coisa de casa de ferreiro, espeto de pau.

— É o ditado mais certo.

— Então, os políticos, quando eles chegam para conversar com os operários e quando sai nos jornais, sai assim: “Nós estamos no Brasil. Brazil civilização da liberdade”. Agora, acontece o seguinte: liberdade de não ter onde morar é o que a gente conhece. Aquela velha coisa, dois terços da humanidade não têm onde morar, não têm o que comer, não têm o que vestir, não têm escola, toda aquela coisa que a gente tem visto. Aquele artigo do jornal que a gente falou, ontem, dizia assim, sobre o Brasil: “Democracia é onde os filhos dos operários são obrigados a trabalhar desde crianças, sem poder ir às escolas, pra manter os patrões e seus filhos, e seus netos na boa vida dos cadilaques, da champanhe, do uísque”. Uísque, champanhe e cadilaques são feitos por quem?

— Pelo homem, pelo operário.

— É aquela outra coisa, dona Paulina, que a gente falou, que existe muito em mesa de rico e que é bem cara?

— Do nome, agora, não me lembro não senhor.

— Quem é que se lembra?

— Ca... como é, ca...

— Caviar. Que é que o senhor acha do caviar?

— Caviar é muito luxo. É bom acabar com esse negócio todinho, pra todo o mundo...

— O sr. já comeu caviar?

— Nunca ouvi falar. A primeira vez é essa.

— Bom, agora eu queria saber o seguinte. O que a gente tem no Brasil, então, é isso. Mas nós não achamos que isto seja certo. A gente dá um valor ao trabalho e não admite que o negócio continue assim. Eu queria saber o que a gente poderia fazer. Sr. Manezinho, o senhor hoje foi eleito governador do Rio Grande do Norte. O senhor decidiu que agora vai ser mesmo uma democracia. Então, o povo que elegeu o senhor, confiando no senhor, que o senhor vai fazer um governo que prestasse, lhe elegeu porque o senhor prometeu que ia fazer uma série de coisas boas. Pra começar, valorizando o trabalho, o que é que o senhor ia fazer?

— Trabalhar a bem do pessoal, como prometi a eles, pra libertar os brasileiros.

— Libertar de que, sr. Manezinho?

— Libertar para não ficar sujeito, trabalhando sem salário justo, muito pouco.

— O senhor conhece uma coisa que se chama salário mínimo? Sabe o que é isso?

— Salário mínimo? É o salário pouco.

— Sr. Luiz, já ouviu falar nisso, salário mínimo? O que é que o senhor entende disso?

— Salário mínimo é...

— Salário mínimo, de acordo com a Constituição brasileira, é aquele menor salário com que o homem pode viver. É ele calculado assim: pega uma pessoa solteira numa região e aí vê o que é que ele gasta com comida, com roupa, com algum remédio, sapato e casa. O salário mínimo lá de Natal é 13 mil cruzeiros. Aqui, quanto é que o senhor ganha?

— 3.600,00.

— Não é o salário mínimo do interior?

— Não é nem a metade.

— E dá para passar com isso?

— Dá não senhor.

— Acontece que a lei, a Constituição, diz que o salário mínimo é garantido. A Constituição, que é a lei maior do país, que ela tem de ser obedecida. O chefe de governo, o político que assumir um cargo e não cumprir a Constituição, ele está errado. Todo brasileiro tem que lutar para que a Constituição seja cumprida. Mas a Constituição fala em salário mínimo. A Constituição fala numa coisa que se chama repouso semanal remunerado, quer dizer, uma vez na semana, de preferência aos domingos, o homem deve, pela lei, descansar e receber pelo descanso. O operário da cidade faz isso, já conseguiu. Algum dia, sr. Geraldo, já lhe pagaram repouso semanal remunerado?

— Nunca.

— E a você, Toreiro?

— Pagavam quando eu era liberto e eu era empregado, porque a minha profissão era "vaqueirista" e eu vivia empregado. Às vezes, eu passava dois, três dias sem trabalhar, em festas, e o meu ordenado era seguro.

— Mas, às vezes, você infestava no trabalho!

— Mas, também, não sabia o que era domingo nem dia santo. Às vezes, acontecia que eu ia a um passeio, uma festa, um negócio, passava dois, três dias sem trabalhar também, e ganhando.

— Pois a lei fala nisso, de repouso semanal remunerado. Isto porque a sua forma de trabalho é diferente. A lei fala em repouso semanal remunerado, do mesmo jeito que ela fala de uma coisa que se chama "jornada de trabalho", quer dizer, o mais que um operário brasileiro pode trabalhar, segundo a

Constituição, são oito horas por dia. Algumas vez na sua vida o senhor deixou de trabalhar de sol a sol, sr. Geraldo?

— Trabalho direto, direto... o suor correndo. Às vezes não pego nem o feijão na hora do almoço.

— Pois a Constituição assegura que a jornada de trabalho é de oito horas por dia. Mais do que isso o cara ganha extraordinário. Quer dizer, como é que o negócio devia ser? Devia ser assim. Depois, a mesma Constituição diz assim: Todo operário, a Consolidação, que é a lei do trabalho, que defende os trabalhadores, deve garantir, também, a todo operário umas férias anuais. Todo operário deve ter direito a vinte dias de férias, descansando e recebendo como se estivesse trabalhando.

— Bom, é... Mas sobre essa parte, os operários...

— Mas é da lei.

— Ah, o pessoal não queria mais trabalhar...

— Não, espere aí! Acontece o seguinte. Não é o governo. O senhor trabalha em construção. Pois bem, se o senhor trabalhar para um empreiteiro só, durante um ano inteiro, quando o senhor completar os doze meses tem direito a um mês de férias.

— Tá certo, eu “comprendo”.

— Não é só o governo que é empregador pra isso, não. Seus filhos não têm isso, sr. Manezinho?

— O camarada trabalhar e dar valor ao trabalho.

— Correto. Ninguém é máquina para emendar o ano inteiro trabalhando. Como é que seus filhos falam das férias, sr. Manezinho? Eles costumam vender as férias, ou gozam as férias?

— Gozam.

— Mas o senhor conhece história de gente que vende as férias?

— Conheço.

— Como é isso? Conte aqui para a classe.

— Vendem as férias... Bom, não sei explicar isso não.

— O sujeito tem direito, pela lei, de gozar esses vinte dias de férias, vinte dias de trabalho, vinte dias úteis, quer dizer, segunda, terça, quarta, quinta, sexta e sábado, meio dia. Então, tem gente que, por necessidade, na cidade a gente encontra muito e, no interior, a gente não encontra porque, simplesmente, aqui o pessoal não tem nem esse direito, porque os patrões não reconhecem. Mas, na cidade, tem gente que precisa, aquele mês de férias é uma chance, é uma oportunidade, não de descansar, mas de ganhar dobrado. É só isso. O sujeito vende as férias e trabalha. Não fica de férias e recebe pelas férias e pelo mês que trabalhou. O senhor, como soldado, tem férias? Quanto tempo?

— A gente tem trinta dias, estando na capital. No interior não tem não.

— Por que no interior não tem?

— Porque diz o comandante que a gente já vive de folga.

— E o senhor vive de folga ou trabalha todo dia?

— Trabalho todo dia. Manda fazer uma perícia, tenho que ir. E quando estou numa folgazinha, que aparece um serviço pra eu trabalhar, pra comprar o açúcar pros meninos... porque o que ganho, três contos e seiscentos, o menino mais pequeno que tem, come de açúcar por mês. O mais pequeno. [Risos.] Também, com uma carestia dessas, o senhor acha que dá pra coisa nenhuma.

— Agora, então, o que eu queria dizer, era o seguinte. Botei a mosca para sr. Manezinho sair governador do Estado, pra ele resolver o problema. Ele disse que o que ele fazia era trabalhar para cumprir o que ele prometeu. O que é que o senhor acha de um político que promete um bando de coisas e não cumpre, sr. Manezinho?

— Não é bem homem, não.

— E o que se deve fazer com um sujeito desses?

— Botar pra fora imediatamente.

— E botar quem no lugar dele, sr. Manezinho?

— Botar um cristão que faça, que tenha pena dos pobres, não seja inconsciente, não seja “marvado”.

— Sr. Manezinho, tenha pena, eu não gosto da palavra, não. Porque eu acho que o sujeito não deve ter pena só, não. O negócio é para ele resolver o problema, não por pena, mas porque tem obrigação.

— Obrigação não é ter pena. Pena é caridade, não é...

— Me diga uma coisa, se você fosse governante de um Estado, o que é que o senhor fazia com esses estrangeiros que estão aí, lá na Fazenda São Miguel, e com os salineiros franceses, lá de Macau?

— Mandava tudo pra casa, pra terra deles.

— E quem fazia o trabalho que eles estão fazendo?

— Os brasileiros! Não é capaz de fazer? Então o brasileiro não é cristão?

— Também acho assim. E por que é que esses políticos não botam esse povo para fora?

— Por que não querem botar. Com certeza há uma gaitazinha (dinheiro)!

— Estou imaginando aqui que se o sr. Manezinho fosse governador de um Estado como o nosso, sr. Manezinho acabava com a exploração do homem pelo homem. Não é isso?

— Acabava. Ia trabalhar para mostrar...

— O senhor ia arranjar um regime onde houvesse, realmente, igualdade de direitos de filho de rico e filho de pobre, ou o senhor acha que filho de rico tem mais direito?

— Não, senhor, é tudo igual!

— E hoje em dia, é?

— Não, senhor.

— Por que não é?

— O filho do rico quer pisar o filho do pobre, pisa. O filho do pobre não tem o alimento que o filho do rico tem. É muito diferente. Se meu filho chora com fome, “meu filho vai chorar lá... menino cala a boca, que lá vem o lobisomem, vai dormir, menino”. E o filho do rico não é assim: “Cala a boca, meu filho, que eu vou comprar um carrinho pra você, e tal... um velocípede, uma bonequinha dessas que a menina pega a faz cuém. [Risos.] E o pobre, não...”

— (Sr. Luiz) O filho do pobre tem olho grande, e o filho do rico tem olho pequeno.

— Por que, sr. Luiz?

— Porque o menino filho de pobre está em casa chorando, cuém, cuém... “lá vem o lobisomem”, e o menino arregala os olhos e se fia naquilo, vai chorar. O menino do rico tá chorando, tem duas, três amas “ô, ô, ô”, pega um negocinho, aí...

— O senhor já ouviu falar numa coisa que se chama democracia, sr. Luiz?

— Já tenho visto, já.

— Sabe o que é, sr. Luiz?

— Sei não senhor. Democracia é o seguinte: é o sujeito ser honesto...

— Olhe, eu escrevi ontem no quadro o que era democracia. Quem é que se lembra, da classe? É aquela história “governo do povo, pelo povo e para o povo”. Não é assim? E o senhor acha que hoje, no Brasil, a gente tem um governo do povo, para o povo e pelo povo?

— Tem.

— Espere aí. O senhor me disse que o trabalho não está sendo valorizado. Que o filho do pobre tem olho grande, que o dinheiro que o senhor ganha não dá pra pagar o açúcar de seu filho menor.

— Dá não senhor.

— Então, o governo não está sendo para o povo, está sendo só para os ricos. Se estivesse sendo para o povo, você não tinha esses problemas. Ou teria?

— Não estou dizendo que ele está sendo pelos ricos, mas ele também devia ter pena de alguns pobres. Eu ganho uma “mixaria” (ninharia) ... aumentar o ordenado da gente, que está muito pouco...

— Ou então lutar, quer dizer, forçar o negócio para ser realmente uma democracia, acabar com essa exploração. Aí sim, porque a gente não pode, também, ficar de braços cruzados e esperar que o governo aumente. A gente tem é que lutar pra ajeitar.

— A carestia está demais. Um quilo de carne 440 cruzeiros. Um pobre pode comer?

— Quantas vezes por mês o senhor come carne?

— Carne de gado? Derna o fim do ano. Às vezes um preá, uma coisa...

— Então, o senhor acha que isso é democracia, sr. Luiz?

— Acho que é uma esculhambação.

— Agora eu pergunto, o que é que a gente pode fazer para endireitar esse negócio, sr. Geraldo?

— Botando esses ruins pra fora e botar os bons.

— E quem são os bons? Como é que o senhor acha que é um sujeito bom pra gente botar lá?

— É um camarada que tenha atividade, que trate de ajeitar tudo isso.

— O que é que o senhor acha que está mais errado?

— Esta carestia, que está matando todo o mundo.

— Dona Paulina, acha que é o que errado?

— Também, a carestia.

— Muito bem. A gente mesmo já viu aqui que a carestia existe. Agora, o trabalho não está sendo valorizado. Isso é outra coisa errada.

— Eu tive pena do senhor, quando o senhor disse aqui que, na primeira semana que chegou aqui, gastou 23 contos e pouco. Aí o senhor foi fazer a feira em Natal, as compras em Natal.

— Para o pessoal todo.

— Gastou 11 contos e 500. Pra o senhor ver que aqui a exploração é mais do que lá. E aqui se ganha menos do que lá.

— Então isso não é democracia!

— O senhor vê que um ajudante de pedreiro em Natal é quatrocentos e poucos cruzeiros, por causa de pagar o Instituto. Aqui estão pagando duzentos, trezentos e trabalha de sol a sol. Pega de seis horas, larga de onze; pega de doze e larga de seis.

— Agora, eu queria saber o seguinte: Toreiro, filho de pobre tem escola?

— Depende da boa vontade do filho e do pai. Tendo boa vontade, se esforça e... consegue estudar. Os filhos de pobre às vezes até não se forma? Depende da força de vontade do menino e do pai.

— Agora, eu pergunto: é caso raro ou é fácil um filho de pobre se formar?

— É difícil.

— E o filho do rico?

— O filho do rico é fácil, porque tem dinheiro, pode. E tudo é fácil, mas às vezes depende. Por isso é que eu digo, às vezes depende da força de vontade, porque tenho visto muitos pais ricos “lutar” com um filho para formar, educar, e ele não quer, não tem vontade e não dá pra ser um homem, se torna um vagabundo.

- Conheço também (sr. Manezinho).
- Mas, então, você acha que é muito mais fácil pra um filho do rico ter uma escola, só se ele não tiver força de vontade. Não é isso? O filho do rico só não aprende se não tiver força de vontade. E o filho do pobre só aprende se tiver força de vontade. Tá certo esse negócio?
- Está errado.
- É tudo contrário. Hospital é fácil para um filho de pobre?
- É difícil. O camarada chega, vai levar um doente ali, um pobre, é tudo bota difícil, é dificuldade. Quando é filho de fulano, doutor e tal, “sim, bota pra ali”, leva para enfermeira... Já tem se dado caso aqui, que levam um louco pra o hospital, “Tem vaga não, volta pra trás”...
- Agora, uma democracia faz diferença de rico e pobre?
- Faz não.
- Então nós não estamos numa democracia verdadeira.
- Quer dizer, deve ser tudo atendido?
- Correto. Tudo igual. Dona Paulina me disse aqui uma vez que faltou sal já na casa dela para comer¹. Isso está certo, dona Paulina? E a senhora acha que já faltou alguma vez na casa do rico?

1. “Vim ver a seca de 70, e vi o sofrimento e a miséria de sempre. [...] Vim ver e vi. [...] Vi o homem. Falei a esse flagelado. Vi seus farrapos, apertei a sua mão, [...] Vi homens comendo só feijão e farinha, sem tempero e sem sal. E dizer-se que vi isso em terras de salinas. [...] E sei que muito mais não vi. [...] Não, não me conformo. Isso não pode continuar.”

Trechos do discurso do presidente Médici, encerrando a reunião do Conselho Deliberativo da Sudene, em 6 de junho de 1970, depois de ter percorrido a região do Seridó, no Rio Grande do Norte.

Entrevistando o ex-governador do Estado, Cortez Pereira (TV Universitária), confirmou-me que houve promessas, mas uma série de medidas cancelaram benefícios do FINOR, algumas tomadas, nesse mesmo dia, durante o voo de retorno a Brasília. E a seca continua sendo uma “eterna e monótona realidade”, no dizer de Euclides da Cunha.

- Na hora que faltar, mas ele manda comprar.
- Eu quero, só, mostrar pra classe a desigualdade que existe e perguntar à classe: sr. Manezinho, esse negócio desigual é coisa de democracia, ou é coisa de esculhambação, como disse aqui o sr. Luiz?
- Esculhambação.
- Então, nós temos que partir para uma solução. Quem é que vai conseguir uma solução para o Brasil? É o povo politizado, ou é gente assim numa perspectiva de massa.
- É o povo.
- E o senhor acha que o brasileiro já está em condições de ser o povo?
- Tá começando agora. Tá começando e eu estou fazendo umas preces a Jesus para que ele consiga isso, embora que eu não alcance, mas meus filhos...
- Pela aula de hoje, basta. Vocês querem ouvir um pedacinho da gravação?

Transcrição de debate dos CCs de Pedro Neves e Rosali

14 de fevereiro de 1963.

Palavra geradora: *goleiro*

Coordenação do debate: Pedro Neves

Íntegra do debate:

- O que é que estamos vendo nesta ficha que está aí projetada?
- Um jogo de futebol... uma trave... o pessoal... uma cerca... o céu... as letras...
- Minha gente, o que é que é aí objeto de cultura?
- A trave... a bola... as letras... a roupa do homem...
- E objeto de natureza, o que é que a gente vê aí?

— O homem... o céu... a terra... o chão (o piso)...

— Como é o nome daquele jogador que fica lá dentro da trave?

— Goleiro.

— O que é que faz o goleiro num time de futebol?

— Pega a bola pra não passar gol.

— E, às vezes, passa gol?

— Passa.

— Quando passa gol, o que é que acontece?

— Perdeu.

— Então, nós vemos aí que a missão do goleiro é muito importante no jogo de futebol. Porque, por exemplo, quando o goleiro é ruim, o time se afunda, se acaba o time. É só o adversário chegando, e tome bola na rede!

— Vai engolindo bola.

— E tem o grito da torcida, hein sr. Manoel?

— Gool.

— Em um time de futebol, somente um jogador joga?

— Não!

— Quantos jogadores jogam num time?

— Onze. Onze de cada lado.

— Me diga uma coisa: se esses jogadores não combinarem, não passarem a bola um pro outro, eles ganham o jogo?

— Não senhor.

— Porque se for driblar sozinho, o jogador, o que é que acontece?

— Perde, porque os outros jogadores tomam a bola dele.

— Então, vamos nós, agora, fazer de conta que somos jogadores de futebol. O nosso campo de ação, de luta, de jogo, em vez de ser um campo de futebol, como aí está, vai ser o lugar onde a gente trabalha. Se eu trabalho na estrada,

a minha trave é a estrada. O que é que a gente faz na estrada? Garante o quê?

— Garante nada.

— Nada, sr. Vicente?

— Placar zero.

— Mas se jogarem todos os onze jogadores num time, todos eles passando a bola um para o outro, combinando direitinho, fazendo a chamada “tabelinha”, o que é que acontece?

— Eles ganham o jogo.

— Têm vindo times de fora para jogar com Angicos?

— De Macau, Pedro Avelino, Açú, São Miguel... São Miguel ganha.

— Por que São Miguel ganha de Angicos?

— É mais forte e sabe jogar.

— Sempre um time mais forte ganha do mais fraco.

— Vence.

— E o que é que o time fraco tem que fazer para ganhar do forte?

— Jogar tudo no passe direitinho que ganha.

— São onze homens contra onze. Logo, o mais forte só ganha do mais fraco porque o mais fraco não sabe jogar direito. Mas, se eles jogarem direito também, o pior que pode sair daí é um empate. Então, vamos nós, aqui, formar dois times: nós, que somos o time mais fraco, vamos jogar com esse povo rico daqui, donos de fazendas.

— Vamos.

— Então, nós vamos ser aquele goleiro que está lá naquela trave e esses jogadores de camisa amarela. Nós somos esses, os pobres, os mais fracos. O time dos ricos é esse time de camisa listrada que está aí, esse cabra bem grandão que vai correndo. Agora, vamos ver por que o nosso campo desse jogo não é um campo de futebol, como está aí. Nosso campo

é o nosso trabalho, é a nossa pesca, é o nosso trabalho na estrada, é nosso trabalho no campo plantando algodão, plantando feijão...

— É o nosso dever.

— Nosso dever, nosso jogo. Mas a gente sempre ganha nesse jogo da gente?

— Nada.

— Trabalhando muito a gente sempre ganha, sr. Vicente?

— Ganha muito aperreio!

— Quando o sujeito planta na terra do outro, planta feijão, planta o milho, planta o algodão, quando ele vai colher aquilo, é dele?

— Não, é de meia.

— O patrão trabalhou, também, com ele na enxada?

— Não.

— E por que o patrão tem direito a meia?

— Porque a terra é dele.

— Tem certeza que a terra é dele? Quem foi que deu a terra a ele?

— Foi Deus.

— Tem certeza?

— Mas a benfeitoria é dele.

— Mas qual é a benfeitoria da terra?

— Algodão, feijão...

— E quem plantou o algodão?

— “Foi” os pobres.

— E quem foi que fez a benfeitoria?

— “Foi” os pobres.

— E o que é que o dono da terra faz, então?

— O dono da terra só faz fornecer dinheiro, mercadoria...

— Mas de graça?

— Não senhor.

— E quando termina, por exemplo, o tempo de colheita, terminou o ano, vai todo mundo colher o que plantou, paga a meia, o que sobra vai tudo para o bolso?

— Vai pagar a despesa que o patrão forneceu.

— E sobra, geralmente, muita coisa depois de tudo isso?

— Coisinha “pouco”. Se for um ano mau, sobra nada, ainda fica devendo.

— Mas o danado é que a gente trabalha o ano todinho na enxada, de manhã, de tarde e ainda fica devendo! Pois bem, enquanto isso...

— O patrão fica deitado em sua casa, e a gente trabalhando lá pra ele.

— Nós estamos vendo ali o jogo. E a gente joga, também. A gente passa a vida toda jogando, porque essa vida é um jogo. Ganha o mais forte. Então, o time que não se junta, que não joga um para o outro, fazendo o passe, sempre perde. E quando um time é fraco, se ele não jogar muito direitinho, passando a bola de um lado para o outro...

— Já perdeu o jogo.

— Perdeu. Agora, nós estamos no jogo da gente, empregado contra o patrão, não é contra o patrão, para brigar com o patrão, a gente está jogando. Quem joga melhor é quem ganha o jogo. Então, lá vai a bola pra junto da trave da gente.

— “Tô” vendo.

— Nosso goleiro já está pronto, lá, com a mão aberta, pra pegar a bola. Mas, vocês já ouviram falar nessa história de dono da bola? O camarada está jogando, coisa e tal, quando o time dele está perdendo, ele bota a bola debaixo do braço e diz: Vou-me embora. A bola é minha!

— Quando a bola é só de um. Mas sendo do time é de todos.

- Mas sendo só de um?
- Leva a bola e acaba o jogo.
- Pois, então, vamos ver o seguinte: vamos fazer de conta que nós, que estamos aqui, no time pobre, o time dos operários, de trabalhadores, estamos jogando contra o time do pessoal das fazendas e que a gente trabalha pra eles de meia. Eles são o dono da bola. O que acontece quando a gente procura se sindicalizar, ir pro sindicato, o que é que eles fazem?
- Dar conselho pra gente não ir, que isso não presta.
- Pois aí é que eles estão sendo o dono da bola. Quando eles vêm que a turma está acordada e querendo jogar melhor, eles dizem: aqui eu tiro a bola.
- A bola é minha.
- A bola é minha, boto debaixo do braço e vou embora. O que é que a gente tem que fazer, minha gente? Todo mundo tem que participar da cota da bola, pra bola ser de todo mundo, pra ninguém ter o direito de botar a bola debaixo do braço...
- E ir embora com ela.
- Deixando os outros, tudo, os jogadores ficam no meio do campo, os assistentes, que estavam torcendo, lá, animados, também. Todo mundo sai de cabeça baixa...
- Se reunir e comprar uma, “mode” ter parte na bola.
- E como é que a gente se reúne, aqui, no nosso jogo de trabalho, pra comprar uma bola pra gente?
- Fazendo um sindicato.
- Vocês aí de trás, o que é que a gente precisa fazer pra acabar com essa história de dono da bola?
- Todo mundo se sindicalizar pra ter direito na bolinha, também.
- Sr. Naelson, o que é que a gente precisa fazer para acabar com essa história de dono da bola?

— Todo mundo jogar do mesmo lado. Todo mundo se sindicalizar.

— Porque tem jogador que amolece o jogo e o time perde. Jogador comprado joga mal, perde os gols.

— Fica só fazendo número.

— E olhe aí essa história. Geralmente são aqueles camaradas de fora que chegam aqui querendo ser presidente do sindicato. O cara que amolece o jogo é aquele que o camarada chega pra ele e ele diz: você acabe com esse negócio de sindicato, porque isso não dá certo.

— Isso é coisa de comunista.

— Não tem nada disso! Não tem nada de comunista, não! Minha gente, nosso time, aquele de camisa amarela, precisa ganhar o jogo. É todo mundo junto, jogando do mesmo lado, porque do contrário... o camarada aqui é muito mais forte. Primeiro, porque ele é dono da terra; segundo, porque ele diz: “emprego se quiser”; terceiro, porque ele diz “eu tenho trabalhador para plantar, pago barato a ele”. Então, a gente precisa valorizar o nosso preço, trabalhar muito, honestamente, ser amigo do patrão, não querer viver brigando com ninguém. O que é que a gente precisa, minha gente, é ganhar bem. É brincadeira, pegar numa enxada às seis horas, largar às doze, pegar à uma e largar às seis da noite, todo dia.

— Passando mal.

— Passando mal só, não, passando fome, essa que é a realidade, pra no final das contas ganhar o quê? O nosso time, aquele de camisa amarela, precisa ganhar o jogo.

— Trabalho é direto, direto...

— O que é que a gente tem que fazer?

— Fazer uma reunião pra gente não trabalhar assim desse jeito. Falar com o dono da terra.

— E se o dono da terra disser “se quiser, bem; se não quiser...” o que é que o sindicato faz aí, sr. Manoel?

— O jeito é tomar tudo que é dele e dar aos pobres.

— Espere aí, sr. Manoel, essa história de tomar tudo que é dele dá cadeia. Primeiro, tem que procurar um remédio, uma solução pacífica. Por enquanto... só se precisar, depois, se esse povo não chegar a um acordo com a gente. Falando direitinho: o senhor é o dono da terra, é o homem rico, o pessoal do sindicato está ganhando muito pouco aqui, e o senhor sabe que um homem com dez, doze filhos, ou nove ou cinco filhos, não pode viver ganhando o que ganha aqui. O senhor tem que melhorar a situação do povo, e tem que melhorar mesmo, porque todo mundo vai morrer de fome. Termina não tendo ninguém pra trabalhar, todo mundo fraco, doente, aí não vai poder mais trabalhar... Primeiro, porque começa a trabalhar aos onze anos, na enxada, ajudando. Tem gente que com sete, oito anos começa a trabalhar, ajudando o pai, a mãe. Quando chega aos trinta, se ele não tiver muita saúde, ele está liquidado na vida. Então, o que é que o presidente do sindicato faz: Olhe, fulano, o pessoal trabalha aqui e o senhor tem que melhorar a situação do povo. Se ele disser: Não melhoro de maneira nenhuma, o que é que o sindicato faz?

— Aí eu não sei responder não.

— Dona Maria Hermínia.

— É parar o serviço.

— E o que é que ocorre quando pára o serviço?

— Parou-se, acabou-se.

— E se todo mundo tiver o mesmo problema de precisar de aumento de dinheiro pra poder viver e o dono da terra disser: eu pagava trezentos e agora só pago duzentos?

— Ninguém quer mais nem trezentos! É de quinhentos “pra riba” (pra cima).

— Agora eu pergunto: parou o serviço; o homem, então, procura arranjar outros empregados, porque não pode ficar parado. Se todo mundo for do sindicato, ele encontra gente pra trabalhar na terra dele?

— Não.

— E o que é que acontece aí (ele não pode perder)?

— É fazer um acordo com o sindicato.

— E quem é que ficou ganhando, ele sendo obrigado a aumentar?

— Somos nós. Aí, a gente em vez de adular o homem, ele vem pra nós.

— E a gente volta assim à toa pra trabalhar?

— Não. Leva a caderneta pra ele assinar.

— Então, observe que o sindicato é um autêntico time de futebol. Porque se todo mundo se juntou pra jogar a bola direitinho, o que é que aconteceu?

— O sindicato ganhou o jogo.

— Ganhou como? Pressionando o dono da fazenda: a gente só vai aí se o senhor aumentar a gente. É o sindicato que garante uma melhora de vida pra gente. Porque é o nosso time de futebol. É aqui que a gente joga. A mesma coisa Pelé faz. Ele joga sozinho?

— Não, ele joga no passe.

— Pois é, ele, Coutinho, Durval, Pepe e Mengálvio, na linha, todo mundo joga no passe, direitinho, e deu tantas vitórias ao Santos e ao Brasil. Mas, então, o dono da bola acha que não deve mais jogar futebol. Botou a bola debaixo do braço e foi embora. Ficou todo mundo desarvorado, olhando um para o outro. Se todos nós, aqui, fôssemos do sindicato, o negócio não estava tão ruim como está.

Então vamos ver o que é que a gente deve fazer para jogar certo. Já estamos cientes de uma coisa: se todos nós, aqui, fôssemos do sindicato... mas o que interessa é ser do sindicato, participando do sindicato. Toda reunião que houver, vamos à reunião do sindicato. Todos os problemas que tiver, deve discutir, discutir seus problemas, os da comunidade, e participar da descoberta das soluções. Sindicato não foi feito

pra gente brigar com o povo, não. Muito pelo contrário, o sindicato surgiu, nasceu pra gente ajudar todos a viverem bem.

— Exigir seus direitos.

— Logo essa idéia de que o sindicato é negócio de comunista, é negócio de briga com o patrão, não é nada disso, não! O sindicato é pra fazer amizade com o patrão. Quando o patrão é ruim, aí ele tem que agüentar as conseqüências. Então, observem a necessidade: todos nós sermos sindicalizados. Não para brigar com ninguém, apenas para assegurar...

— O direito da gente.

— Então, vamos ver se é possível, nós todos aqui, não somente nós daqui dessa sala de aula, mas todos os homens que trabalham no campo, porque o sindicato daqui é um sindicato rural, só aceita, lá, homens que trabalham no campo. Trabalham no campo na época do inverno.

— No estio a gente trabalha na estrada.

— Pois bem, enquanto houver sindicato, ele vai organizar a tabela de trabalho. Se o homem só trabalha no campo e durante a seca ele não tem onde trabalhar, então o presidente do sindicato junto a essas obras que têm por aí diz: “eu tenho homens que precisam trabalhar”. Porque se não for assim, não adianta a gente se sindicalizar. Eu já disse que sindicato não é lugar de briga. É lugar de muita paz. É uma irmandade, unida.

— Todo mundo ser irmão do outro.

— Então, aqui está o time. É uma história muito boa de contar, por isso. Os onze jogadores jogam todos para um só objetivo: fazer o gol pro seu lado. Está o zagueiro, o beque, como vocês chamam aqui, está livrando a bola, chutado pra frente. Está defendendo o direito dele, do time dele não levar gol, porque a linha atacante de cinco jogadores não pode jogar sozinha, eles têm que jogar com os três “halfs”, com os dois beques e com o goleiro. O goleiro sozinho não adianta. Os beques sozinhos também não adianta. Os três “halfs” e os cinco

jogadores da linha, sozinhos... tem que juntar todos e jogarem para a frente, atacando e se defendendo do outro time. E quando a gente ataca pelo sindicato, é mesmo que Garrincha e Pelé, só atacam bem. Fora disso, sozinho, jogando contra todos os outros, ele vai jogar muito mal e vai perder.

ANEXO 1

Angicos: um breve histórico

Angicos — Rio Grande do Norte

Angicos (de angico, árvore de grande porte). O município está localizado na zona do sertão, centro-norte do Estado. A cidade, com 109 metros de altitude, à margem esquerda do rio Pataxó ou Angicos, dista, em linha reta, 156 quilômetros da capital estadual. A área municipal mede 1.072 quilômetros quadrados. O clima é ameno e salubre, apresentando, em graus centígrados, as seguintes temperaturas: média das máximas — 33; média das mínimas — 25; média compensada — 29.

Habitavam primitivamente a região os índios da tribo Pataxó¹, pertencente à nação *gê* ou *tapuia*. Acredita-se que as primeiras penetrações no território ocorreram em 1760 e que o fundador do povoado é o tenente Antônio Lopes Viegas, descendente da família Dias Machado. Consta que, em 1783, quando foi criada a Vila Nova da Princesa (hoje, cidade do Açu), abrangendo os municípios de Açu, Angicos, Macau e Santana dos Matos, já se localizavam no território de Angicos diversas fazendas de criar.

Em 1883, o Conselho Provincial de Natal propôs ao governo geral a fundação de diversas vilas, inclusive a de Angicos. Em 11 de abril de 1833, o presidente da Província, Manuel Lobo Miranda Henriques, desmembrava Angicos do território açuense, concedendo-lhe, assim, a autonomia. A vila foi suprimida, revertendo ao município de Açu, pela Lei nº 26, de 28 de março de 1835, mas em 13 de outubro de 1836 o presidente da Província, João José Ferreira de Aguiar, restaurou o Município (Resolução nº 9). A Lei nº 20, de 24 de outubro de 1936, concedeu à sede foros de cidade. Segundo a divisão administrativa vigente, o município compõe-se de dois distritos: Angicos e Fernando Pedroza.

Segundo dados preliminares do Recenseamento Geral de 1960, registrou-se uma população de 9.542 habitantes. Locali-

1. Os historiadores contestam essa informação. Os índios Pataxó viviam na Bahia. Mas foi assim que esse documento foi distribuído pelo SECERN.

zam-se no quadro urbano 25%, estando os 75% restantes distribuídos pela zona rural. A cidade de Angicos e a vila de Fernando Pedroza contam, respectivamente, com 1.551 e 790 habitantes. A percentagem de católicos eleva-se a 99%. Quanto à cor, 55% são brancos, 25% pardos e 20% pretos.

Cerca de 80% da população economicamente ativa dedica-se à agropecuária. A cultura e o beneficiamento do algodão constituem a principal fonte de renda do município. Ali se produz um dos melhores algodões do Estado, cultivando-se preferencialmente a espécie "mocó". Em 1959, a cultura do algodão ocupou uma área de 18 mil hectares, tendo alcançado uma produção de 1.800 toneladas. Esse volume representou 91% do total da produção agrícola municipal naquele ano.

Na pecuária, o principal rebanho é o caprino, com 16 mil cabeças, vindo em seguida o ovino, com 15 mil, e o bovino com 7.200.

A indústria é representada pelo beneficiamento do algodão (incluindo produção de óleo) e pela fabricação de linha de costura. Os estabelecimentos ocupam aproximadamente setenta operários.

São 194 quilômetros que separam Angicos de Natal, pela antiga Estrada de Ferro Sampaio Correia, e 202 quilômetros, pela rodovia. Localização: 5 39'46" de latitude sul e 36 36'18" de longitude oeste, Greenwich.

O coeficiente de mortalidade infantil, por mil nascidos vivos, foi, para 1960, de seiscentos. Em 1961, de 292. O coeficiente de natalidade é 75. Exercem a profissão um médico e um farmacêutico.

O município possui dois grupos escolares, um em cada distrito, uma escola isolada e quatro particulares.

O orçamento municipal para 1960 previu despesa e receita de Cr\$ 2.516.000,00.

A cidade tem trezentas ligações elétricas, dois hotéis, duas pensões, um cinema, uma quadra de esportes, uma igreja, um

mercado municipal, dois açudes municipais e campo de pouso, de terra batida. Tem uma linha telefônica que liga Angicos a Açú.

Entre 10 a 19 de março é celebrada a festa de São José, padroeiro da cidade. Outra tradição local é o "terço da cruz": nos primeiros meses do ano as mulheres reúnem-se em torno da imagem do Cristo, à frente da igreja, implorando chuva.

ANEXO 2

O projeto: esclarecimentos da direção executiva do Serviço Cooperativo de Educação do Rio Grande do Norte (SECERN)

O índice de analfabetismo da população adulta do Rio Grande do Norte é de 70%, oficialmente. Entre os 30% restantes, no entanto, temos ainda cerca de 10% de semi-analfabetos, a maioria capaz apenas de assinar o seu nome.

Este é, sem dúvida, o maior problema do Estado. O sistema de ensino no Rio Grande do Norte vinha sendo o verdadeiro obstáculo ao desenvolvimento econômico e social do Estado. Por força de suas condições estruturais, que se perpetuavam em padrões superados, impedia, cada vez mais, a solução dos problemas regionais.

Hoje tentamos a revolução necessária.

A Campanha de Alfabetização de Adultos pretende alfabetizar 12 mil homens e mulheres no próximo trimestre, 100 mil adultos e adolescentes até 1965.

Nossos objetivos, com essa campanha, não se restringem à simples alfabetização. O programa prevê:

1. dar ao adulto o domínio das habilidades fundamentais em linguagem, leitura e aritmética;
2. promover o renascimento ou a criação de ideais e padrões elevados de vida;
3. formar no homem a convicção da sua responsabilidade (e da responsabilidade do Estado) em dar educação aos seus filhos;
4. habilitá-lo ao exercício da cidadania, como eleitor, como membro de uma nação livre e como participante ativo do regime democrático;
5. promover a elevação do seu nível de vida em casa, do ponto de vista da higiene, do conforto e da alimentação;
6. habilitá-lo à administração equilibrada dos seus recursos financeiros e da direção de sua própria vida;
7. despertar nele a noção de que ele, sua mulher e seus filhos têm direito a uma vida melhor.

Convocamos voluntários e eles se apresentaram: estudantes universitários e secundaristas, que se dispuseram a testar um novo método de alfabetização de adultos. Organizamos a chamada "Experiência de Angicos". Hoje encerramos essa experiência pioneira, com resultados que devem despertar a atenção de todo o Brasil: aproveitamento de 70%. Agora não é mais possível ficar indiferente ao problema do analfabeto, acomodado com a dificuldade que antes representava a solução do problema.

Hoje nós provamos que é possível alfabetizar um homem em apenas quarenta horas de aula.

O método que nós empregamos, em caráter experimental, também está ainda em fase de experiência. Seu autor é o professor Paulo Freire, da Universidade do Recife.

Este método dispensa o uso de cartilha. Começa com uma pesquisa junto ao grupo que se pretende alfabetizar, quando é feita a coleta de um universo vocabular que corresponda a situações sociológicas existenciais do grupo. Esse universo tem, em média, quatrocentas palavras.

A coleta é feita através de conversas informais, explicando aos futuros alunos que assim eles estão ajudando a fazer o programa das aulas, dando a eles um sentido de participação ativa.

São anotadas também algumas frases mais expressivas, importantes para o grupo.

É feito um trabalho de separação das palavras dissílabas e trissílabas, separando-se também os fonemas simples dos complexos (fita, por exemplo, é um fonema simples; filtra, é complexo).

Um conjunto de palavras simples é escolhido: são palavras geradoras, com fonemas básicos.

Como o método é audiovisual, fazemos fichas coloridas para projetar, contendo situações de trabalho próprias ao grupo e com as palavras-chave. Esta projeção pode ser feita por epidiascópio, retroprojeter, projetor opaco, projetor de diafilme

(a querosene), ou por qualquer tipo de projetor, mesmo caseiro. (A importância da projeção é muito grande. É a melhor maneira de fazer gravar uma palavra, principalmente quando a projeção é feita no escuro. Se escrevermos uma palavra no quadro negro e projetarmos outra, a projetada será gravada pelo aluno em um terço do tempo necessário para gravar a outra.)

Organizada a classe, a primeira aula traz ao aluno o conhecimento da diferenciação entre objeto de cultura e objeto de natureza. É da idéia de cultura que partimos para a alfabetização. A segunda aula começa com uma explicação que procura dar aos alunos uma base para a compreensão da sua situação dentro da realidade brasileira. A isto chamamos politização. Já nessa aula, com a projeção da ficha, está projetada a primeira palavra geradora (que, no caso de Angicos, foi a palavra *belota*, a ponta de renda das redes ou enfeite do cabo da chibata). Ainda nessa aula os alunos são chamados ao quadro para escrever (isto é, reproduzir) a palavra *belota*. Há sempre um aluno, mesmo mais de um, capaz de escrever.

Os alunos são então informados de que aquela palavra tem três famílias: do “b”, do “l” e do “t”. Aprendem o *ba*, *be*, *bi*, *bo*, *bu*, o *la*, *le*, *li*, *lo*, *lu* e o *ta*, *te*, *ti*, *to*, *tu*.

A terceira aula é de revisão. Insistência nas três famílias de *belota*. Em seguida os alunos são chamados a formar palavras, juntando fonemas. Há sempre quem forme palavras: *belo*, *lata*, *bola*, *bala*...

Daí em diante o método se desenvolve mais ou menos da mesma forma. Na metade do curso são introduzidos os fonemas complexos (*bra*, *bre*, *bri*, *bro*, *bru*), os grupos *nh*, *lh*, *ch*, as letras dobradas.

Os monitores, em Angicos, chamavam as sílabas de tijolos, explicando que “para construir uma parede ou uma palavra é preciso juntar os tijolos numa determinada ordem”. Esta concepção do tijolo permitiu explicar que “às vezes a gente pode usar só um meio tijolo que está faltando”, facilitando a todos

os alunos a compreensão das consoantes intercaladas (o “l” da palavra *falta*, por exemplo).

As outras palavras geradoras utilizadas em Angicos foram: voto, povo, sapato, chibanca, milho, feira, expresso, xique-xique, salina, goleiro, tijela, cozinha, jarra, fogão, bilro, almofada.

Na pesquisa de Angicos, 66 adultos informaram que iam aprender a ler e escrever “para melhorar a vida”; 26 “para ser motorista”; 23 para “ler jornal”; 20 “para ser professora”; outras 20 “para ser boa costureira”; 18 “para ficar sabendo”; 17 “para fazer cartas”; 15 “para ajudar aos outros”; 11 “para ser comerciante”; 10 “para votar”; 7 “para dirigir-se”; 4 “para ser músico” e 4 “para ler a Bíblia”.

Apresentaram-se 159 casados, 130 solteiros, 5 viúvos, 3 amasiados. Eram 94 domésticas, 46 operários, 38 agricultores, 24 artesãos, 18 serventes de pedreiro, 15 pedreiros, comerciantes, motoristas, carpinteiros, lavadeiras, bordadeiras, funcionárias, parteiras, mecânicos, vaqueiros, soldados, 33 profissões diversas, inclusive uma prostituta e 5 desocupados.

Eram 284 católicos, 9 protestantes, 6 ateus.

A pesquisa revelou uma população acomodada, confor-mada, indiferente, fatalista, descrente da experiência, subnutrida e precocemente envelhecida.

Os voluntários para monitor tiveram dez aulas, num curso de formação dado pelo Serviço de Extensão Cultural da Universidade do Recife. As aulas: Atualidade Brasileira (professor Paulo Freire), Economia Brasileira (professor Roberto Cavalcânti de Albuquerque), Cultura Brasileira (professor Luiz Costa Lima), Planificação do Desenvolvimento (professor Roberto Cavalcânti de Albuquerque), Processo de Desalienação (professor Luiz Costa Lima), Deficiência e Inorganicidade da Educação no Brasil (professor Paulo Freire), Considerações Gerais sobre Método, Análise e Síntese (professora Aurenice Cardoso Costa), Elaboração do Material Audiovisual: pesquisa vocabular, seleção das palavras geradoras e preparo de fichas (professor Paulo Freire), Prática e Metodologia do Ensino (professores Paulo Freire e Aurenice Cardoso Costa).

ANEXO 3

A pesquisa e o universo vocabular

Palavras:

Barreiro, rapadura, freio, sola, *sapato*, martelo, trinchete, laço, *belota*, tamborete, banco, madeira, pedra de mó, pua, Cabugi, pau-d'arco, rede, armador, rabichola, briga, cachaça, remorso, desengano, gasolina, venda, jogo, loja, tocador, gibão, queijo, coalhada, vento, chão, trabalho, ladeira, alto, ganho, dinheiro, comida, oiticica, *voto*, governo, prefeito, delegado, estação, cural, coxo, gamela, cisterna, banho, *tijjela*, caçarola, reboco, janela, porta, linha, caibro, parede, remédio, Deus, bacia, gente, rádio, pastor, Bíblia, evangelho, boi, vaca, vaqueiro, chinela, sanfona, cantora, divulgadora, rural, mãe, pai, filho, irmão, cama, cadeira, mesa, professora, livro, caderno, lápis, jornal, costureira, cidade, máquina, doença, olhado, fígado, uretra, rins, mala, saco, capim, *xique-xique*, mandacaru, palma, lima, cardeiro, chuva, safra, esmola, salgadeira, coruja, carneiro, leite, coalho, leitura, escrita, carta, amigo, segredo, promessa, babado, tesoura, carretel, tesouro, botija, mal-assombro, mata, avó, branco, preto, galega, drama, parte, tocador, viola, toureiro, virada, caminhão, caatinga, cebola, tomate, pimentão, óleo, banha, cabelo, pente, roupa, vestido, camisa, calça, lençol, toalhado, cortina, Francisco, machado, foice, telha, caldeirão, faca, apito, umbu, picareta, barro, enxada, pá, colher, feijão, *milho*, ferro, *chibanca*, tijolo, traçar, miséria, renda, *bilro*, *almofada*, quartinha, louça, panela, palheta, estrume, carapuça, chapéu, palha, tear, esteira, agulha, bolsa, matuto, agulha de palombar, osso, arame, carência, cantador, lavadeira, cozinheira, engomadeira, goma, bordadeira, cabra, ovelha, porco, chiqueiro, galinha, triste, rua, fazenda, *fogão*, *jarra*, cacimba, galão, pipa, roçado, burro, bode, cabo, falsidade, padre, igreja, missa, calor, trinca, grupo, instituto, vassoura, *feira*, mercado, carestia, padaria, *expresso*, misto, bordado, circo, *povo*, palhaço, graça, tristeza, comédia, alvoroço, olho d'água, barragem, rebolar, juiz, padrinho, casa, futebol, sítio, sinuca, *goleiro*, vispora, dominó, aterro, corte, agricultor, fole, pandeiro, cavaquinho, ferida, cobra, mutuca, inverno, verão, seca, catingueira, imbu-

rana, ameixa, almoxarifado, cadeia, peixeira, vigia, vontade, cinema, capilossada, algodão, Genésio, esperança, favela, alegria, operário, trabalhador, carrasco, escola, deputado, capucho, raiz, folha, fruta, posto médico, parteira, baile, martelo, prumo, nível, traça, empoladeira, esquadro, régua, linha, cal, cimento, água, fogo, lenha, tocha, feijoada, bife, farinha, dança, toque, miudeza, sabonete, botão, linha, sabão, cultivadeira, cancela, sela, cangalha, arreio, chibata, alpercata, couro, cola, prego, aperreado, pão, bolacha, bule, café, leite, ferreiro, *salina*, sal, viola, tuberculose, pedra, pataxó, terreiro, jurema, pedreiro, fogueira, fome, batata, estrada, manga, banana, carne-de-sol, fava, caçamba, taipa, carnaúba, coco, cera, tirador de palha, torta, prensa, trança, bolsa, beijo do rio, carpinteiro, feio, bonito, motorista, cano, cabaço, baladeira, sogra, serrote, trabalho, poço, fossa, almoço, medo, coragem, poeira, calça, velho, moço, gente, papagaio, difícil, fácil, conformação, vida, morte, morrer rico, pobre, forte, desgraça, terra, sertão, sertanejo, homem, mulher, menino.

Sentenças:

A distinção é tudo.

Papagaio velho não aprende mais a falar.

Água mole em pedra dura tanto bate até que fura.

A vida é muito difícil.

Não carece, o povo é ignorante.

A miséria é grande.

A gente tem que se conformar.

Deus quer.

Deus ajuda na seca.

Padre não tira pecado.

Quero melhorar de vida.

Servir a mim e a todos.
Ter outra vida.
Servir a mim e a quem precisar, e votar em quem merece.
Ser o que a sorte der.
Quem é rico pensa no dinheiro e quem é pobre pensa em morrer.
Quem é mais velho aprende mais porque pensa e sabe de tudo, e presta mais atenção.
Quando a gente se casa tem que deixar de se divertir.
Nu ninguém pode se casar.
Tem filho que só enxu.
Cantoria só de sapo.
Quando um filho morre é um alívio.
Janeiro em Angicos é muito difícil, porque janeiro é cabra pra judiar da gente.
Quem não quer aprender, no dia de juízo vai se arrepender.
Quero aprender pra seguir nas leis que puder ser.
Mal-assombrado é pantaforma porque alma não existe.
Eu gosto de circo por causa das capilossadas dos palhaços.

Palavras geradoras:

1. Palavra geradora: *belota*
Fichas: 1, 2, 3, 4, 5, 6 e 7
Famílias silábicas: *b, l, t* e vogais
2. Palavra geradora: *sapato*
Fichas: 8 e 9
Famílias silábicas: *s* e *p*
3. Palavras geradoras: *voto* e *povo*
Fichas: 10 e 11
Família silábica: *v*

4. Palavra geradora: *salina*
Fichas: 12 e 13
Família silábica: *n*
5. Palavra geradora: *feira*
Fichas: 14 e 15
Famílias silábicas: *f, r, (ei)*
6. Palavra geradora: *milho*
Fichas: 14, 16 e 17
Famílias silábicas: *m, lh*
7. Palavra geradora: *goleiro*
Fichas: 18 e 19
Família silábica: *g*
8. Palavras geradoras: *cozinha* e *til[j]ela*
Fichas: 20, 21, 22, 23
Famílias silábicas: *c, z, nh* e *j*

Observação: Será necessária uma aula com os sons do “c” forte e fraco através de vocábulos diversos: casa, cebola, cigarro, copo, cego, cuia.

O “c” antes de “e” e “i” é brando.

Outra observação é a de que o “c” antes de “a”, “o” e “u” só se torna brando quando se transforma em “ç”: açafraão, açude, aço.

9. Palavras geradoras: *jarra* e *fogão*
Fichas: 20 a 24
Famílias silábicas: *rr* e *ão*
10. Palavra geradora: *chibanca*
Fichas: 25, 26 e 27
Famílias silábicas: *ch* e *an*
11. Palavra geradora: *xique-xique*
Fichas: 28, 29 e 30
Famílias silábicas: *x* e *que*

12. Palavra geradora: *expresso*

Fichas: 31 e 32

Famílias silábicas: *pr* e *ss*

13. Palavras geradoras: *bilro* e *almofada*

Ficha: 33

Famílias silábicas: *il* e *d*

Nota: ao dar sílabas complexas, o professor introduzirá outras do mesmo tipo, variando apenas a consoante inicial da sílaba. Exemplo: *expresso* dará oportunidade não só para a família fonética *pra, pre, pri, pro, pru*, mas para *bra, cra, dra, fra, tra, vra*.

Sugestões: podem também conseguir da classe palavras compostas como *flor* e dar as famílias *cl, gl, pl*.

Numa conversa com a classe sobre o homem de Angicos, poderia o professor escrever a palavra *homem* e dar à classe o *h* mudo no início das palavras.

Observação: as famílias silábicas que não estão em *slides* devem ser escritas no quadro-de-giz e lidas por toda a classe.

Questionário

1. Nome
2. Sexo
3. Idade
4. Procedência
5. Estado civil
6. Número de filhos
7. Profissão
8. Instrumental
9. Material usado
10. Diversão que prefere

11. Religião

12. Aspirações

13. Acredita em mal-assombrados?

14. Já viu, onde?

15. Acredita no Plano?

Avaliação de Angicos:

Total de matrículas		300	
Faixas de idade	14/19	99	
	20/29	84	
	30/39	65	
	40/49	30	
	50/59	15	
	60/69	5	
	+ de 70	2	
Homens	156	Motoristas	3
Mulheres	143	Pedreiros	15
Casados	159	Carpinteiros	3
Solteiros	130	Lavadeiras	10
Viúvos	5	Bordadeiras	3
Amasiados	3	Funcionários	7
Prostitutas	1	Parteiras	1
Operários	46	Serventes de pedreiro	18
Domésticas	94	Mecânicos	2
Agricultores	38	Desocupados	5
Artesãos	24	Vaqueiros	1
Comerciantes	7	Soldados	1
Jornaleiros	1	Diversos	33

12	Desejam melhorar de vida	66
	Ajudar aos outros	15
	Ser professor	20
	Ser motorista	26
11	Fazer cartas	17
	Dirigir-se	7
	Ser comerciante	11
	Votar	10
	Ler jornais, revistas etc.	23
	Ser músico	4
	Ler a Bíblia	4
	Ser costureira	20
	Sem aspirações	5
	Ler e escrever	18
	Católicos	284
	Protestantes	9
	Sem religião	6

Diversões: cinema, cantor, futebol, baile, teatro, circo e jogo.

População: • acomodada, conformada, indiferente, fatalista, descrente em relação à experiência, porém curiosa e alguns habitantes entusiasmados;
 • apegada à terra, embora esta não ofereça condições de melhoria de vida;
 • supersticiosa em geral;
 • estado de subnutrição e envelhecimento precoce, devido ao clima.

ANEXO 4

Médias dos testes de alfabetização e de politização

Localidade	Alfabetização	Politização
1	100	100
2	100	100
3	100	100
4	100	100
5	100	100
6	100	100
7	100	100
8	100	100
9	100	100
10	100	100
11	100	100
12	100	100
13	100	100
14	100	100
15	100	100
16	100	100
17	100	100
18	100	100
19	100	100
20	100	100
21	100	100
22	100	100
23	100	100
24	100	100
25	100	100
26	100	100
27	100	100
28	100	100
29	100	100
30	100	100
31	100	100
32	100	100
33	100	100
34	100	100
35	100	100
36	100	100
37	100	100
38	100	100
39	100	100
40	100	100
41	100	100
42	100	100
43	100	100
44	100	100
45	100	100
46	100	100
47	100	100
48	100	100
49	100	100
50	100	100
51	100	100
52	100	100
53	100	100
54	100	100
55	100	100
56	100	100
57	100	100
58	100	100
59	100	100
60	100	100
61	100	100
62	100	100
63	100	100
64	100	100
65	100	100
66	100	100
67	100	100
68	100	100
69	100	100
70	100	100
71	100	100
72	100	100
73	100	100
74	100	100
75	100	100
76	100	100
77	100	100
78	100	100
79	100	100
80	100	100
81	100	100
82	100	100
83	100	100
84	100	100
85	100	100
86	100	100
87	100	100
88	100	100
89	100	100
90	100	100
91	100	100
92	100	100
93	100	100
94	100	100
95	100	100
96	100	100
97	100	100
98	100	100
99	100	100
100	100	100

SECERN — Setor de Alfabetização

Médias dos testes de politização e alfabetização, com apuração dos resultados do curso de alfabetização de adultos e adolescentes, efetuado em Angicos, Rio Grande do Norte, no início do ano de 1963.

Monitor: Pedro Neves Cavalcânti

Integrantes do Círculo de Cultura	Alfabetização	Politização	Média
Manoel Bezerra	2,0	6,0	4,0
Francisca Bezerra	1,0	7,0	4,0
Vicente Pires	2,5	6,0	4,25
Lucinda Alves	1,0	6,0	3,5
Francisco Chagas	2,0	3,0	2,5
Maria Hermínia	1,0	6,0	3,5
Francisco Quirino	10,0	10,0	10,0
Naelson Araújo	0,8	1,0	0,9
Média	2,53	5,51	4,02

Monitor: Rosali Liberato

Maria Lúcia da Silva	10,0	7,0	8,5
Valdice Ironete da Costa	10,0	10,0	10,0
Idália Marrocos da Silva	5,5	6,0	5,75
Ergídia Hermínia da Silva	9,5	7,0	8,25
Zélia Irene da Silva	9,0	10,0	9,5
José Evaristo da Silva	9,0	10,0	9,5
Maria Luzia da Silva	7,5	7,0	7,25
José Argemiro Alves	8,5	10,0	9,25
Francisco de Assis Costa	7,5	7,0	7,25
Média	8,5	8,22	8,36

Monitores: Valdinece Correia Lima e Lenira Leite

Francisco Chagas	9,5	10,0	9,75
José Joaquim Azevedo	7,5	10,0	8,75
Zulmira Neves		3,0	1,5
Antônio Ferreira da Paz	6,5	10,0	8,25
Francisca Egene Bezerra	4,5	3,0	3,75
Francisco Cosme	6,5	10,0	8,25
Pedro Cunha Fonseca	9,0	10,0	9,5
Maria Fernandes da Silva		3,0	1,5
Geovaldo Martins Bezerra	8,5	10,0	9,25
George Martins Bezerra	6,0	6,0	6,0
Francisco Gregório	1,0	2,0	1,5
Augusto Pereira da Silva	9,5	10,0	9,75
Francisca Dorismar Pinheiro	9,0	10,0	9,5
Ranilson Azevedo	2,0	7,0	4,5
Média	5,74	7,86	6,80

Monitor: Valquíria Felix da Silva

Francisca de Andrade de Araújo	9,5	10,0	9,75
Severino de Araújo	8,5	10,0	9,25
Maria José Silva	8,0	10,0	9,0
Adonias Henrique Bezerra	1,0	2,0	1,5
João Pequeno	2,0	4,0	3,0
José Henrique Bezerra	9,5	7,0	8,25
Raimundo Guilherme da Silva	5,5	10,0	7,75
Cleonice Alves de Souza	7,5	4,0	5,75
Maria Firmina da Silva	7,0	7,0	7,0
Luís Cândido de Souza	8,0	7,0	7,5
José Salviano da Silva	6,0	10,0	8,0
Damião de Brito	8,0	10,0	9,0
Francisca Torres França	9,5	7,0	8,25
Sebastião Xavier	6,0	10,0	8,0
Média	6,86	7,77	7,31

Monitor: Dilma Ferreira Lima

José Lopes	6,3	7,0	6,65
Francisco Lopes	4,5	9,0	6,75
Francisco Lopes Filho	8,5	10,0	9,25
Amélia Lopes da Silva	9,1	10,0	9,55
Luzia Andrade da Silva	9,6	10,0	9,8
Tereza Gomes da Silva	1,7	2,0	1,85
Francisca Lopes	4,5	9,0	6,75
Média	6,31	8,1	7,2

Monitor: Marlene de Vasconcelos e Souza

Anália Ferreira	3,0	10,0	6,5
Maximina Maria da Silva	0,4	6,0	3,2
Maria Olímpia das Chagas	4,0	6,0	5,0
Maria dos Anjos	4,5	0	2,25
Luiza Gomes de Souza	9,0	10,0	9,5
Raimundo Jota	3,0	6,0	4,5
Anita da Silva	0,4	3,0	1,7
José Gregório de Almeida	9,4	10,0	9,7
Maria Pequena de Souza	4,5	10,0	7,25
Média	4,24	6,77	5,55

Monitor: Gizelda Gomes Salles

Adonias Trajano	9,5	10,0	9,75
Caromena Alves Martins	9,5	7,0	8,25
Francisca Horácio	7,8	7,0	7,4
Francisco Firmino	7,5	10,0	8,75
Francisca Firmino	5,3	10,0	7,65
Maria Miranda	9,5	10,0	9,75
Maria Conceição	10,0	7,0	8,5
Maria da Conceição Correia	10,0	10,0	10,0

Pedro Trajano da Costa	0,5	10,0	5,25
Raimunda N. Cavale	9,8	10,0	9,9
Média	7,94	9,1	8,52

Monitor: Edilson Dias de Araújo

Geraldo Ferreira da Silva	6,0	10,0	8,0
José Luís Fonseca	5,0	10,0	7,5
Judite Xavier Pessoa	10,0	10,0	10,0
Maria Belo da Silva	5,0	6,0	5,5
Francisca Chagas Costa	1,0	7,0	4,0
Francisco Galdino	10,0	7,0	8,0
Francisco Gomes Dantas	4,0	10,0	7,0
Maria Alba	0	7,0	3,5
Francisca Lima	7,0	3,0	5,0
Floriza Andrade	5,5	0	2,75
Maria Fátima Costa	0	6,0	3,0
Cerias Cerino da Silva	8,5	7,0	7,75
João Gomes Dantas	9,0	10,0	9,5
Maria de Lourdes	7,0	10,0	8,5
Maria Pureza da Silva	3,0	10,0	4,5
Média	5,43	7,26	6,34

Monitor: José Ribamar de Aguiar

Francisco das Chagas Valdevino	8,0	10,0	9,0
Joana Maria	4,0	10,0	7,0
José Marcelo	5,0	3,0	4,0
José Belo	2,0	10,0	6,0
Júlia Gomes da Silva	10,0	10,0	10,0
Hilda da Silva	2,0	10,0	6,0
Francisca de Assis de Souza	9,5	10,0	9,75
João Justino da Rocha	2,0	10,0	6,0
Expedito Roberto	1,0	10,0	5,5

Maria Júlia dos Santos	6,0	9,0	7,5
Maria Quintina da Silva	8,0	10,0	9,0
Francisco de Souza	8,5	10,0	9,25
José Lucas de Souza	0	6,0	3,0
Maria Francisca Félix	9,5	10,0	9,75
Maria do Rosário da Silva	8,0	10,0	9,0
Severino José	5,0	10,0	7,5
Maria Ribeiro Dantas	9,0	10,0	9,5
Maria de Lourdes	7,0	10,0	8,5
Almira Rodrigues	2,0	10,0	6,0
Média	5,60	9,36	7,48

Monitor: Talvani Guedes e Margarida Magalhães

Francisco Cosme	1,5	3,0	2,25
Maria do Carmo	5,0	8,0	6,5
Antônio Ribeiro	9,5	10,0	9,75
Nelson Valdevino	9,0	7,0	8,0
Margarida Pereira Silva	9,0	10,0	9,5
Paulo Alves de Souza	10,0	10,0	10,0
Francisca Caxias	10,0	10,0	10,0
Maria Gildenora	8,0	8,0	8,0
Maria Edite Bezerra	9,5	10,0	9,75
Maria Vera Lúcia da Silva	4,0	7,0	5,5
Maria de Jesus Souza	7,0	1,5	4,25
José Terto da Cunha	9,0	10,0	9,5
Maria de Jesus da Silva	9,0	6,5	7,75
Média	7,73	7,76	7,75

Monitor: Marcos José de Castro Guerra

Geraldo Alexandre de Souza	7,0	10,0	8,5
Paulina Fernandes	10,0	10,0	10,0
Francisca da Silva	2,0	8,0	5,0
João Rodrigues de Almeida	7,5	10,0	8,75
Média	6,62	9,5	8,06

Médias globais: Alfabetização - 70% de aproveitamento

Politização - 87% de aproveitamento

Estes resultados se referem apenas aos alunos do curso que fizeram os testes finais. Não se computou, no resultado, os alunos habilitados a ler e escrever com o emprego do Método Paulo Freire, cuja comprovação científica não foi efetuada com os testes, devido à ausência dos mesmos nos Círculos de Cultura onde foi feita a avaliação. A ausência foi devida, no caso, à festa do padroeiro local, que mobilizou praticamente toda a cidade, como ocorre em todas as cidades do interior nordestino.

Íntegra do programa *Memória Viva*, TV Universitária, Natal (RN)

Entrevista gravada em 21 de maio de 1983.

Produção, direção e apresentação: Carlos Lyra

Câmera: Jácio Fiuza; VT e edição: Rodivan Barros

Carlos Lyra: Há vinte anos atrás, exatamente abril de 1963, era encerrada no Rio Grande do Norte, na cidade de Angicos, uma experiência piloto de alfabetização de adultos utilizando o método do professor Paulo Freire. O programa *Memória Viva* da TV Universitária, mais do que um programa, parte integrante do "Projeto Memória" da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, entrevista, hoje, este professor: Paulo Freire.

Conosco, nesse depoimento, o pesquisador e estudioso, aliás um dos poucos que realmente soube, através de seus trabalhos, interpretar a obra de Paulo Freire: o professor Celso Beisiegel.

Meu caro Paulo, como nasceu o educador Paulo Freire?

Paulo Freire: Bem, antes de começar a responder a tua primeira pergunta, tenho a impressão que seria imperioso que eu dissesse a quem me ver, hoje ou amanhã, de uma certa satisfação, de uma certa alegria bem-comportada que sinto ao voltar, hoje, exatamente hoje, vinte anos depois. Dizer da alegria que eu tenho de passar por aqui como brasileiro, mas, sobretudo, como nordestino. Seria impossível, admitindo que, por uma razão qualquer, eu pretendesse me esquecer do Nordeste, pretendesse renunciar a minha enorme nordestinidade. Eu teria, necessariamente, de considerar esse esforço como o meu maior fracasso, quer dizer, eu não poderia fazer isso: a nordestinidade em mim é uma nota do meu ser, inclusive é ela que me faz.

E, hoje, ter passado esse dia inteiro nesse encontro¹, não porque foi um encontro que viu a experiência de Angicos e outras experiências fundamentais na vida do país, que se deram aqui neste Estado, neste pedaço de Nordeste, quer dizer, estar aqui, hoje, é uma satisfação imensa, e eu queria dizer dela a quem me vê e quem me ouve, e te agradecer por me trazer, aqui, com o Celso. Concordo inteiramente com o que tu disseste e fico muito contente com a presença dele, que apesar de moço ainda, é um homem a ser fixado também, a ser gravado.

Eu quero te agradecer essa oportunidade de bater esse papo contigo. E agora vamos tentar a resposta.

Tu me perguntas como é que se foi dando em mim essa coisa chamada "educador". Evidentemente que ninguém nasce como tal. Essa história de dizer que o educador nasce feito é uma expressão de um certo fatalismo diante da existência. Ninguém nasce feito. Todo mundo se faz ou não se faz.

Então, há uma série de coisas que te condicionam, que te levam, que te desafiam, te motivam na tua própria prática. Há uma configuração harmoniosa da tua opção. Isso se chama vocação. No fundo é isso.

Em mim isso começou na infância mesmo, na minha relação, por exemplo, muito dialógica com meu pai, com a minha mãe, no testemunho humano deles, na pedagogia deles. É incrível, quando eu começo a me perguntar e pensar sobre isso, afinal meu pai e minha mãe eram do século passado e eu nasci em 1921, portanto, no começo do danado desse século de hoje, que está se acabando. Meu pai e minha mãe tinham procedimentos antecipados, realmente, procedimentos que eu assinaria enquanto pai, também.

1. Seminário de Educação.

Essa coisa me marcou muito, como me marcou a maneira como eu aprendi com eles, como eu aprendi na minha primeira escolinha etc.

Agora, a primeira experiência de ensino, minha primeira prática docente se deu exatamente quando eu devia ter aproximadamente dezessete anos. Às vezes, a data escapa um pouco pra lá, um pouco pra cá. Coincidiu com o momento em que eu comecei a poder comer mais, porque eu tinha passado uma fase de primeira infância, começo da segunda infância, muito dura com relação à possibilidade de comer, e andei tendo umas fomes. Quer dizer, a minha infância não foi uma coisa assim tão dramática quanto a de milhões de crianças do Nordeste, hoje pior ainda do que ontem, pior do que meu tempo, mas foi uma infância um pouco dura.

No momento em que comecei a comer mais, em função do trabalho dos meus irmãos mais velhos, porque eu era o último da família, e na medida em que eles puderam, através de seu trabalho, trazer um pouco mais de dinheiro pra casa, eu comecei a comer mais, e quando eu comecei a comer mais, eu comecei a ter aquele deslumbramento, a entender as coisas que eu não entendia antes.

Isso me levou a estudos sistemáticos da língua portuguesa. Com amorosidade e intensa curiosidade, eu estudava às noites, quase todas. Lembro que era uma delícia para mim, porque quanto mais eu estudava, mais entendia o que eu estava estudando.

Foi exatamente aí que eu, inclusive, entrei em contato com Saussure, que eu estudei Matoso, o famoso paulista, o introdutor de todos estes estudos lingüísticos entre nós, o Foisseler, por exemplo. Aí eu comecei a dar aulas de língua portuguesa, particularmente, no começo, para ir ganhando um dinheirinho, e dando minha cota, também, em casa.

Bem, esse começo do meu magistério particular, de aulas de dois cruzeiros, de cinco cruzeiros na época, ao mês,

financiavam o meu cigarro e ajudavam a minha velha a mandar lavar minha roupa, a pagar etc.

Essa primeira experiência, realmente, me enraizou no magistério e na prática pedagógica, e nunca mais dela saí, eu não fui outra coisa na vida.

Como tu já sabes, que eu te contei, a minha primeira tentativa de advogado foi um negócio maravilhoso. Desisti da causa e mandei o rapaz ir embora:

— Vá procurar outro advogado que eu não aceito isso!

Claro, essa coisa se deu em mim, mas você sabe que há um outro dado que me fortalece nisso: foi encontrar um dia a Elza numa esquina da rua. Eu sempre digo que ninguém marca encontro com o amor. Esse negócio de amor acontece, tem sua razão. A gente se encontra numa esquina, numa esquina qualquer da existência. Mas ninguém encontra apenas, porque é também encontrado. Numa esquina qualquer da vida eu encontrei com Elza, e ela me encontrou. E deu certo o encontro.

A Elza era uma excelente educadora da pré-escola, como a filha é hoje. Mas eu acho que a filha até ganhou pra ela (que ela não me ouça!). A Elza me traz assim para dentro de mim, para dentro da vida, me traz um baita testemunho de coragem, de luta e de amorosidade ao educando. E ela tem tido, e continua tendo, uma experiência que eu não tinha, que eu nunca tinha tido, que é uma das minhas deficiências, que o Frenet não teve: nunca fui professor primário, e há de convir que hoje não dá mais para ser.

Lamento, realmente, mas é uma lacuna, isso na minha vida de educador, e eu gostaria que as professoras jovens ou mais velhas que estão me vendo e ouvindo e que são professoras primárias do chamado primeiro grau, que me ouçam dizendo que uma das minhas frustrações, uma das minhas limitações é não ter sido professor primário.

Agora eu queria dizer a elas, num parêntese, que não vão nessa história de quererem convencê-las de que magistério é sacerdócio e que a gente deve ser humilde e esperar que as coisas aconteçam. Não, não. Magistério não é sacerdócio, é prática, prática pedagógica, prática política, e dizem isso para vocês não brigarem pelos salários. Briguem pelos seus salários, acabem com esse negócio de sacerdócio, que é conversa fiada.

Mas eu não tive esse pedaço, essa dimensão. Daí, depois dessas aulas particulares onde eu me fui formando realmente, e a presença de Elza, então, aí começa todo um processo muito autodidata também, que foi do meu encontro, do meu desvelamento de obras pedagógicas que ia eu mesmo situando etc., até que, em certo momento, eu passei a dar aulas como professor mesmo, mas em ginásios, aulas de língua portuguesa, sintaxe da língua portuguesa.

Eu tinha uma amorosidade por aquilo, um gosto naquilo. No fundo era a minha cachaça, e eu aprendi enormemente, dando aula. Há um grande professor de Direito da Universidade Federal de Pernambuco, professor Cláudio Souto, que dá cursos, também, em universidades alemãs, se não me falha a memória, de Direito Comparado. Cláudio Souto foi meu aluno quando ele tinha dez para onze anos, e era um aluno brilhante, quer dizer, ele já anunciava o extraordinário pesquisador no campo jurídico que é ele hoje.

Mas eu me lembro de um negócio que talvez ele nem saiba que eu me lembro disso, de uma carta que ele me fez quando estava no exílio, recém-chegado em Santiago do Chile. Ele estava dando um curso numa universidade alemã e soube que eu estava no Chile. Descobriu o endereço e me escreveu uma carta linda, me dando solidariedade, e em que ele dizia: "Paulo, você ensinou a mim mais do que a colocação do pronome certo. Você ensinou a mim a aprender".

São estes momentos, também, gostosos da prática nossa de professor, momentos que o Celso deve ter tido já aos montões na Universidade de São Paulo, onde ele ensina. Pelo menos eu já ouvi de alunos dele coisas assim, em São Paulo.

Foi assim que eu comecei. A vida se ofereceu a mim ou ofereceu a mim algumas hipóteses e eu caí nessa. Eu até diria melhor, fiquei de pé nessa, não caí, e é isso que eu sou até hoje.

Carlos Lyra: Daí professor de História da Educação, instante das primeiras codificações através de imagens, de quadros, de figuras... terá sido isso que induziu o seu trabalho para a "Aula da Cultura?". E aquele episódio, seu filho de três anos, que ia com você no automóvel e, ao ver um *outdoor* de Nescau, começar a cantar a música do comercial mostrado na televisão. Como foram esses primeiros instantes da sua descoberta do método?

Paulo Freire: Eu tenho a impressão... eu nunca tinha refletido sobre isso, mas eu tenho a impressão de que há algo, ou melhor, certa preocupação minha com relação ao problema da educação, inclusive como uma totalidade. Isto tem que ver, também, num certo momento dos meus estudos, e mais adiante se estende até essa história que você fala agora da codificação, não tanto por ser professor de História e Filosofia da Educação, mas em certo momento de minhas buscas no campo da lingüística, por exemplo, aí absolutamente autodidata, sendo convidado para aquilo pelas minhas leituras, de repente eu me encontro com problemas de teoria de comunicação e linguagem.

E foi exatamente isso que me deu, inclusive isso teve assim um impacto que se desdobra com duas repercussões: uma, que foi a decisão de a partir daí, da compreensão, da comunicação, entrar na educação mesmo; e a outra foi a de continuar certos estudos, certas leituras no campo da linguagem,

uma compreensão em torno da linguagem, da língua, dos símbolos lingüísticos.

Alguns desses aspectos de que falei hoje, por exemplo, nesse encontro, que me levaram diretamente depois ao método, ao chamado método, e eu me lembro, inclusive, de conversas que eu tive com lingüistas em São Paulo e em Brasília, creio, que naqueles anos 63, há vinte anos atrás, em que eu começava a ser conhecido e em que um deles um dia me perguntou onde eu tinha feito cursos de lingüística. Eu não tinha feito nenhum, quer dizer, eu tinha meus estudos assim... eu tinha feito meus estudos assim de aventureiro, intelectual. Quer dizer, isto é que chega depois do problema da codificação, que, por sua vez, também, está fortemente ligado a toda questão (no ato de conhecer) da relação entre o que a gente chamaria de contexto teórico, em que você toma distância do concreto para poder entendê-lo, e a relação entre este contexto teórico e o contexto concreto, em que os fatos se dão.

A codificação é a mediadora destes dois contextos que no fundo se interpenetram dialeticamente. A codificação ajuda a abstração do concreto, para ser alcançado o concreto através dela; a codificação enquanto representativa de um aspecto da realidade se integra à curiosidade do alfabetizando ou alfabetizado como abstração do concreto a que ela está referida. É como se fosse um conceito, mas só que muito concreto, realmente, porque ela inclusive é a fotografia do concreto ou o desenho do concreto.

Certos estudos meus em torno do ato de conhecer também têm que ver com isso. Agora, é claro, o problema da cultura a que você se refere, a preocupação muito grande tinha que ver com a história, realmente, indiscutivelmente, mas tinha muito que ver com a questão do fatalismo que a gente encontra nas massas populares brasileiras, não só brasileiras, obviamente, mas em toda a área submetida a forte nível de repressão. O fatalismo é uma expressão, uma espécie de válvula. Se não

fosse a postura fatalista seria um desespero absoluto, porque o que é que o fatalismo faz para ajudar o fatalizado a aceitar, a sobreviver? Através do fatalismo, ele ganha uma razão suficiente para o seu estado de miséria, que ele acha que é irremovível. Imagine se o cara não tivesse essa postura fatalista, como uma apreensão, que é social, não só individual, e não encontrasse o caminho de superar? Seria um negócio realmente trágico. Quer dizer, o fatalismo, inclusive, é um mecanismo necessário de defesa.

O conceito de cultura que eu tentei introduzir naquela época era uma tentativa, como eu disse hoje também no encontro, era uma tentativa de mostrar aos grupos de alfabetizando que se o ser humano é capaz de transformar uma realidade natural que ele não fez, então ele tem condições, posso não saber quais as condições no momento, mas ele tem condições de transformar a realidade que é feita pelo ser humano, que é a realidade cultural, a realidade histórica, política etc. Isso funcionou em muitos casos. Não sei se te satisfaz a resposta ou se tu gostarias de melhor...

Carlos Lyra: Avançando um pouco no tempo... vamos chegar a Angicos. O convite e os primeiros relacionamentos, aqui, em Natal?

Paulo Freire: O Calazans, na época, era o secretário de Educação no Rio Grande do Norte, e ele teve uma informação qualquer, não sei quem, de que eu estava buscando, pesquisando, fazendo essa coisa toda, e me procura para discutir essa possibilidade de fazer uma experiência-piloto relativamente grande, aqui, e eu disse:

— Bem, se se faz um convênio através da Universidade do Recife e sua Secretaria, portanto o governo, e desde que haja umas exigências que eu coloco, então não há por que não fazer a experiência.

E uma das exigências que eu fazia era a de que as nossas relações se travariam entre Universidade e Secretaria de Edu-

cação, e não através de nenhum representante da *Aliança para o Progresso*.

A minha tese era a seguinte: eu não aceito coisa alguma da *Aliança para o Progresso*, mas não tenho nada contra usar o dinheiro que ela pensa que é dela, mas que não é, porque no fundo o dinheiro da *Aliança para o Progresso* era o dinheiro que voltava ao Brasil, ainda mais em termos de favor, mas o dinheiro nosso, o dinheiro nosso, o dinheiro dessa área sub-desenvolvida, que não é subdesenvolvida só porque é explorada, dominada. Então, por que não aproveitar esse dinheiro no retorno, desde que a gente pudesse assegurar o que fazer com ele? A minha posição era essa: se eu tenho autoridade sobre o que se vai fazer no projeto, eu não quero saber se esse dinheiro vem da *Aliança* ou vem do japônês.

Carlos Lyra: Aliás, na hora da assinatura do convênio, tem uma frase de Calazans que ficou famosa e exemplifica bem isso: "Acabou-se a aliança e começou o progresso". [Risos.]

Paulo Freire: Porque essa era a minha posição. Claro que não era ingênuo, eu sabia que cedo ou tarde iria ocorrer, e que esse autor hoje citado pelo professor Celso Beisiegel diz no livro dele: "a *Aliança para o Progresso* descobriu muito antes dos acontecimentos de abril de 1964 que não era mais possível financiar dinheiro para usar esse método aqui". Isso está dito no livro do cara, só que lamentavelmente este livro não foi traduzido por nós aqui, para o Brasil.

Bem, então eu fiz umas exigências, e me lembro até que o Calazans me disse:

— Mas eu não posso responder, dizer sim ou não, porque isso depende do governador do Estado.

Eu vim aqui, conversei com o governador e coloquei as exigências. Quer dizer, eu não admitia o uso político da experiência, do projeto, e exigia que a coisa ficasse nas mãos

da liderança universitária. O líder era exatamente o Marcos, em que todo mundo tinha o dever de acreditar, não era favor. O governador aceitou, e eu disse:

— Governador, se qualquer um desses pontos for desrespeitado, eu largo isso tudinho e dou uma entrevista dizendo o que houve.

Para mim isto era muito fácil, inclusive, não era petulância minha não, arrogância, nada disso. É que, na verdade, eu não tinha nenhuma intenção em sair candidato a coisa nenhuma, eu não queria emprego nenhum. Eu era professor universitário e acabou-se. Eu não estava precisando do governador para me dar emprego, para dar coisa nenhuma. Eu não ganhei um tostão naquele tempo. Essa era outra imposição que a gente fazia.

Carlos Lyra: Ninguém recebeu dinheiro da *Aliança*. Nem os estudantes, ou melhor, os coordenadores dos Círculos de Cultura.

Paulo Freire: Os estudantes, vocês, deram duro. A única coisa que, também, se não desse não era possível, foi a despesa com o alimento de vocês, foi a única coisa. Bem, transporte, também, a moçada não ia ficar lá, tinha que ter o mínimo de infra-estrutura para vocês. Mas é isso, e foi isso, em síntese.

Carlos Lyra: Paulo, seu encontro com Angicos? As aulas... e o que ensinar ao homem que diz "tenho a escola do mundo"?

Paulo Freire: Tudo o que eu fiz em termos de educação popular, de aprendizado dessa educação popular, o que eu fiz dos discursos, como os discursos populares me foram tocando, mas como também eu demorei a me dar a esses discursos. Você veja o que é o poder ideologizante que a gente vai guardando dentro da gente. E nunca esqueço, por exemplo, e digo a vocês com muito humor, até porque é bom que um jovem, um jovem qualquer e político me ouça e veja que é

bom a gente rir da gente. Ai do homem e da mulher que não tenha coragem de rir de si mesmo.

Eu me lembro de uma noite em que eu fazia um discurso aos pais de alunos de uma escola primária que eu dirigia, uma área proletária do Recife, chamada Vasco da Gama. E eu falava — nunca esqueço isso! — sobre, veja bem, código moral da criança em Piaget. Minha Nossa Senhora! E, necessariamente, fazia críticas à repressão, à violência das surras. Quando eu terminei, um operário levanta-se e diz:

— Muito bonito o discurso do doutor superintendente (era superintendente). Doutor, eu não conheço a casa onde o senhor mora, mas vou me arriscar a descrever ela. O senhor deve morar numa casa que, primeiro, tá sorta dos dois lados (uma casa independente no terreno). O senhor deve ter um quarto só pro senhor e sua mulé. Quantos filhos o senhor tem?

— Dois meninos e três meninas.

— Um quarto pra cada menina e, no mínimo, então, um quarto pra os dois meninos, dentro de casa.

Rapaz, parecia que ele tinha ido lá. Respondi:

— É isso mesmo!

— Tem banheiro, o senhor tem essas coisas todas que se liga na eletricidade e que derrete as coisas, e espreme.

Era exatamente a linha Arno. Desculpe eu estar fazendo propaganda. [Risos.] Descreveu a minha casa, e disse o seguinte:

— O senhor sai de manhã, seus filhos toma banho, come. Se tem uma doencinha, o médico vem. De noite, quando o senhor chega, eles estão bem porque comeram. Eles estão felizes, tão de roupinha limpa. Então o senhor pode falar com eles, pode beijar eles, perguntar como foi o dia na escola. Quando dá sete horas eles vão dormir direitinho, não apoquentam a cabeça do senhor nadinha. Agora a casa de nós, seu doutor,

não é essa não! A casa de nós é uma casa que tem uma sala só, e nós dorme tudo dentro, ali, tudo misturado. Os meninos não come, os meninos não têm água pra tomar banho, os meninos não têm, doutor, os meninos não têm nada. Quando eu chego do trabalho de noite, doutor, os meninos tão uns danados porque estão com fome, tão cansado, tão irritado. Acontece que no outro dia, às quatro horas da manhã, a fábrica me acorda!

É! Porque as fábricas, neste país, acordam as comunidades todas com seus apitos, elas se dão ao direito de despertar uma cidade apitando, porque está chamando aquilo que lhes pertence, que é a mão-de-obra, que é a força do trabalho. E ele disse:

— Agora o senhor vê, se na sua casa não existisse diálogo, o senhor merecia todas as críticas. Mas ter diálogo lá em casa, doutor, não dá. Porque o que eu preciso é de dormir, e aí eu bato neles para se calar, pra se acalmar e eu dormir.

Bem, eu ouvi vários desses discursos. E eu voltava pra casa e dizia: “Puxa, mas não é possível! Como custou!”

Veja você, então, que quando a gente fala, por exemplo, na importância de classe do educador, da importância que o educador tem de refletir sobre a sua própria posição de classe, aí vem um bando de gente: “Tá vendo! Já está usando uma expressão marxista. É comunista, este velho danado! Quer comer gente de bife”.

Nada disso! Mas é preciso ser um pouco mais sério. É preciso ser um pouco mais rigoroso. É preciso ser um pouco mais decente. Acabar com essa mania de estar dizendo que todo mundo é comunista porque pensa correto. Ora, Deus meu, tu sabes que esta coisa tá me transbordando.

Acontece que Marx... um dia, em 63, eu li uma entrevista maravilhosa de um teólogo brasileiro, um padre mineiro, esqueci

o nome dele agora, grande amigo meu, e como televisão é tempo, não dá pra corrigir depois, estou esquecido o nome dele. Ele que me perdoe. Eu li uma entrevista dele que abalou o Brasil daquela época, em que ele dizia:

— Eu não vou errar só porque Marx acertou.

É isso! Eu insisto nessa coisa de que o educador e a educadora se vejam, se analisem, se descubram na sua prática. E eu passei anos para descobrir, também, a razão dos meus espantos, quando um homem do povo me dizia coisas assim extraordinárias, definições rigorosas do campo das ciências sociais. E eu contava isso, depois, aos meus amigos, e eu e os meus amigos nos espantávamos. E por que eu nunca me espantei quando isso era dito por um professor colega meu, ou um estudante universitário. Então, por trás do meu espanto, estava, também, a ideologia dominante morando em mim, apesar da minha opção popular.

Depois que descobri isso, nunca mais me espantei com a sabedoria do povo! Eu me espanto, hoje, é quando o povo não expressa a sua sabedoria, e eu procuro saber a razão que está por trás, agora, para inibir essa sabedoria, porque eu descobri a razão de ser disso tudo.

Poxa, mas eu já falei demais. Celso, diz um pouco, também, de ti. Eu me lembro de Celso, vou dizer a vocês, até para ajudar a ele. Eu me lembro de Celso, vamos ver se minha memória funciona, eu conheci Celso Beisiegel, um jovem: a cara de ontem anunciava a cara de hoje, como a de hoje me faz lembrar a de ontem. Mas faz isso 21 anos, aproximadamente, e Celso, se não me equivoco, meu primeiro encontro contigo foi no aeroportô de São Paulo.

Celso Beisiegel: Não, Paulo.

Paulo Freire: Então foi no Instituto, no INEP?

Celso Beisiegel: Também não, foi no hotel da avenida São João.

Paulo Freire: Ah, bem, em que me apresentaram... eu olho você e vejo aquele moço, verde, que simplesmente me diz:

— Olhe, eu estou interessado em saber o que é isso que você está fazendo, estudar isso.

E até hoje o Celso estuda isso. Você vê pela obra dele, eu não tenho dúvidas, o trabalho do Celso é realmente... eu não quero fazer, aqui, propaganda, porque inclusive dizem que não pode, mas o livro do Celso Beisiegel é um livro realmente de uma seriedade enorme, porque, inclusive, ele transborda, quer dizer, nas tuas análises tu vais além das coisas factuais, dos fatos, acompanha o movimento de algumas dessas idéias. E daí em diante, ficamos separados dezesseis anos, mas nunca esquecidos um do outro.

Carlos Lyra: Mas vamos voltar a Angicos e, depois, sua vida fora do Brasil. Quando chegou em Natal, para o curso de preparação dos coordenadores, você falou em uma experiência que teria iniciado em Recife, mas que não pôde concluir. E, chegando em Angicos, um dos coordenadores, disse: “Paulo (correndo para lhe receber), aquilo que você dizia é verdade, acontece aqui, também!”

Paulo Freire: Foi assim um negócio bonito, realmente. No momento, eu não me lembro mais o que ele constatou, mas ele estava com aquela alegria de quem encontra uma coisa que se dizia que existia, mas que se tinha dúvida em torno de se existia ou não. E o sujeito, de repente, encontra e diz:

— Poxa, existe mesmo.

E ele correu, realmente, para mim quando eu fui descendo do carro, ao meu encontro. E se ele estiver por aqui hoje e me vir, ou quando me vir nesse programa, talvez se lembre

disso. Eu não me lembro do nome dele², mas me abraçou e disse:

— Paulo, o que você disse no curso nosso existe mesmo. Estou convencido.

E, possivelmente, seriam algumas afirmações, também, que eu fazia nos papos já com os jovens daquela época, em torno da capacidade de saber que o povo tem. Poxa!

Basta estar vivo para conhecer, e combatendo um certo tipo de elitismo, segundo o qual só quem sabe é intelectual. Isso é um negócio milenar: o intelectual é quem sabe, o povão não sabe. Deve ter sido algo nessa linha.

Carlos Lyra: Encontros com alunos, Manoel Dez Mil Réis, por exemplo, dona Maria Hermínia, aquela velhinha, com 72 anos de idade, que aprendeu ao lado da filha...

Paulo Freire: Eu tive vários encontros desses, naquela época. Conversava e me lembro, também, da emoção com que Madalena me contou um dia, numa visita que eu fiz, que uma aluna do círculo em que ela estava a convidara para ceiar em casa dela. E Madalena foi. E a ceia dela, que Madalena disse que tomou com ela com muita alegria, era um prato com água quente e uma espinha de peixe dentro e o outro prato da mesma forma, com duas colheres. E a Madá, então, tomou a água quente, com a espinha de peixe dentro.

Eu vou até perguntar à Madalena se ela se lembra disso. Isso foi o jantar para o qual a Madalena foi convidada. Agora, você veja que coisa maravilhosa, essa disponibilidade ao afeto, ao querer bem, que a gente encontra nessa região, também.

2. José Ribamar de Aguiar.

Por outro lado, um pouco de desculpa aos telespectadores, vou dizer uma expressão, assim, muito acadêmica, essa senhora me parece um exemplo muito bom de idealismo pré-Hegel, quer dizer, um idealismo tão subjetivista mesmo, tão exageradamente subjetivista de tal maneira, que a consciência cria o real. Ela criou um jantar e ofereceu este jantar. A consciência criou o jantar, e ela jantou...

Esta foi, também, parte da experiência de vocês. E isso que se deu com a Madá deve ter se dado com muitos de vocês também, naquela época. No fundo, eu acho que foi um momento realmente bonito, quer dizer, há algo que, inclusive, é muito difícil para um relator daquilo dizer e tocar, porque é exatamente esta coisa mais por dentro, que o pesquisador não vai encontrar, essa dimensão, assim, mais existencial, mais amorosa, que o pesquisador vai pra lá examinar os resultados: se o cara fez "ta, te, ti, tu" ou não fez; ou, então, se o examinador vai saber se o governador Aluizio Alves era um governo da UDN, então, esse método, necessariamente, e este trabalho, esta experiência de Angieos se deterioraria, porque ela, no fundo, servia à ideologia dominante.

Tenha paciência! Não é isso! Não é isso! A história é mais do que isso.

Às vezes, quando eu ouço certo tipo de análise e de crítica, eu fico dizendo: "Ah se eu fosse história agora, eu me vingava desse cara, dava-lhe uma lição! Mas já que eu não sou história, eu sou homem, eu sou feito por ela, ao fazê-la.

Mas esta turma se esquece, às vezes, disso. Há algo que nem tu captas, nem eu, nem tu que estiveste lá (não significa que não pode ser captado), mas é esse movimento interno da existência dentro daquele espaço, daquele tempo, da existência de 360 pessoas. É esse comércio da existência ali dentro, é essa sopa de água quente com espinha de peixe dentro, que

tem muito por trás dela, para se entender enquanto realidade desse país, mas como isso está fora do esquema avaliador, então a gente não pega.

Carlos Lyra: Paulo, um desses fatos que estão por trás da avaliação, das pesquisas, não registrados na história da experiência, lembro, agora, do secretário de Educação, Calazans Fernandes, descendo de um teco-teco, em Angicos, e um caboclo de alpercatas de cangaceiro, com chapéu de couro, bernal a tiracolo, segurando uma velha espingarda lazarina, e ele indaga:

— Alguma novidade?

— Ah, tem doutor, e é coisa boa.

Falando firme, começou a contar que estava aprendendo a ler.

— Educação, doutor, entra na gente e não sai mais. A gente vai caçar, levanta a espingarda e apruma a pontaria. De repente, cá no meu pensar, começa a formar, com letras, o nome do bicho na cabeça e... erro o tiro.

E o discurso do sr. Antônio, na última aula, falando para o presidente João Goulart, em nome de seus colegas, num belíssimo improviso de menos de cinco minutos, disse: "...naquele tempo atrás, veio o presidente Getúlio Vargas *matar a fome da barriga*, que é uma doença fácil de curar. Agora, vem 'Vossa Majestade' *matar a fome da cabeça*, que é o que nós precisa".

Paulo, a importância de Angicos, depois da experiência. Angicos passou a ser mais importante do que a própria experiência?

Paulo Freire: Eu acho que uma das importâncias de Angicos, e de alguma coisa que veio antes de Angicos, como pesquisa, e de algumas coisas que vieram imediatamente depois de Angicos... Celso, hoje de tarde, nos debates, nos deu uma resposta que eu gostaria de citar aqui, agora, e que me parece

muito lúcida, e que seria mais ou menos o seguinte (não foi assim que ele disse, mas eu acho que não vou trair o espírito do que ele disse): "Vamos admitir que, em Angicos, não tivesse aprendido coisa nenhuma, ninguém. Que tivesse havido uma dificuldade enorme do aprendizado do "ta... te... ti... to... tu", o que seria lamentável. Veja bem, nós não estamos dizendo que seria ótimo. Vamos admitir que tivesse havido isso, um aprendizado bem mínimo".

A tese do Celso, hoje de tarde, era a seguinte: é que há porém algo, mesmo reconhecendo o fundamental da eficiência disso e, portanto, da busca de ser mais eficientes, aí, do ponto de vista técnico; o fundamental, dizia Celso: "é que depois daquilo, depois daquelas primeiras experiências, nunca mais foi possível no Brasil, a ninguém, inclusive ao poder do Estado, voltar às concepções e às práticas da educação de adultos, da alfabetização de adultos dos anos 40 e dos anos 50". Quer dizer, eu acho que essa análise de Celso, realmente, bate com a história.

É isso mesmo, e tem mais, nunca mais foi possível voltar àquelas práticas e àquela compreensão na América Latina! Não é só no Brasil. Deu-se uma espécie de salto qualitativo. Até as práticas, pouco ou nada progressistas, tiveram de reformular-se, também no campo da educação de adultos.

Eu acho que isso é um dos tais transbordamentos de que eu falava hoje, quando eu disse que um dos defeitos nossos, acadêmicos, ao examinar um objeto, é perder a noção. Tu sabes que, no fundo, a gente perde a noção do limite do objeto, porque a gente não o ultrapassa. Você só percebe que o limite dessa mesa é esse porque você ultrapassa esse limite. Toda vez que você se encontra dentro da área, você não pode ultrapassá-la, você não tem o limite dela. Você só ultrapassa. Você só tem o limite quando você ultrapassa o limite.

De modo geral, a gente avalia o projeto sem ir além dele, e aí não apanho os transbordamentos dele. Aquelas coisas que se deram, até que eu diria, às vezes a despeito do projeto. Eu acho que essa afirmação do Celso, essa percepção do fenômeno em movimento, é absolutamente correta. Quer dizer, nesse sentido é que você vê como uma idéia ou outra se inserem ou não na história: é quando ela é capaz de, movimentando-se na história, estabelecer certos marcos que passam a ser limites de novo.

Eu acho que isso daí foi, e é preciso que a gente diga isso com muita naturalidade e sem nenhuma preocupação maluca, boba. Eu acho que há algo disso nessas coisas todas. Essa afirmação do Celso a mim, hoje, isso que ele disse me iluminou muita coisa. Veja que coisa engraçada. Estou com 61 anos, obviamente que eu me estudo muito [risos], quer dizer, eu tenho que me estudar muito, realmente. Eu me sei. Mas, hoje, essa afirmação do Celso iluminou um bocado meu próprio estudo de mim mesmo.

Celso Beisiegel: E lá fora, Paulo?

Paulo Freire: Lá fora, na distância daqui... Ora, esse "lá fora" foi profundamente importante para mim, para Elza, para meus filhos. É claro que ele foi, também, profundamente causticante. Ele foi compensador, mas ele foi também fazedor de sofrer, e nós tivemos que fazer um aprendizado novo. Você não pode deixar o seu país sem data marcada para voltar, e essa é a situação do exilado, não é? Sem que você aprenda a ficar sem a data de volta, quer dizer, esse aprendizado é absolutamente fundamental e ninguém aprende num livro. É a prática de estar longe sem a data da volta que te ensina a conviver com esta não-data.

É dura a convivência, e eu vi como companheiros meus de exílio não aprenderam, e ou voltaram entregando-se à cadeia ou voltaram dispostos, pelo menos, a adequar-se, como uma necessidade de volta, ou ficaram em desespero no exílio.

O que, vale dizer, sofrendo profundamente, sentindo-se desraizados, porque recusaram o mínimo que o exílio te oferece de realidade.

Aí é outro aspecto da dramaticidade do exilado: é que a realidade do exilado é uma realidade de empréstimo, é emprestado. A sociedade que te recebe diz: "Está aí um pedaço de história, more nele um pouco, se experimente".

Então, até o momento em que você, praticando a sua ação e a sua reflexão, nesse pedaço de história e de espaço que te emprestam, até o momento em que você descobre, por exemplo, que você pode assumir, também, aquele pedaço, respeitados, porém, os limites que essa assunção tem, que são políticos, até o momento em que você assume isso é um sofrimento tremendo, e você não tem outro caminho para assumir essa terra de empréstimo, a não ser em plena consciência, a não ser que você faça uma espécie de volta, de volta às raízes, mesmo sem poder voltar lá, mas volta em reflexão.

E quanto mais você volta às raízes, no tempo seu, e você começa a clarear aquele foco mais mínimo, que é a rua onde você morava, que é a casa onde você nasceu, e você vai alargando, e alcança a vizinhança do bairro, e você vai se espraiando e assume a sua cidade, aí você diz: "Poxa, eu sou natalense, ou eu sou recifense", aí você descobre que é exatamente essa localidade que vai te fazer universal, e não a universalidade que te faz local. Quer dizer, não há nenhuma universalidade que parta, a não ser da localidade. Ninguém é local porque é universal, mas todo mundo que é intensamente local se universaliza. Então, isso me foi ensinado no exílio.

Carlos Lyra — Como disse Chaplin: "A vida é um assunto local".

Paulo Freire — Mas é! mas é importante também isso. A coisa é dialética, é um ir e voltar. O que é, por exemplo,

a localidade em si, a que falta a universalidade: é o paroquialismo mais triste e estreito que tu podes imaginar. Por exemplo, conheço paulistas que são profundamente paroquiais, profundamente focalistas. Eles conhecem a avenida Paulista e falam de cátedra sobre o Brasil. Falta a esse, quer dizer, a localidade esvazia-se sem força, se ela não é capaz de inserir-se na totalidade.

Então, esse é um momento deslumbrante que o exilado, quando experimenta, vive. E aí ele diz: “Poxa!”. Ele faz as pazes com a cidade onde ele chegou, entende melhor o que é cultura, o que é história; aí ele vai descobrir mesmo que esse negócio de carboreto, de que eu falava hoje, não tem sentido, quer dizer, você não amadurece os fatos na história com química.

O exílio me ensinou isso e eu aprendi também muito isso em... é fantástico! Um dia devo escrever, creio, sobre isso. Poxa, eu estou tão imodesto em dizer que eu devo escrever, mas eu acho que todo mundo que viveu experiências assim deve escrever. Eu ainda não escrevi porque saindo isso e não saindo da minha prática de escrever, eu tenho medo de... medo de pifar.

Mas eu me lembro, por exemplo, que foi isso, foi o tratar bem as minhas marcas locais de recifense, o gosto da pitanga, do suco da pitanga, da pitangada, o gosto do caldo de cana, do mel de engenho, da batata-doce, da farinha, da feijoada, do cozido, do peixe de coco, do camarão de coco, da lagosta de coco, da cachacinha de cabeça, foi o gosto disso tudo... isso tudo afinal, o que é, senão eu, senão nós, senão um pedaço desse país, isso é a nossa identidade, sou eu mesmo, é a minha linguagem, é o meu gosto da comida, o que é cultural. Foi cuidando bem dessas coisinhas que andrilhei pelo mundo.

Carlos Lyra — Cidadão do mundo!

Paulo Freire — E virei cidadão do mundo, não do ponto de vista — e agora sou muito leal em dizer — não porque a *Pedagogia do Oprimido* está em dezessete línguas; eu virei cidadão do mundo porque, profundamente, encontrei a minha reciprocidade por onde eu andei no mundo, eu andei cuidando das minhas marcas.

E veja bem, agora outro lado dessa dialética. Se eu não carregasse no meu corpo, consciente, na minha capacidade de querer bem, na minha amorosidade, se eu não carregasse as minhas marcas, a minha andarilhagem seria uma enfadonha viagem sem destino. Era um andar sem rumo, e não uma andarilhagem.

Eu vou contar um caso dessa andarilhagem, para explicar aos nordestinos como eu cuidei dessas coisinhas, e aí eu dou “boa-noite” a todo mundo, inclusive a você, e quase assim sem nenhum protocolo, arrebento com os horários do programa. Eu encerro, sem ser eu o coordenador do programa.

Eu ia em Fiji. Fiji, quem estiver me vendo e ouvindo, e não souber onde danado é isso, que eu também não sabia, abra um mapa e pegue lá... transbordando a Nova Zelândia, no Pacífico Sul, aquele conjunto de ilhas Fiji é uma delas...

Eu chego em Fiji, depois que andei toda a Austrália, toda a Nova Zelândia, dei um salto para as ilhas e fui a Papua, Nova Guiné, e de Papua dei um salto e fui para Fiji, onde participei de uma conferência para estudantes das ilhas todas, na Universidade Fiji.

Quando eu ia no carro, com um professor, eu começo a ver, no dia seguinte ao da chegada (eu cheguei de noite, não deu pra ver nada), bem cedinho... primeiro passa a noite toda chovendo e eu ouvindo o barulho de chuva no telhado. Esse negócio me fazia uma falta, quase de ir buscar um psicanalista.

Que precisão enorme de água de chuva, e eu passei sem dormir, ao mesmo tempo querendo dormir, porque estava sendo acalentado, como todo bom nordestino, pela chuva batendo e, depois, caindo (tu não conheces isso, como paulista, Celso) na biqueira da casa: toc, toc. E se coincide que cai em cima de uma latinha, se cai em cima de uma folha de bananeira, aí o barulho é melhor. Barulho de chuva é como coceira de pé, para nordestino. [Risos.]

Quando, pela manhã, eu saio, depois de uma noite dessa, no automóvel, eu vejo na estrada... que é que eu vejo? Uma quantidade misteriosamente grande de avenquinhas, e todas essas qualidades de folhinhas lindinhas, todas desenhadas, e você tem a impressão de que Papai do céu passou a noite com uma tesourinha, cortando... eu disse para o professor:

— Pára, pára, por favor, o carro!

E ele parou. Eu abro a porta, desço e fico lá, de cócoras, pegando — não arranquei nenhuma! —, alisando as folhinhas das avencas, e o professor espantado porque aquilo é o óbvio dele, aquilo é o cotidiano dele, como é o meu. Só que ele não sabia que o meu também era aquele, e que aquilo era um reencontro quase de gente com gente: eu reencontrava os vegetais da minha infância, dos meus amores, dos meus presentes para as namoradas. E ele me pergunta espantado:

— O que é que está ocorrendo com você?

— Puxa, rapaz, mas depois de tantos anos sem ver essas coisas, você ainda pergunta o que é que está acontecendo? Isso é um encontro de amor entre mim e as avencas.

Bem, é porque eu também tinha as avencas no meu corpo consciente, como marcas da minha infância, da minha adolescência e da minha existência. Quer dizer, eu sou, também, as avencas.

Bem, eu agradeço de novo, enormemente, a você, à Televisão Universitária, a todos que tenham tido a paciência de ir até o fim com esse papo. Como vocês são, tanto quanto eu, nordestinos, eu não preciso deixar aqui nenhuma das minhas marcas, mas deixo meu abraço e meu querer bem.